

PORQUE CONTINUAMOS O NOSSO APOIO

O AVANÇO DA LUTA

Este ano os metalúrgicos de ABC, principalmente São Bernardo, conseguiram resistir aos patrões, o governo, e a repressão durante 42 dias. Mesmo com a prisão de sua liderança, o fechamento dos locais de assembléias e a tomada do sindicato por interventores, os trabalhadores continuaram em greve.

Eles fizeram despertar novas lideranças e criaram novas formas de organização, como: reuniões permanentes nos bairros, visitas aos companheiros em greve e aos fura-greves, a organização dos piquetes dos ônibus.

Esta resistência dos trabalhadores foi fortalecida pelo apoio em alimentos, dinheiro, atos públicos, e assistência jurídica da população de São Paulo e do Brasil inteiro.

Nem o prejuízo financeiro quebrou a disposição de luta dos trabalhadores. Tanto que eles estão decididos a continuar a resistência dentro das fábricas.

O próprio governo reconheceu que saiu desgastado pela sua intervenção ao lado dos patrões e pela recusa de reabrir as negociações com os trabalhadores. O governo e os patrões preferiram causar à nação prejuízos superiores à 30 bilhões de cruzeiros que ceder uma migalha aos trabalhadores.

A IGREJA PRESENTE

Na sua participação no apoio aos trabalhadores em greve, a Igreja vem cumprindo seu compromisso preferencial com os pobres e oprimidos (Puebla). Sem decidir pelos trabalhadores, a Igreja vem apoiando suas decisões, defendendo o direito legítimo dos trabalhadores decidiram o seu destino.

A luta dos metalúrgicos não é só deles, nem só para o proveito deles, mas ela ajuda todos os trabalhadores. ... É preciso animar o povo a participar e apoiar todas as greves justas e pacíficas, para que a UNÇÃO DO POVO se fortaleça.

Dom Cláudio Hummes, Sto. André

NOSSO APOIO NÃO TERMINOU

Os efeitos desta luta vão continuar: falta de pagamento, demissões, ameaças. É importante que estes trabalhadores não sofram mais do que estão sofrendo. Há muito aluguel, luz, água, e gas para pagar. Há comida a ser comprada todos os dias. Há condução (que já subiu).

Nosso compromisso não terminou. É preciso continuar a arrecadação e distribuição de alimentos e dinheiro. É importante criar novas formas de arrecadação, como kermesses, bazaar, forró, bailes, pedágio e listas nas fábricas.

NOSSA SOLIDARIEDADE COMO CRISTÃOS FAZ
PARTE DA LUTA DE LIBERTAÇÃO DE TODA A
CLASSE TRABALHADORA.

Pastoral Operária - Arquidiocese de São Paulo

3º) "A Evangelização no mundo do trabalho, para ser eficaz, deve consistir, em primeiro lugar, na conscientização dos trabalhadores, sobre a sua dignidade de filhos e colaboradores de Deus: deve procurar, igualmente, torná-los participantes da comunidade eclesial e incentivá-los a assumirem as suas responsabilidades, como trabalhadores na construção desse mundo, segundo os desígnios do Pai". (Doc. 28 CNBB - nº 239 - pág. 114)

4º) "Lembrai-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos" (Tiago - 5,4).

Conversar na comunidade

- . O que você ouviu falar a respeito desta campanha salarial unificada?
- . É possível ficar fora dessa luta?
- . Como você pode participar?
- . Como agir enquanto comunidade?

CONSTRUIREMOS UM SINDICATO FORTE E DA CLASSE TRABALHADORA PARTICIPANDO E SENDO SINDICALIZADO

SINDICALIZE-SE!



DISCUTINDO E PARTICIPANDO;
ORGANIZADOS SOMOS FORTES!

CAMPANHA SALARIAL UNIFICADA

"ESTÁ EM MARCHA A MAIOR CAMPANHA SALARIAL QUE SÃO PAULO JÁ VIU EM TODA A SUA HISTÓRIA"

É a primeira vez que trabalhadores de 18 categorias:

Químicos-SP	Metal.-Osasco	Comerciários
Químicos-ABC	Metal.-Guarulhos	Carnes e Frios
Químicos-Osasco	Ferroviários	Serviços
Quím.-Guarulhos	Marceneiros	Couros
Plásticos-SP	Comunicação	Texteis
Metalúrgicos-SP	Gráficos	Abrasivos

UNEM-SE NA LUTA POR:

- Reajuste trimestral
- Reposição das perdas salariais
- 40 horas semanais

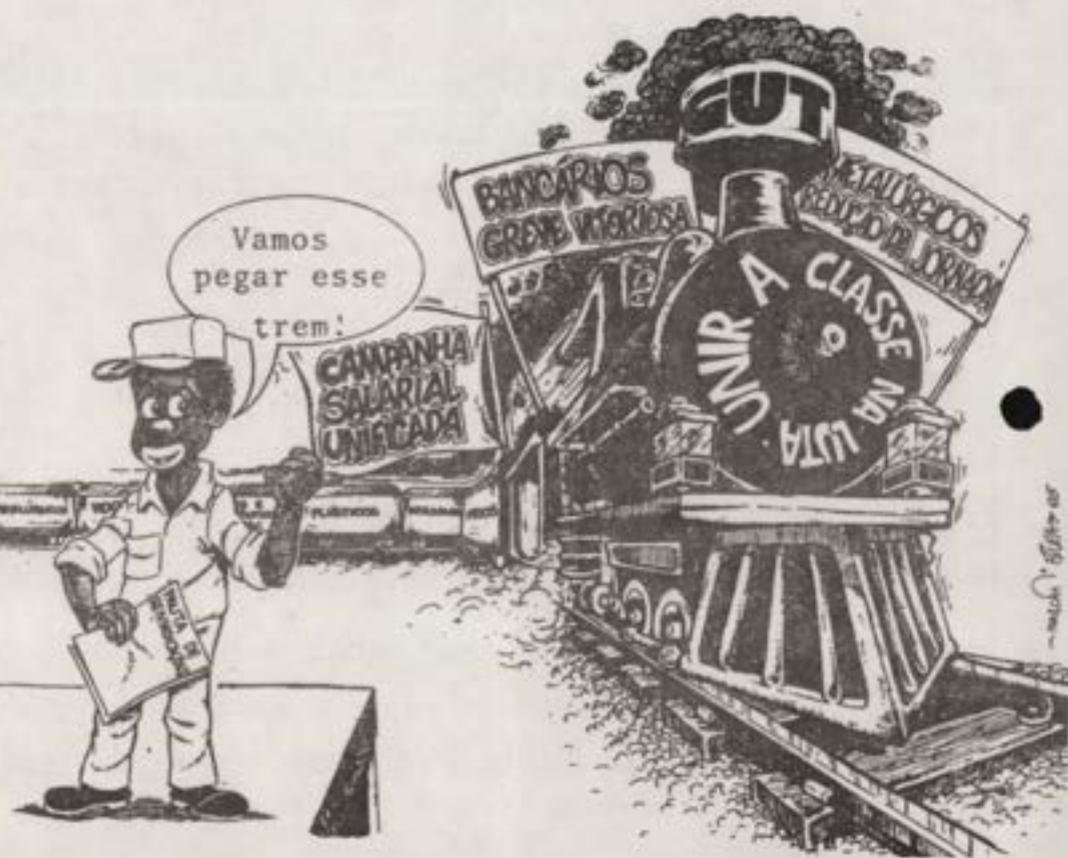
JUNTOS SIGNIFICAM UM MILHÃO E CEM MIL TRABALHADORES

É a classe trabalhadora superando na prática as tentativas de divisão interna no movimento sindical e se preparando para mostrar a sua força.

Como fica a P.O. e as CEBs diante desta luta?

Neste momento, nós da Pastoral Operária que somos trabalhadores cristãos e membros das comunidades, sentimos o chamado para engrossar a luta de nossa classe.

Apelamos também a todos os trabalhadores de nossas comunidades para discutir e participar na sua categoria e no apoio concreto.



Por que a P.O. apoia esta luta?

1º) É princípio da P.O. apoiar, na prática, todas as justas reivindicações dos trabalhadores. Isto porque somos parte desta classe e temos o adicional da fé no Filho do Carpinteiro. Como trabalhadores, temos que atuar dentro do movimento participando, ajudando a pensar e a caminhar concretamente ações que conduzam à vitória da classe.

Quando mais de um milhão de trabalhadores acham importante unificar a luta por melhores condições de trabalho é imperativo a participação da Pastoral Operária.

2º) Quando a igreja fala da opção preferencial pelos pobres, diz que ela "para ser concreta e eficaz no atual momento histórico, deve ser explicitada 'como opção pelos homens do trabalho'. Neste sentido deve ser concretizada a nossa efetiva solidariedade para com a luta dos trabalhadores reconhecendo a necessidade de se promover a dignidade do trabalhador e do seu trabalho.

"Esta solidariedade é tanto mais necessária quanto mais a exigem a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome". (Doc.28, nº 44, p.40-41 e Laboren Exercens 8,3 e 18)

PASTORAL OPERARIA DA DIOCESE DE S. ANDRÉ (ABC)

SUGSTÕES DE ROTEIRO PARA REUNIÕES DE BAIROS OU SETORES DAS CIDADES, A SEREM REALIZADAS ANTES DO 19 DE MAIO.

-1- O porquê destas reuniões.

A coordenação da Pastoral Operária do ABC se reuniu nesta Semana Santa com os propósitos seguintes:

- 1- Fazer um balanço de sua atuação como conjunto, e da atuação de seus membros, durante a greve metalúrgica de Março.
- 2- Ver qual deve ser nossa atitude atual como continuidade daquela atuação.
- 3- Preparar a celebração do 19 de maio, que cai dentro dos 45 dias de espera do acordo dos metalúrgicos.

Conclusão dessa reunião:

Propor às equipes de base de nossa Pastoral, aos operários das paróquias, dos bairros, dos Movimentos operários de Igreja, como também às comunidades eclesiais de base da periferia, fazerem reuniões nos bairros para discutir também esses pontos.

Dai saiu esta proposta de um roteiro, como sugestões para realizar essas reuniões.

-2- Primeiro ponto proposto : AVALIAÇÃO DE NOSSAS ATITUDES DURANTE A GREVE METALÚRGICA.

Podem ser colocadas as seguintes perguntas, ou algumas delas:

- a) Porquê saiu a greve?
- b) O QUE FOI FEITO PELA COMUNIDADE (OU PELAS EQUIPES PRESENTES, SE TIVER VARIAS) DURANTE A GREVE?
Nota - Se o número de pessoas for reduzido, seria bom perguntar a cada um o que ele fez.
- c) O que o pessoal achou da atuação da polícia, do governo e dos patrões durante a greve?
- d) O que o pessoal achou da atuação do Sindicato?
- e) Como foi a organização das greves? Papel da Diretoria, assembleias, comissão de salários, organização dentro da fábrica.

f) O que o pessoal achou da ação dos piquetes?

g) Como foi organizado o Fundo de greve?

O coordenador pode dar mais informações (que estão em outra folha) e salientar a importância desse fundo para a vitória da greve.

h) O que o pessoal achou da atuação da Igreja durante a greve? Do Bispo, da Pastoral Operária, das comunidades paroquiais ou outras, dos padres?

i) E os fura-greves: o que o pessoal pensou deles? Qual a melhor atitude para com eles?

j) O que o pessoal achou das notícias e avisos dados pelo rádio, jornal e TV, principalmente depois da intervenção nos sindicatos?

k) O que o pessoal achou da volta ao trabalho e do acordo provisório? (Os termos do acordo estão no anexo)

l) Como foi a atitude dos patrões depois da volta ao trabalho?

29/4/79 -
+3- .Segundo ponto proposto: O QUE DEVE SER FEITO ATÉ O DIA 10 DE MAIO ?

a) Como informar o pessoal do bairro sobre a marcha das negociações? - Sugestões:

-Fazer jornais-murais no local de encontro, ou em bares próximos mais frequentados.

- Utilizar recortes de jornais.

-Fazer cartazes, faixas, etc.

- Obter informações com as Diretorias cassadas e com as Comissões de salários.

b) Participar das reuniões por fábrica e das Assembleias gerais que estão se realizando nas igrejas.

Fazer outras reuniões e assembleias que ajudem a organização nos bairros. Por exemplo, dar continuidade a esta reunião.

c) Porquê as palavras de ordem de não fazer horas-extra, e fazer operação-tartaruga?

Nota: As nossas horas-extra e o nosso trabalho intensivo só vai ajudar os patrões a formar estoques, e com isso se fortalecer para enfrentar uma possível parada nossa.

- d) Seria possível organizar piquetes no bairro, se for necessário?
- e) Como podemos colaborar com a continuidade do Fundo de greve de nosso bairro ou setor?
- f) Há fábricas que tem demitido pessoal e não pagaram as horas paradas, apesar do acordo provisório.
O que podemos fazer para esses companheiros?



O PRIMEIRO DE MAIO

Lembrar que não é um dia de festa, e sim um dia de luta.

- Está sendo programado pelos patrões e pelo governo um show de seleções de futebol, com artistas, etc. Querem fazer uma festa para o trabalhador.
- O nosso 1º de Maio vai ser diferente: Vamos fazer um dia de luta, um dia de apoio aos metalúrgicos e contra o desrespeito dos patrões e governo ao acordo.
- a) Está sendo organizado por muitos sindicatos e oposições sindicais da Grande São Paulo, um 1º DE MAIO UNITARIO.
Será realizado no Estádio da Vila Euclides, em São Bernardo, às 15 horas e 30.
- b) Também está programada uma Missa campal no Paço Municipal de S. Bernardo (muito perto do Estádio da V. Euclides) para as 14.30 celebrada para os trabalhadores do ABC e do Grande S. Paulo, nessa mesma data, levando muito em conta a expectativa dos metalúrgicos na sua luta. A liturgia dessa missa foi preparada pela Pastoral Operária do ABC.
- c) Será que podemos organizar um grande comparecimento dos trabalhadores de nosso bairro a esses dois atos?
 - Facilitaria alugar um ônibus?
 - Ou organizar uma ida conjunta nas linhas normais de ônibus?
 - Como fariamos a propaganda?
- d) A Pastoral Operária e o Bispo D. Claudio pediram aos Vigários utilizar uma liturgia adaptada para o 1º de Maio, nas missas do domingo 29. Poderíamos pedir para colaborar NA ORGANIZAÇÃO dessas missas fazendo as leituras, comentários, etc.

-5- REFLEXÃO SOBRE OS ACONTECIMENTOS À LUZ DO EVANGELHO

Faz pouco tempo celebramos a Semana Santa, e em muitas igrejas os fatos da greve apareceram repetidas vezes durante as celebrações, em comentários, teatrinhos e orações.

É que a morte e a Ressurreição de Jesus Cristo continua acontecendo em nosso meio, em nossa vida operária de cada dia.

Propomos então a leitura de um trecho da Carta de Paulo aos Romanos, capítulo 6, vers. 1 a 11, para fazer uma reflexão.

"Por tanto, que é que vamos dizer? Que devemos continuar a viver no pecado para que a graça de Deus cresça ainda mais? É claro que não! Já morremos para o pecado; então, como podemos continuar vivendo em ele? Com certeza vocês sabem que quando fomos batizados em união com Jesus Cristo, também fomos batizados em união com sua morte. Assim pelo nosso batismo fomos enterrados com ele, e participamos de sua morte. E isto para que, como Cristo foi ressuscitado pelo poder glorioso do Pai, assim também nós vivamos nova vida.

Pois sê fomos unidos a ele por morte igual à dele, também seremos unidos a ele por ressurreição igual à dele. Porque sabemos que o nosso velho ser já foi morto com Cristo na cruz, para que a nossa natureza pecadora fosse destruída, e assim não fôssemos mais escravos do pecado. Porque quem morre já está livre do poder do pecado. Se já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele. Sabemos que Cristo foi ressuscitado e nunca mais morrerá, pois a morte não tem mais poder sobre ele. A sua morte foi morte para o pecado, e de uma vez para sempre. E a vida que ele agora vive é vida para Deus. Assim também vocês devem se considerar como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em união com Jesus Cristo:

L - Podemos propor à turma, ou melhor ajudar eles a descobrir, que o velho ser que deve morrer e ser enterrado, é por exemplo:

- O egoísmo dos patrões que negaram um aumento justo.
- A violência da ploidia que impediu até o diálogo com os companheiros que vacilavam entre entrar ou não a trabalhar, que bateu e prendeu.
- A falta de consciência de classe dos fura-greves, ou dos que ficaram passivos demais durante a greve.

E assim por diante...

Mesma coisa, vendo que a nova vida, a vida com Cristo ressuscitado pode ser:

- A coragem dos companheiros que riscaram perder o salário de muitos dias, e até perder o emprego, ou ser presos, lutando por uma causa justa.
- A generosidade dos que, muito cedo, foram formar piquetes para convencer pacificamente seus colegas a aderir à greve, e assegurar assim o sucesso dela.
- A clareza de consciência dos companheiros que ajudaram os outros a tomar um caminho certo nos acontecimentos, falando nas Assembleias, reuniões no bairro, ou em pequenos grupos por toda a parte. E especialmente dos que viram que a greve é só um passo na caminhada da classe operária para sua libertação. E etc. etc.

O resumo de nossa reflexão seria este:

- Morrer ao egoísmo, à cegueira, à vida mole durante a greve, foi morrer com Cristo.
- Vencer o medo, ter sido solidário e corajoso, foi ressuscitar com Cristo.
- Fazer isso, tomar consciência disso, e agradecer essa vida nova, é ser cristão, é viver em união com Cristo ressuscitado.

QUAL É A SAÍDA?

O governo faz tudo isso e ainda quer que os trabalhadores fiquem quietinhos, como se fossem vaquinhas de presépio. Para isso manda a polícia prender e arrebentar, processar trabalhadores e mete intervenção nos sindicatos. E nós, com tudo isso acontecendo, vamos ficar calados? Vamos esperar nossos filhos e nossos irmãos morrerem de fome, prá só depois percebermos que o caminho é a luta?

O Governo não vai ser bonzinho com a gente. Só conseguiremos mudar esta situação numa luta onde participem todos os trabalhadores, de todas as profissões, unindo o Brasil inteiro. Nós somos a maioria, até quando vamos deixar que uma minoria nos roube desta forma?

PREPARAR A GREVE GERAL PARA MUDAR A SITUAÇÃO!

Há várias formas de lutar contra o governo e os patrões, mas a mais eficiente é a greve. Fazer greve significa parar a produção e parar a produção significa parar o lucro do patrão, que é farinha do mesmo saco como o governo. Não adianta o patrão ter fábricas enormes e máquinas modernas se não tiver operário trabalhando. Só com as máquinas paradas é que o governo e os patrões conseguem nos ouvir.

Por isso, o Congresso da Classe Trabalhadora (CONCLAT) realizado em agosto deste ano e que contou com a participação de mais de 5 mil trabalhadores do Brasil inteiro, decidiu: Se o Governo não retirar o Decreto-Lei até 14 de outubro, vamos partir para outra Greve Geral no dia 25 de outubro. O CONCLAT fundou a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que encaminhou as reivindicações dos trabalhadores ao Presidente - Figueiredo. O prazo para a resposta é até o dia 14 de outubro. Se não forem atendidas as reivindicações: Greve Geral em 25 de Outubro. É essa a saída, só com luta é que mudaremos esta situação.

GREVE GERAL

Caráter: A greve é de caráter político-reivindicativo

Eixo Central: Decreto 2.045 e as bandeiras encaminhadas no documento enviado ao presidente da República, que são:

- Contra o Decreto-lei 2.045
- Contra o Decreto-lei 2.036 (Pacote das Estatais)
- Pelo não pagamento dos 130% do BNH
- Pela mudança da política econômica atual
- Pelo rompimento com o FMI
- Por liberdade e autonomia sindical

- Por liberdade de organização política

- Pela reforma agrária sob controle dos trabalhadores

- Pelo não pagamento da dívida externa

- Pela revogação da Lei de Segurança Nacional

- Por eleições diretas em todos os níveis

- Por estabilidade no emprego e salário desemprego

- Pelo fim das intervenções nos sindicatos e pela reintegração das diretorias cassadas

- Pela redução da jornada de trabalho sem redução dos salários

ASSIM NÃO DÁ MAIS! VAMOS ENTRAR NA LUTA CONTRA ESSA SITUAÇÃO!

Vamos discutir e Preparar a Greve Geral:

Reunião: Dia 16 de Outubro de 1983.

Local: Igreja São Felipe Neri (S.Lucas) - Na sala da frente.

Horário: 18:00 horas.

Contaremos com a presença dos Companheiros:

Agenor Narciso - Presidente do Sindicato dos Químicos do ABC

Membro da Direção Nacional da CUT

João Paulo - Diretor cassado do Sînd. dos Meta úrgicos de São Bernardo e Diadema.

A CUT decide: greve no dia 25 de outubro.

Se o governo não retirar o Decreto-Lei nº 2.045 do Congresso, virá a greve.

CUT anuncia ações contra o 2.045 e marca greve

A representação nacional da Central
Geral dos Trabalhadores (CUT)
realizada pela primeira vez desde que
foi criada, no 1º Congresso da Classe
Trabalhadora (Coclat), em São
Bernardo do Campo, em 1978.

Ato público reúne 300
pessoas em Santo Amaro
Cidade de São Paulo

Lideranças organizam categorias para greves contra o DL-2.045

PELA DERRUBADA DOS DECRETOS-LEIS CRIADOS OU QUE VENHAM A SER CRIADOS PARA ARROCHAR OS SALÁRIOS!
PELA DERRUBADA DA ATUAL POLÍTICA ECONÔMICA DE ARROCHO!

O QUE É O 2045?

O QUE SIGNIFICA O DECRETO LEI 2045?

Veja bem, por este decreto-lei, o patrão vai dar apenas 80% do INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor) e fica com os 20% pra ele. Quer dizer, se o reajuste do salário for de 60%. Aplicando o decreto-lei 2045 receberemos apenas 48%. Os outros-12% ficam para o patrão.

O que significa isto? Significa que se o Decreto Lei 2045 passar, vamos perder o 13º inteirinho (abono), o 12º salário também inteiro (salário de dezembro) e mais 19 dias, 5 horas e 45 minutos do 11º salário. Isso é o mesmo que perder, SEM DEIXAR DE TRABALHAR, 79 dias, 5 horas e 45 minutos por ano.

O Decreto Lei 2045 desmascara a Abertura Política

Em países dito democráticos, não existe esta prática de decretos-leis. Só no Brasil e em alguns países da América Latina que acontece coisa deste tipo. A democracia se supõe um governo do povo e para o povo. Não é o nosso caso: não fomos nós que elegemos o Presidente. A verdade é uma só: o governo sabe que este decreto vai provocar mais miséria e mais desemprego. Mas, este governo está a serviço do capital nacional e multinacional. Este Decreto é uma exigência do FMI (Fundo Monetário Internacional) e para este governo vende-Pátria, ele tem que passar.

O 2045 VAI AUMENTAR O NÚMERO DE DESEMPREGADOS

Preste atenção: O Governo do General Figueiredo quer justificar o 2045, alegando que vai gerar mais empregos. É MENTIRA! A VERDADE é a seguinte: com o decreto-lei os trabalhadores ganharão menos, certo? Portanto, menos eles vão comprar. Bem, quantos menos produtor os trabalhadores compram, menos as fábricas vão produzir, certo? E quanto menos as fábricas produzem, mais gente vai ficar sem emprego. Além disso, se os trabalhadores comprarem menos, as fábricas vão encher seus estoques. Com a mercadoria estocada, os patrões vão mandar embora, certo? Conclusão: de 4 milhões de desempregados que temos agora, este número vai pular para mais de 7 milhões de desempregados em 2 anos.

O DL 2045 e o Custo de Vida

Bem, se ganhamos menos, vamos comprar menos. Já não está dando pra comer a gora, imaginem recebendo menos. O feijão, arroz, etc, todo dia sobe de preço, a carne se tornou artigo de luxo, a restação dos mutuários é insuportável (130%); o preço do aluguel não dá pra guentiar, por isso crescem as favelas; a água e a luz sobem cada vez mais (mesmo sendo de responsabilidade do Governo estadual). Enfim, se hoje fizermos uma despesa com 40 mil, amanhã precisaremos de mais 40 mil pra fazer a mesma despesa. Isto significa que o custo de vida sobe de elevador enquanto que os salários descem de escada. Com a inflação subindo e o salário congelado, vamos comer o quê? Como fica a nossa situação?

Contribuição para uma PASTORAL no MUNDO do TRABALHO

O 29 e o 39 Planos Bienais do Regional Sul 1 assentaram como prioridade a Pastoral no Mundo do Trabalho. Em Brodósqui a assembleia reafirmou a prioridade marcando com isso sua importância.

A Igreja atua sobre pessoas. A prioridade pelo "Mundo do Trabalho" deve fazer ressaltar a ação da Igreja sobre as pessoas que participam desse mundo do trabalho.

Precisamos, pois, compreender quem faz parte do "Mundo do Trabalho" para delinear a orientação da ação da Igreja.

1. Ver a realidade: a situação dos trabalhadores no Est. de SP

São Paulo conta com uma população residente de 21.679.931 (PNAD - 1976), sendo que 84,7% concentrada na zona urbana e 15,3% na zona rural. A estimativa da população para 1980 é de 24 milhões de habitantes (91,87% na zona urbana e 8,13% na zona rural).

Dessa população de 21.679.931 habitantes,

7.268.814 estão na faixa etária de 1-14 anos
 6.538.380 estão na faixa etária de 15-29 anos
 5.048.428 estão na faixa etária de 30-49 anos
 2.824.309 têm acima de 50 anos.

Das pessoas de 10 anos e mais existem 8.791.836 economicamente ativas enquanto o resto (8.083.200) são não economicamente ativas. Dos economicamente ativos podemos ver:

empregados.....	7.134.852	=	80,3%
autônomos.....	1.159.499	=	13,0%
empregadores.....	305.420	=	3,5%
não remunerados.....	286.315	=	3,2%

Em 1970, 134.735 pessoas tinham uma renda mensal acima de Cr\$2.001,00 enquanto 4.144.072 pessoas recebiam uma renda mensal abaixo de Cr\$300,00. Em 1976 (segundo fonte do PNAD) os 16.875.036 habitantes de São Paulo se distribuem assim segundo as rendas que recebem (só contamos as pessoas acima de 10 anos de idade):

220.072	1,3%	recebem mais de 20 salários
485.041	2,8%	recebem de 10 a 20 salários
1.096.986	6,5%	recebem de 5 a 10 salários
2.867.259	16,9%	recebem de 2 a 5 salários
2.941.065	17,9%	recebem de 1 a 2 salários
1.496.880	8,8%	recebem de meio a 1 salário
508.248	3,0%	recebem de 1/4 a meio salário
84.768	0,5%	recebem até 1/4 de salário
7.161.904	42,4%	não têm rendimento

O número de sindicatos de empregadores em 1978 era de 411 enquanto que o dos empregados era de 610.

Esses dados todos servem para se poder avaliar a importância da realidade do Mundo do Trabalho. Agora, pergunta-se, como está estruturado esse mundo?

A estrutura do Mundo do Trabalho

O Mundo do Trabalho se constitui de um conjunto de classes sociais com interesses antagônicos. Habitualmente se distingue a grande classe dos trabalhadores, compreendida como aquela que não detém o capital mas apenas fornece a mão-de-obra para fazer frutificar o capital mediante um salário; e, a classe, mais reduzida numericamente, dos proprietários do capital que são os responsáveis pela manutenção do status quo social e se beneficia dos lucros que o capital lhes traz, possibilitando-os de levarem uma vida (com sua família) bem mais confortável do que a maioria da população.

A situação da grande massa dos trabalhadores assalariados é de descontentamento. E isso é devido à exploração que sofrem. Para se deixar convencer dessa realidade basta ver o quadro abaixo da distribuição da riqueza produzida pelas trabalhadoras:

População	1960	1970	1976
Os 50% mais pobres participavam de	17,71%	14,91%	11,8% da renda nacional
Os 30% participavam de	27,92%	22,85%	21,20% da renda nacional
Os 20% mais ricos participavam de	54,35%	62,24%	67% da renda nacional

São os próprios bispos do Brasil quem denunciam essa situação de injustiça (cf. CEBB - Subsídios para uma política social, nº 9) quando clamam pela necessidade urgente de se distribuir a riqueza concentrada nas mãos de uma minoria. É na manutenção de tal estrutura que se deve ver a responsabilidade da tensão entre as classes sociais gerando uma perturbação e um desequilíbrio no conjunto da sociedade. Contudo, a Igreja já tomou consciência de que os agentes dessa transformação não serão aqueles que usufruem de tais privilégios, mas aqueles que sofrem as suas consequências. Essa é a razão pela qual a Pastoral no Mundo do Trabalho deve optar pela ótica e pelos interesses do pobre e do oprimido, conforme nos lembra as conclusões de Puebla. É preciso que a Pastoral concentre sua ação nesse meio se quiser vir a ser eficaz na transformação da sociedade.

A manutenção da estrutura

Qual seria o mecanismo que permite a exploração da massa dos trabalhadores? Procuremos examinar 3 pressupostos que servem de suporte para a justificação da atual situação de injustiça:

1) A defesa da propriedade privada.

A defesa da propriedade privada dos meios de produção se tornou um axioma clássico sendo até sancionado pela "Doutrina Social da Igreja" até que o papa João Paulo II tenha vindo lembrar que sobre toda propriedade permanece uma hipoteca social (Discurso Inaugural III,4 AAS 71 p.200). É importante ressaltar que na tradição da Igreja sempre houve o consenso de que o homem é apenas gerente dos bens desse mundo e que jamais se admitiu que o homem pudesse exercer um poder absoluto sobre os bens. E São Tomás ensina que os bens temporais são destinados por Deus à universalidade dos homens (Suma Teológica II-II, q.66, al). Nessa tese trata-se de um direito natural primário ao qual todos os outros devem estar subordinados, a ponto de não haver justiça social numa comunidade se esse princípio for violado.

2) A divisão do trabalho.

O desequilíbrio da sociedade é fruto da divisão do trabalho entre a classe social que detém o capital e a classe que oferece a força de trabalho. A Igreja não ignora a luta que se trava entre esses interesses antagônicos. É por isso que, como Cristo, ela faz a opção pelo lado mais fraco, pelo oprimido e explorado. A força do Evangelho deve agir como energia que impulsiona o crescimento de uma semente que deverá desabrochar a partir dos oprimidos, levando-os a destruírem a ordem social injusta e a proclamarem o Reino de Justiça e de Paz.

3) A apropriação da mais-valia

O terceiro pressuposto que deve ser esclarecido diz respeito à apropriação da mais-valia, produzida pelo trabalhador e embolsada pelo proprietário dos meios de produção. Para manter esse statu quo a classe dominante se utiliza dos aparelhos à sua disposição: a força policial-militar para reprimir aqueles que contestam a ordem social e almejam criar a possibilidade de uma nova ordem social; a estrutura jurídica que acoberta de legalidade o sistema em funcionamento; e, o complexo burocrático-governamental encarregado de pôr em execução o sistema tal como ele se apresenta.

Os efeitos produzidos por essa estrutura iníqua já foram amplamente denunciados pelos documentos da Igreja (cf. Exigências cristãs de uma ordem política: "ser marginalizado é ser mantido fora... etc. nº 23). Ora, esses efeitos só serão inteiramente extirpados do corpo social quando se atingirem as raízes que o alimentam e sustentam.

2. Julgar a realidade: a tomada de consciência dos trabalhadores

Olhando para trás percebemos os traços deixados pelos trabalhadores na busca de melhor compreender sua própria situação assim como as tentativas experimentadas para influir no processo político-social com vistas a modificá-lo. A história do movimento operário ilustra a luta da classe operária para conseguir defender seus interesses face à agressão que vem sofrendo por parte

dos detentores do poder. As conquistas dos trabalhadores estão carregadas de muito esforço e suor. A razão disso é que a classe detentora do capital nunca permitia que os trabalhadores se organizassem livremente para se defenderem como classe. A estrutura sindical no Brasil impede a mobilização dos trabalhadores. As diretorias fazem o jogo do sistema e abafa qualquer reivindicação, impedindo a organização da classe trabalhadora. A estrutura sindical tem um conflito na sua origem porque nasceu atrelada ao governo que faz as vezes de representante dos interesses do capital.

Contudo, o trabalho mais importante que os trabalhadores vem desenvolvendo no Brasil desde 1931 (data de março o decreto nº 19.770 que subordina os sindicatos ao governo) junto aos próprios companheiros é o de denunciar a situação superficial e ambígua dos sindicatos (através das oposições sindicais) que uma vez atrelados e controlados pelo governo, impedem que os interesses dos trabalhadores sejam de fato representados nos momentos decisivos do interesse da classe.

A união das classes trabalhadoras numa Central Única dos Trabalhadores se impõe, portanto, como um imperativo urgente para pôr freio à situação de desigualdade e injustiça que vêm sofrendo há tanto tempo os trabalhadores. Essa união foi dificultada pela classe detentora do capital que via nisso uma séria ameaça para os seus interesses e privilégios.

É sabido que da classe detentora dos meios de produção emana a ideologia que impregna toda a sociedade, e, portanto, todos os seus membros, inclusive as classes oprimidas e exploradas. Por isso é que a pedagogia mais adequada para libertar a classe trabalhadora dessa subserviência ideológica encontra eco nas proposições do educador Paulo Freire, especialmente quando ele prega a necessidade do oprimido "desintroyetar" o opressor que vive dentro dele. Na sociedade de classes o oprimido "pensa" como o opressor, e isso o impede de ver claro a realidade e de lutar pelos seus próprios interesses.

3. Agir sobre a realidade: as mediações de uma pedagogia libertadora

A Igreja não permanece indiferente diante do que acontece com seus membros, sobretudo a grande massa dos trabalhadores. Por outro lado, sua ação não pode se fundamentar num plano meramente sentimental explodindo em gestos de espontaneísmos difusos de caridade realizada apenas no plano individual (como se sua função não fosse de corrigir os erros consequentes das opções políticas, sociais e econômicas assumidas pela classe dirigente).

A ação da Igreja precisa ser eficaz, coordenada e precisa. Par-se necessário que a Igreja saiba diagnosticar os males que afligem a sociedade. Não tendo o monopólio da verdade mas sendo capaz de discernir onde ela se encontra em virtude da luz (revelação) que recebeu de seu fundador, a Igreja se encarna junto a todo homem de boa vontade que se empenha em transformar a atual situação marcada pela injustiça, por uma outra onde os males sejam supressos.

A Pastoral no Mundo do Trabalho não é uma realidade a ser criada. Ela já existe. Foi organizada há algum tempo e já é hora de ser levada mais a sério. Cada diocese deveria constituir o seu núcleo de Pastoral no Mundo do Trabalho, concretizando assim a opção já assumida em assembléias anteriores. Constituídos, esses núcleos poderiam se ir aglutinar em torno de um núcleo a nível do Regional a fim de se responsabilizar pela coordenação e pelos serviços que estimulariam e alimentariam os núcleos locais de base. Isso poderia vir a constituir uma ajuda eficaz e uma força significativa ao próprio movimento dos trabalhadores. A Igreja, então, formada pelo povo de Deus junto com seus pastores como quer a Constituição Pastoral *Lumen Gentium*, estaria atuando a partir de dentro dela mesma e o Cristo transpareceria identificado com aqueles que lutam pela libertação das injustiças

Eis algumas pistas concretas de ação que unificam o movimento dos trabalhadores:

- a) A Pastoral no Mundo do Trabalho se identifica na luta por sindicatos livres da tutela dos órgãos governamentais.
- b) A Pastoral no Mundo do Trabalho opta por uma inserção no trabalho de base, pela formação das comissões de fábrica e das interfábricas como instrumento de tomada de consciência pelo trabalhador de sua situação. Desse modo ele poderá assumir seus próprios problemas e tentar encaminhá-los na busca de uma solução de classe através da solidariedade.
- c) A formação das comissões de fábrica permite aos trabalhadores de tomar consciência das condições precárias de trabalho a que são submetidos e a se unirem para exigir melhores condições de trabalho e proteção no serviço.
- d) No campo é preciso assumir e dimensionar a problemática referente aos bônus-frias e aos sindicatos rurais.
- e) Os grupos da Pastoral no Mundo do Trabalho devem ser estímulo e fermento para os trabalhadores cristãos, alertando-os para a necessidade de inserção no movimento histórico que é preciso encarnar. Inserção na classe trabalhadora e identificação com suas necessidades e seus interesses.
- f) Tomar conhecimento dos Relatórios: a) Encontro de Sorocaba de 7/8 set 1978, e, b) Encontro Regional da Pastoral Operária do Mundo do Trabalho realizado em Sorocaba 8-9-10 de setembro de 1978. Conhecer ainda o Boletim da Comissão de Pastoral Operária (publicado em Volta Redonda: C.P. 393 CEP 27.180 RJ). Há ainda as publicações sobre a Igreja e o Mundo do Trabalho pela Arquidiocese de S. Paulo (Av. Higienópolis, 890 - S. Paulo).
- g) Atuar junto aos sindicatos e às oposições sindicais.

SUGESTÕES PARA AS FAIXAS

- "Ai daqueles que constrói sua casa sem justiça" (Jr. 22.13.)
- "O operário é digno de seu sustento" (Mateus 10,10)
- "Ai dos que ajuntam campo a campo" (Miquêias, 2,2).
- "Ai daquele que ajunta ganhos injustos" (Habacuc, 2,9)
- "Devolvi-lhes sem demora seus campos e cidades" (Neemias, 5,11)
- "Sacia de bens os famintos, despede os ricos sem nada" (Lucas, 1,52)
- "Abate os poderosos de seus tronos, e eleva os humildes" (Lucas, 1,52)
- "Pai Nosso, o povo passa fome".
- "A Reforma Agrária é o novo nome da Justiça".
- "A luta pelo emprego, é luta pela Vida".
- "Trabalho e Justiça para Todos".
- "Manifestando o poder de seu Braço, dispersou os soberbos". (Lucas, 1,51)
- "Reforma Agrária, Já, para que Todos tenham Vida".
- "Terra de Deus, terra de Irmãos".

* * * * *

Comissão Past. Operária Nacional
09 de julho de 1985.

PROPOSTA DE UNIFICAÇÃO DA "AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA" (A.C.O.) E A PASTORAL OPERÁRIA DO ABC , COMO MOVIMENTOS.

O OBJETIVO seria evitar a multiplicação de equipes de base de trabalhadores^S cristãos nos mesmos bairros e nos mesmos ambientes de trabalho, com a divisão de forças que isso provoca, e a multiplicação de esforços de alguns militantes. Evitaria também a multiplicação de "campanhas", atividades e Dias de Estudo separados.

Unificadas as equipes de base, ficariam no ABC, o Movimento A.C.O. , com sua autonomia de movimento leigo, seus relacionamentos nacionais e internacionais (com o Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos), e por outro lado um Conselho Diocesano de Pastoral Operária para atender as tarefas mais diocesanas.

MÉTODO - O caminho para essa unificação poderia ser o seguinte :

- 1º - Discussão por parte das Equipes dos dois movimentos de um plano de unificação progressiva , dos objetivos principais da A.C.O. e da P.O., e das tarefas que ficariam para o Conselho de Pastoral Operária.
- 2º - As equipes de base levariam suas opiniões e sugestões às Coordenações respectivas, que estudariam os novos passos a dar.
- 3º - Esse plano seria elaborado pelos militantes da A.C.O e da P.O., junto com o Bispo e com os assistentes dos 2 movimentos.

CONTEUDO DA PROPOSTA . (A ser discutido)

- A linha fundamental do plano poderia ser que a Pastoral Operária confiasse a A.C.O. do ABC a tarefa de organização e formação dos operários cristãos, e ela ficaria com as seguintes tarefas, por exemplo :

- Representar a "Prioridade da Pastoral do Mundo do Trabalho", em forma permanente no Conselho Diocesano de Pastoral, e nos Setores (Foranias) quando for necessário.
- Relacionamento com os Padres, Religiosas, outros Movimentos de leigos, Comunidades cristãs, etc.
- Coordenação dos grupos de operários cristãos que não aceitarem a unificação com a A.C.O., mas que quisessem seguir as orientações da Diocese em Pastoral Operária.

A militância na ACO seria reconhecida pela Diocese (Bispo, Conselho de Pastoral, Folha Diocesana, etc.) como uma atividade na Prioridade "Mundo do Trabalho".

- A ACO da Diocese se comprometeria a colaborar com o Conselho de Pastoral Operária, e reciprocamente, na medida de suas possibilidades.
- Os problemas comuns seriam resolvidos por reuniões da Coordenação diocesana da ACO e o Conselho de Pastoral Operária, quando for necessário.
- Assembléias de operários, Dias de Estudo, Manifestos, etc, estariam normalmente a cargo da ACO, conforme o método e necessidades deste Movimento. O Conselho da Pastoral Operária cuidaria das necessidades de formação das equipes de trabalhadores que não aceitarem o método ou a orientação da ACO, mas que forem fieis às orientações da Diocese.

Santo André, 29 de outubro de 1980

C. Pa. Pp.
P. 039

PASTORAL OPERÁRIA DE SANTO ANDRÉ
RELATÓRIO DO ENCONTRO REALIZADO EM 17/10/82 na
IGREJA SENHOR DO BONFIM

O encontro foi aberto por volta das 9.00 hs, pelo companheiro Nelson, da equipe de V. Linda, que pediu aos presentes, em número de 15 pessoas para se apresentarem.

Dando sequência à programação foi feita ainda pelo companheiro Nelson, uma exposição das atividades das várias equipes e de como essas atividades foram propostas, planejadas, realizadas e avaliadas os seus resultados. Abrindo um parêntese, Pe. Carlos fez questão de salientar a importância de constantemente lembrar que a P.O. é um grupo de operários C R I S T ã O S organizados.

Sobre o tema do encontro, o método de ação, foi apresentado o seguinte esquema:

1. Objetivo geral maior: Construir uma nova sociedade.
- 1.1. Objetivos menores, imediatos que permitem alcançar o objetivo maior:
 - a) Objetivo religioso
 - b) Objetivo econômico
 - c) Objetivo político
 - d) Objetivo ideológico - mobiliza - dá consciência - organiza -
- 1.2. Avaliação de cada etapa procurando comprovar se os objetivos foram alcançados e correção de rumos caso não levassem ao objetivo maior.

Em seguida foram formados grupos onde foram discutidas e respondidas as seguintes questões:

1. Quais as principais atividades que temos realizado?
2. Quais os acertos mais importantes na questão de métodos, no encaminhamento de nossas ações?
3. Quais as falhas mais determinantes que devemos superar em nosso método?
4. O que vamos fazer para melhorar o nosso método de ação e de formação de nossos companheiros?

Como síntese das respostas dos vários grupos registrou-se o seguinte:

1. Comitê de desempregados, pedágios, arrecadação de alimentos, exibição de filmes, debates, atividades esportivas, reflexão bíblica.
2. Formação da associação de trabalhadores, com participação ampla de todos nas decisões; reflexão constante sobre cada etapa; definir claramente os objetivos; avaliação e crítica.
3. Objetivos imediatos desligados do objetivo geral, falta de continuidade no trabalho, falta de planejamento, falta de critério na escolha de representantes do movimento, promover ações sem consultar o povo sobre seus interesses e propostas.
4. Avaliar cada atividade com o povo; definir claramente os objetivos; nas atividades fazer cada um descobrir o seu valor dentro da sociedade; organizar encontros em datas e horários fixos.

Houve uma plenária onde foram comentadas as respostas dos grupos e ao final realizou-se uma celebração Eucarística com reflexão coletiva sobre o trecho da multiplicação dos pães.

RELATÓRIO

DA PASTORAL OPERÁRIA DO ABC :

Na nossa reunião da equipe de avaliação realizada dia 7 de junho achamos conveniente enviar cópias deste relatório da reunião às equipes.

Nessa reunião constatamos que :

Em alguns setores não foi realizada a reunião programa - da para avaliação das greves.
Em outros setores foram feitas reuniões, mas não houve continuidade no trabalho.

Em outros, as reuniões foram realizadas com bastante proveito e o trabalho continua, mas sem plano definido.

Observamos que durante as greves das várias categorias de trabalhadores, o pessoal da Pastoral estava mais animado e participava das reuniões e das discussões. Este período correspondeu a uma grande mobilização dos trabalhadores.

Com o fim desse período também o ânimo e participação dos membros da Pastoral Operária decaiu. O que é normal.

Além disso algumas das reuniões foram prejudicadas por ter centralizado demais a reunião na projeção do filme sobre a greve, que por acidente não foi projetado nessa ocasião.

Outro motivo constatado para a não continuidade do trabalho foi a falta de um plano de ação de cada setor.

A partir disto, e para solucionar esses problemas, chegamos às seguintes conclusões :

- 1º - Pedir a cada equipe de setor fazer um pequeno plano de atividade, pelo menos para 2 ou 3 meses, e comunicar ele na próxima reunião de avaliação, por escrito.
- 2º - A partir desses planos por setor, discutir um plano regional do ABC.
- 3º - Enviar o relatório desta reunião em forma de Boletim, para ser discutido pelas equipes.
- 4º - Lembrar o pedido feito a Santo André, S. Bernardo e S. Mauá de escolher um representante cada cidade para formar uma Comissão coordenadora.
- 5º - Criação de um setor de Publicações e Material centralizado a serviço das equipes.

CONVOCAMOS PARA UMA REUNIÃO -DIA 7 DE JULHO - NA CURIA DIOCESANA ÀS 17 HS - Mandar 2 representantes por equipe. Pauta proposta:

- Apresentação dos planos por escrito.
- Discussão de um plano geral para o ABC.
- Formação de uma Comissão coordenadora com uma pessoa de S. André, uma de Mauá e uma de S. Bernardo, com um suplente de cada cidade.
- Criação de um setor de Publicações e Material, que poderá ter mostras de publicações de interesse para as equipes, eslaides, projetor, filmes, etc.
- Discussão sobre as consequências, na prática, do caráter Cristão da Pastoral Operária.

Uma solidariedade da pastoral Operaria de Santo André a todos os trabalhadores e ao povo especialmente do Grande ABC:

O DESEMPREGO ESTÁ AÍ

De Janeiro para cá, uma onda de desemprego atinge, em nossa região, firmas grandes e pequenas, principalmente nos setores metalúrgicos e automobilísticos:

As filas nas portas das fábricas e nas agências de empregos, mostram quanto numerosos são aqueles que procuram trabalho, prova dum grande rotatividade de mão-de-obra.

Além dos dados apresentados nos jornais, sobre cortes feitos em várias firmas, especialmente automobilísticas, são muitos os índices que atestam o aumento do desemprego.

O PORQUE DA "CRISE"

Os comentaristas, em diversos níveis, apontam como causa principal da "crise" econômica, o aumento do preço dos combustíveis no mercado internacional, e dum modo geral as imposições dos países ricos em relação aos países menos desenvolvidos nas decisões econômicas. A conjuntura internacional acrescenta-se uma causa interna: a complexidade da atual situação política, econômica e social do Brasil e as dificuldades de financiamento na compra dum carro, dum casa...

Ora, percebe-se, hoje mais do que nunca, que o mal maior é na busca do lucro, por meio de mais e mais produção.

A REALIDADE

Quantas empresas aproveitam-se hoje da "crise" para aumentar a sua produção com menos operários, especializados ou não:

Firmas renovam o seu quadro de funcionários, rebaixando os salários, recusando-se a admitir os que apresentam a carteira com salário mais alto, a fim de não ter que diminuir demais - é o caso de muitos profissionais recém-desempregados das indústrias automobilísticas, cuja faixa de salários eram mais elevada em geral do que as outras firmas / oferecem atualmente.

Frequentemente admite-se, de preferência, num ofício, os que tem capacidade profissional, com menor salário na carteira.

Se vê também uma tendência a admitir como operadores de máquinas mais mulheres e menores, que aceitam, por enquanto, as condições que lhes são oferecidas, como sempre, inferiores às dos homens.

Firmas que até agora pagavam pontualmente, demoram até 5 dias ou mais após o dia lo, sem dar a mínima satisfação aos seus empregados.

São muitos os trabalhadores, que depois de tanto procurar de fábrica em fábrica, acabam aceitando um salário rebaixado, até de R\$36,00 - por hora, menor que o salário anterior.

Outros procuram pequenos serviços, "bicos", até encontrar um salário fixo.

Enquanto isso o custo de vida sofre aumento, maior ainda que no ano passado...

QUEM ESTÁ PAGANDO?

Esta situação repercute negativamente na vida das famílias operárias, acarretando:

difficultades para pagar as prestações, remédios, aluguel... brigas entre marido e mulher, ausência do pai em casa e incompreensão dos filhos, por ter que aceitar as imposições das horas extras por causa do baixo salário e das exigências das firmas.

Isso tudo provoca na vida da família operária uma situação explosiva que destrói os seus valores mais sagrados.

As dificuldades que nós trabalhadores estamos vivendo são consequências de erros que não cometemos, porque, desde a princípio da nossa história de operário e de povo, nunca tivemos participação nas decisões econômicas nem políticas.

A "crise" atual mostra-nos que, mais uma vez, as grandes decisões vem de cima para baixo, sem consultar o povo; e os menos favorecidos vem pagando muito caro o preço do falado desenvolvimento.

CRISTO DÁ VALOR AS PESSOAS

Ora, para nós, Cristo se faz presente e visível em todos os nossos companheiros desempregados e em todos as suas famílias.

Cristo é o grande advogado dos direitos humanos. Ele nos ensina o valor de cada pessoa, o seu direito a um emprego estável e a um salário justo.

Cristo acredita no seu povo, constituído por todos os trabalhadores de boa vontade que aceitam de se levantar, de se unir, de se organizar, para depois participar conscientemente de sua libertação.

Cristo repete para nós, hoje, o que dizia do povo do seu país: "tenho pena dessa gente, porque os seus problemas são tão grandes e não sabem o que fazer, nem onde ir em busca de socorro. São como ovelhas sem pastor" (Mat.9,36)

O QUE SE PODE FAZER?

As soluções para os nossos problemas devem partir de nós- Diante disso propomos:

- .que nós trabalhadores, nos agrupamos e encaremos os nossos problemas;
- .que exijamos dos dirigentes sindicais um trabalho para interessar, unir e organizar os trabalhadores, para que o sindicato volte a ser um órgão forte e livre, na defesa dos interesses da classe trabalhadora, sem assistencialismo.
- .que todos nós cristãos, assumamos o nosso compromisso de fidelidade ao evangelho, através duma conscientização tanto no nível religioso como político, social e econômico, em conjunto com nossos companheiros.
- .que todas as comunidades da diocese se organizem para caminhar nesse sentido, por exemplo: procurando conhecer as leis trabalhistas, e exigir o respeito à justiça...
- .que as paróquias se preocupem com os desempregados, por exemplo: ajudando concretamente a encontrar emprego, informando sobre vagas possíveis-
- .que haja um maior intercambio entre todos os grupos e comunidades que se interessam pelos problemas da classe operaria.

PASTORAL OPERARIA DA DIOCESE DE STO ANDRÉ

Libertação humana
Libertação em Jesus Cristo

A Pastoral Operaria se baseia, por um lado, na realidade do Mundo operario, onde há falta de liberdade, injustiça, sindicatos atrelados ao governo, desunião entre os operarios...mas onde se manifesta e se fortalece o desejo de quebrar o sistema capitalista. Por outro lado, a Pastoral operaria vem da realidade da Igreja que incentiva os cristãos a assumir um compromisso mais firme com as lutas operarias. A Pastoral Operaria parte de uma Igreja renovada, embora os cristãos, em sua maioria, tenham dificuldades de aceitar uma luta operaria.

Parece que essas duas realidades, Igreja e Mundo do trabalho, constituem dois setores bem separados. A classe operaria, / quase que por instinto, desconfia da Igreja, mesmo quando ela / procura renovar-se. Muitos são os operarios que vivem uma religiosidade popular que lhes vem das suas origens rurais; mas sua Fé, pelo menos na sua expressão, se apresenta como assunto particular, individual, que não toca profundamente a sua vida de trabalho e não se relaciona com a exploração de que é vítima nem com as suas lutas.

Outra constatação: quando o cristão percebe que a luta operaria é uma exigência do Evangelho, ele pode sentir, num determinado periodo da sua vida, que não precisa mais do evangelho nem da Igreja; essa mesma o ajudou a se despertar para participar do movimento operario, mas agora é adulto e não precisa mais da Igreja para saber como agir.

Em tudo isso onde está a FÉ, ?

Não pode ter Fé desligada da luta operaria ou da politica. Não pode separar a fé da realidade operaria.

Na BIBLIA, se descobre que a Historia da Salvação está intimamente ligada à historia do povo lutando para se libertar social e politicamente. Começou com a libertação do Povo escravizado pelos Egipcios, Moises sendo o lider em que o Povo se identificou para iniciar esse movimento.

Já na Terra Prometida, o Povo que era um agrupamento de 12 tribos, quis chegar ao nível de nação livre, autônoma, no estilo das outras nações vizinhas; a monarquia passou a ser o modelo de organização politica que o povo queria. Conseguiu. Até chegou a idealizar o seu Rei Davi.

Porém com Salomão é que começou a aparecer, em Israel, a sociedade dividida em classes. Devido as obras gigantes de construção do Templo, do Palacio, das fortificações de Jerusalem, como consta no Livro dos Reis (1 Rs. 6/27-30, 9/15-19, 11/28, 12/14-19, 15/22...), o povo foi obrigado a trabalhos forçados.

Essa exploração dos mais fracos foi crescendo no decorrer dos tempos e foi denunciada quase que permanentemente pelos Profetas.

Na época em que o Povo foi deportado na Babilônia, houve um esforço para restaurar a nação na sua pureza primitiva: acabar com a corrupção dos ricos e dar um impulso novo para a prática da LEI Religiosa que também servia como Lei Política. Com as infiltrações de culturas estrangeiras (grega...) e com a dominação romana, nasceram partidos religioso-políticos com projetos de Libertação Nacional. Alguns com luta armada: os Macabeus, os Zelotes...

O POVO SE UNE

Através dessa caminhada, o povo vai tomando consciência de sua força como Povo: se libertou da escravidão no Egito, mas percebeu, com ajuda de Moisés, que não era suficiente, a libertação não era apenas econômica ou política; o Povo fez a experiência do deserto, a libertação atinge toda a pessoa: a gente deve se libertar também de sua mentalidade individualista, dos seus interesses particulares, de sua visão estreita, etc...

Na medida em que o povo vai se organizando social e politicamente, ele vai se unindo, se fazendo. Criando as leis que normalizam o relacionamento entre as pessoas e os grupos, o povo vai se definindo ideologicamente. Por exemplo: em Israel, as terras eram de todos. Deus era considerado único dono. Quem tinha adquirido direito de posse devia comportar-se apenas como o gerente dos seus bens. Essa visão, na maioria dos casos, ficava sem grande efeito prático; por isso, cada 7 anos (ano sabático) a lei previa uma repartição das terras, como uma procura permanente.

Também através dessa caminhada, o povo tomou consciência da presença ativa de Deus, um Deus que faz aliança com o seu povo.

UM DEUS COMPROMETIDO COM A HISTÓRIA DO POVO,

Um Deus lutando ao lado dos oprimidos.

As vitórias do povo eram as vitórias de Deus: "Deus nos libertou dos nossos opressores" - O povo tinha fé que Deus só podia estar do lado dos oprimidos, dos justos, dos pequenos...

Porém Deus não aceitava tudo o que o povo fazia ou pensava "Eu vi que vocês se dão de valentes, de orgulhosos" - "vocês desviaram do caminho que preparei para vocês"...

A FE ajudava eles a se questionarem permanentemente. Assim ao longo da sua história, o povo sonhou com um Messias, i.e. um Homem mandado por Deus, que viria libertar definitivamente o país da opressão e restaurar a Lei Religiosa. Enquanto uma corrente minoritária esperava um chefe religioso, espiritual, a maioria sonhava / com um rei que também seria chefe militar: nisso eles se enganavam.

JESUS, O LIBERTADOR

Jesus se baseia no profeta Isaías para mostrar ao povo que tipo de libertador era de se esperar:

" O Espírito de Deus está sobre mim.
Ele me escolheu para anunciar a Boa Nova aos pobres,
e me mandou anunciar a liberdade aos presos,
dar a vista aos cegos,
por em liberdade as que são maltratadas,
e anunciar o ANO em que o Senhor vai LIBERTAR o seu povo"
(Lc 4 - Is 61)

Para entender melhor a Missão de Jesus, é bom saber que o ano de Graça, o ano em que o Senhor vai libertar o seu povo, significa, na Bíblia, um ano em que se acaba com as dívidas, e escravidão, em que se solta os presos (anistia geral), e se reparte as terras.

Cristo não quis fugir dessa programação anunciada por Isaías. Ele se colocou claramente a serviço dos oprimidos. Entrando na história do povo, Jesus trouxe a esperança de um mundo novo, através das lutas de libertação dos homens.

JESUS E O PODER POLÍTICO

A Palestina estava dividida em dois territórios, os dois dominados pelo Império Romano: a) a Judéia e a Samaria. b) a Galiléia.

Na Judéia e na Samaria governavam o Sinédrio junto com os sumo-sacerdotes. O Sinédrio era constituído pelos grandes-sacerdotes (aristocracia do clero), por anciãos (as chefes das famílias mais ricas (i.é. os grandes proprietários e comerciantes ricos); e por escribas: homens muito estudados, juizes e elite intelectual.

O Sinédrio, junto com os grandes-sacerdotes, centralizava toda o Poder, do lado da nação judia: poder tanto religioso, como político, econômico e ideológico. Por exemplo: o Comandante do Templo, às ordens do Sumo-sacerdote, exercia também a repressão em toda a Judéia. Três grandes-sacerdotes, de mãos dadas com os anciãos, ricos, eram as Tesoureiras do Templo, encarregadas das finanças do Estado.

O governo de Jerusalém era controlado por um procurador romano (Pilatos, na época de Jesus), que dava certa autonomia ao aparelho político judeu. Autonomia aparente, pois Roma é que escolhia os sumo-sacerdotes de seu agrado e controlava também os anciãos, podendo desapropriar suas terras em qualquer momento.

Na Galiléia tinha um Rei, que na época de Jesus era Herodes Antipas. Era submisso ao poder de Roma; As autoridades de Jerusalém exerciam também sua influência sobre o povo da Galiléia por meio da religião. Mas neste território morava muita gente que não era judeu. As idéias eram mais abertas, o aparelho político judeu era menor.

Jesus percebeu logo que o Templo de Jerusalem era a sede onde se concentrava o poder dos que exploravam o povo.

Ele adotou uma atitude crítica com relação à ideologia da classe dominante. Procurou abrir umas brechas no sistema opressor reli-

subindo a Jerusalém, partindo da Galiléia, para enfrentar o sistema na sua raiz. Ela denuncia o fermento ideológico dos grandes:

"A figueira seca será cortada". "A plantação de uvas que estava nas mãos dos sacerdotes vai passar a outras mãos pois elas quiseram se apropriar da plantação".

As autoridades entenderam que as denúncias de Jesus se dirigiam a eles, e logo procuraram um meio para matar ele. O cerco da repressão foi se apertando rapidamente em volta de Jesus até ele cair.

No entanto Jesus já abria perspectivas novas: a sua ressurreição. Dizia aos apóstolos: "Vocês me esperem na Galiléia". Jesus abria as portas para os não-judeus, para o povo todo, e pensava na segunda etapa da sua caminhada: os pagãos, Roma... A opressão sendo articulada a nível mundial, Jesus propõe uma abertura universalista.

O povo se identificava com Jesus. Ficava admirado de ver que a sua prática batia com as suas palavras. Mas o povo foi manipulado pela ideologia dominante, na hora da Paixão.

O povo se reconhecia também nos zelotes, partido de libertação nacional. Até Jesus chamou dentro o grupo dos doze, homens que tinham ligação com esse partido: Simão, o Zelote, e provavelmente Judas, o Sicário.

Mas Cristo não quis se fechar dentro de uma ideologia e um partido limitados, nacionalistas. Quando os Zelotes querem fazer dele o Rei, o chefe militar que estavam esperando, Jesus recusa.

O povo decepcionado acabou rejeitando Jesus e Preferindo Barrabás, um zelote autêntico. Na realidade, os Zelotes eram reformistas e nacionalistas, enquanto Jesus queria mudanças mais radicais. A visão de Jesus era baseada no Reino de Deus que é construído no dia a dia pelo povo oprimido, e queria abrir esse Reino a todos os povos do mundo.

JESUS E SEU RELACIONAMENTO COM O PAI

Jesus descobriu progressivamente, a partir da sua prática, as dimensões de sua missão:

Aos 12 anos, na sua primeira romaria a Jerusalém, ele esclareceu o objetivo de sua vocação: "devo me dedicar às obras do meu Pai".

Na hora de morrer, ele entregou o seu espírito nas mãos de seu Pai. Missão cumprida.

Mas entre os dois momentos Jesus vai descobrindo aos poucos, nos detalhes, o que o Pai espera dele: Hesita antes de fazer os milagres, (bodas de Caná). A mulher de Caná deve insistir para que Jesus cure sua filha doente. Jesus, marcado pela ideologia nacionalista dos judeus, não quer intervir para uma estrangeira. Mas a fé dessa mulher liberta Jesus, que compreende que sua missão é universal.

Em Getsêmani, antes da sua prisão, Jesus sofre a dúvida e a contradição interna dos que se sentem isolados e devem assumir os acontecimentos até o fim - Será que o Pai está querendo isso mesmo?

O Homem Jesus era Filho de Deus. Será que não sabia tudo sobre a sua missão?

Por ser Filho de Deus, legítimo, Jesus estava totalmente disposto a cumprir os desejos de seu Pai. Em cada momento de sua prática, por estar presente ativamente nas lutas dos homens, ele descobria no momento as novas dimensões de sua missão. Assim seu relacionamento com seu Pai se esclarecia através de seu engajamento.

O LUGAR DA FÉ E DA IGREJA

Somos Filhos de Deus "da criação" por causa de Cristo.

Na medida em que estamos comprometidos com a luta dos homens estamos criando em nós e na história o espaço do nosso relacionamento com o Pai.

No fundo, a Igreja deve ligar o Evangelho com a vida operária e ajudar a descobrir a fé dentro da luta dos oprimidos. Isso não significa colocar artificialmente trechos bíblicos no finzinho de todas as reuniões, mas significa que devemos refletir a nossa fé, em determinados momentos, fundamentar nossa ação política em ligação com a nossa fé, celebrar a vida operária nos reunindo em Igreja, assim como em outros momentos refletimos sobre o movimento operário, a política, e a necessidade de se organizar.

Visto que o Movimento Operário é internacional, e frente a tática das forças do Capital internacional que visam se unir mais a mais (por exemplo através da "Trilateral"), a Igreja deve prestar esse serviço à classe operária, ajudando na articulação entre as forças vivas da classe, a nível nacional e internacional!

Essa reflexão em Igreja não leva a nos questionar permanentemente, a ter um espírito crítico, a descobrir uma nova dimensão da luta, que a própria luta pode nos esconder.

A Igreja, na medida em que se desligue de suas alianças com a ideologia dominante, poderá acompanhar os passos do povo para sua libertação, questionando os que têm o poder na mão : como fazer para que o poder, que deveria ser do povo e a serviço do povo, volte nas mãos do povo.

A Igreja não pretende dirigir o movimento operário, pois isso pertence às organizações operárias, mas ela deve se articular para trazer, na luta, uma qualidade que lhe vem de Cristo:

a maneira de Deus lutar, de Deus fazer justiça,
a maneira de Deus fazer o homem novo, livre,
a maneira de Deus quebrar o esquema oprimir X oprimido
em fim a maneira de Deus amar.

e. Res. Op.
P. 036

RELATÓRIO DA REUNIÃO MENSAL DA P.O. S.B.C

05 de abril de 1987.

PRESENTES: Terezinha Gomes; Eliana; Adilson; Francisca; Luis; Roberto; Wilson; Chicão; Frei Betto; Terezinha Toledo; Flávio; Zé Albino Carlos; Zé Alves; Arquimedes; Laerte; João do Baeta; Pe Peruano Alzira; Zé Gonçalves; Vanda; Osvalins; Dora; Juca; Irani.

LOCAL DA REUNIÃO: VILA VIVALDI

ORAÇÃO DA MANHÃ: Em cima da questão do Campo e da Cidade.

ANÁLISE DE CONJUNTURA: Foram feitas 02 perguntas para 04 grupos.

- 1) Quais são os sinais de esperança.
- 2) Quais são os sinais de desesperança.

"GRUPO 1" -DESESPERANÇA

- Arrocho
- Repressão que desanima
- Constituinte: Se não houver participação popular não terá muito sucesso
- Pessoal da fábrica desanimado

Grupo 2

- Recessão amarra o movimento sindical
- Sarney chama sindicalistas para fazê-los assumirem a política econômica e também para aprovarem a convenção OIT/87, tentando dividir assim o movimento sindical;
- Presença dos militares;
- A questão da moradia agravada com a seca do Nordeste, porque virão mais migrantes;
- Quêrcia faz aliança com os outros partidos e a burguesia está unida;
- Os partidos de esquerda não conseguem se unir;
- Projeto ABC, feito para atacar o PT até as eleições de 88.

GRUPO 3

- Meios de comunicação social manobrando;
- O povo não tem memória histórica;
- Constituinte não conseguimos eleger representantes populares;
- Política paternalista: Cesta de alimentos do Sarney nos postos;
- FIESP soltando material nas portas de fábricas, incentivando propriedade privada e atacando o socialismo (lavagem cerebral);

GRUPO 4

- Movimento dos agricultores liderados pela U.D.R.;
- Alternativa racha em São Paulo;
- Morte do Bira (São Caetano do Sul) prejudica a chapa de oposição

ESPERANÇAS: GRUPO 1:

- Politização do Trabalhador;
- Pessoal pegando nas armas no campo para se defender da U.D.R na luta pela terra;
- Constituinte: pressão popular para passar algumas bandeiras de luta;

GRUPO 2:

- A passeata no ABC dos metalúrgicos foi muita boa;
- Multirão da conquista pela terra;
- Criar movimento supra partidário para passar os abaixo-assinados para a constituinte;
- Morte do Adão estimula o povo a lutar mais.

GRUPO 3:

- Organização do pessoal na luta pela terra;
- Greves;
- Mutirão;
- Movimento popular e Igreja popular defendendo ocupação;
- Visita do Papa ao Chile;

GRUPO 4:

- Polícia muito queimada pela opinião pública;
- Pagamento de Imposto de renda sobre a classe média, faz com que fiquem contra o governo;
- Movimento dos SEM CASA - Inquilinos intranquilos;
- Aprovação da OIT/87;
- A Constituinte vai entrar em um momento que terá que haver maior participação popular - no mínimo discussões;
- Retomada das diretas já.

FECHAMENTO FEITO PELO FREI BETTO

- A imagem de sectarismo é sempre usada para manobrar a opinião pública e por isso foi bom o Jair ter conversado com Sarney;
- A Constituinte tem 509 deputados da direita e 50 da esquerda e esta não conseguiu nenhuma vitória. O que se pode fazer de positivo, são as denúncias que se pode fazer em cima das bandeiras que não são contempladas na constituinte. Em Vitória foi feito um encontro suprapartidário sobre a constituinte (Betto, Boff, Lula, Partidos de esquerda e do PMDB que o povo não deixou falar, o que não é bom. Temos de passar por cima de sectarismos.
- O governo Sarney chegou no seu ponto máximo de desgaste, só tem o apoio do PFL e militares. E ele não sabe como sair dessa, alguns dizem que vai haver um golpe, o Jornal do Brasil está pedindo um golpe, dizem que o Gal Leonidas Gonçalves do Exército, faria um governo a favor da classe média Quem apoiou o golpe de 64 foi os militares.
- Vai se voltar a política econômica do Figueiredo, liberaram os preços, monetização do F.M.I.
- C.N.B.B., progressistas com problemas, D. Benedito, D. Celso e D. Luciano os dois últimos são Bispos Auxiliares de São Paulo;
- Visam muitas greves;
- Para haver golpe, precisaria haver união das Forças Armadas com a grande burguesia e apoio de alguns setores da população: Não há nenhuma, nem a outra;
- O governo acha que o povo vai dar um voto de confiança com um novo plano. Mesmo se PT e CUT concordassem com isso é impossível conter o movimento social, porque a miséria é grande demais.

FÉ E TRABALHO

No livro do Gênesis é colocado o trabalho como castigo, esta imagem nasce do trabalho como opressão. Naquele tempo o povo hebreu era escravo no Egito.

Hoje nós sabemos que o trabalho tem que ser importante enquanto realização e libertação.

Hoje nós sabemos que nos Países Socialistas o trabalho é em benefício do trabalhador e da coletividade.

Na Bíblia aparece o trabalho - partilha de bens e comunhão de pessoas.

Visão de trabalho trabalho como opressão: Vários pensamentos
- Se eu trabalho e o rico não, é porque tenho mais pecado que ele.
- Se sou oprimido no trabalho e vivo na miséria, a culpa é de Deus, não do patrão.

A religião pode servir para oprimir ou para libertar.

Na Índia que tem mais miséria do que aqui, alienação total do povo.

Visão: Na encarnação passada fui príncipe - Nesta encarnação sou miserável, pagando pela anterior - Na próxima serei príncipe novamente.

Na Bíblia tinha a visão que Deus castigava os pecadores com lepras, demonios, loucura. Jesus vem, cura os doentes e os mostra que os problemas estão aqui na terra.

A Bíblia neste ponto dessacraliza o trabalho.

O Trabalho é fator de comunhão, porque nossas relações sociais se dão através do trabalho.

Quantos vieram para São Paulo. Vieram atrás de trabalho, de melhores condições de vida, mas não porque o clima era agradável.

Hoje cada um faz uma coisa, que é completada com o trabalho do outro, não existe mais individualidade na produção, sendo assim, o trabalho tem que ser dirigido para um projeto socialista.

Existem 3 dons que Deus nos deu: Amor, Esperança e Fé .

Além destes três, o mais importante que é a Vida.

Amor: O próprio Deus se dando, o amor que sinto é Deus em mim Toda pessoa que ama, tem Deus dentro de si. Este dom é Universal.

Na Vida eterna só terá amor.

A Fé é acreditar no projeto de Deus através de Jesus Cristo. Ter Fé significa aderir incondicionalmente - Fidelidade.

Deus não só deu o seu projeto. Ele é o projeto e está presente na comunidade. Por isso temos que derrubar esta sociedade e criar este projeto de Deus-Socialista-Homem Novo.

Com esta visão você vê com um óculos diferente o trabalho - Ver com responsabilidade para a transformação. A Fé no nosso trabalho tem uma dimensão libertadora. Após termos esta visão, assumimos o trabalho como maneira de nos libertar enquanto classe.

Com todas as dificuldades que temos na caminhada, se nós enquanto militantes confiarmos na comunidade, na luta, podemos ir até o fim que a comunidade é solidária.

A gente só tem muita consciência na luta, quando a gente passa a pensar no coletivo e não no individual.

SEMANA DO TRABALHADOR

2ª Feira - Vivaldi/ Planalto /Paulicéia. Apresentação -Terezinha Gomes

3ª Feira - V. São José/ Baeta /Planalto. Apresentação - Vanda

4ª Feira - Diadema/DER. Apresentação - Diadema

5ª Feira - Diadema/ Ferrazópolis. Apresentação - Diadema

Gravação- José Gonçalves

Venda de livros e material - José Faria

FAIXA SEMANA DO TRABALHADOR: Janete e José Faria

COLAGEM DE CARTAZES: 19/04/87 às 20:00 hs na Matriz(Wilson, Terezinha Gomes, Laerte, Vanda, Zé Albino, Zé Alves, Zé Gonçalves, Osvalins, Eliana, Adilson).

- A T.V. dos Trabalhadores filmará a Semana do Trabalhador.
 - 12/04/87 -Haverá discussão sobre o Tema Aborto Local -Sala 02 Matriz .
-

AVALIAÇÃO DA REUNIÃO:

- Melhor aproveitamento da reunião na questão de formação, produzir na reunião 8 horas, como tem que produzir na fábrica;
 - Trazer para as reuniões da P.O. revisão, avaliação de vida. Qual é a sua atuação, onde está exercendo sua militância, como está sendo isso fora da P.O. *****
 - A P.O. aproveitar a Semana do Trabalhador no momento da Constituinte, para encaminhar propostas, dar espaços para entidades (Eliana e Zé Gonçalves darão encaminhamento nesta proposta). *****
 - Antigamente nós só reivindicávamos, agora queremos governar. baseado nisso, temos que ter competência para governar. Como está sendo nossa formação, para que tenhamos esta competência, nesse movimento temos que preparar trabalhadores para assumirem o poder
-

A Assistente Social Irani colocou sobre o problema do Programa de Ações Integradas de Saúde (AIS).

* Esta Reunião foi secretariada pelo Adilson.

P.O. de S.B.C.

70

B. P. Op.
1984

NOME E ENDEREÇO DOS PARTICIPANTES DA ASSEMBLÉIA NACIONAL DA
PASTORAL OPERÁRIA - DIAS 2, 3 e 4/11/84

- 1- MARIA CARVALHO DE MENEZES - Síla - Tel.: 280-4675
- 2- MARIA JOSÉ MARINHO MENEZES - Rio de Janeiro
- 3- ROSA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA - RJ - Tel.: 751-1200
- 4- EULINA CRISTINA LAGO DOS SANTOS - RJ.
- 5- ROSA MARIA TERÇO DIAS - Rua Tomás Fonseca, 893 - Nova Iguaçu - RJ.
- 6- PAULO EDSON DE AMORIM COSTA -Estr. Sarg. Miguel Filho, 814 -21.850 - Rio de Janeiro-RJ.
- 7- RONALDO DE AZEVEDO LIMA-R.São João Del Rei, nº 375-Minerlândia-Volta Redonda-RJ.Tel.42.6902
- 8- GERSON DE OLIVEIRA - Rua Fco. de Alvarenga, 550 - São Paulo - SP.
- 9- NAIR VIEIRA-R.Manoel Ribas,71-Jardim Monza - Colombo - PR-CEP.83.400
- 10-SEBASTIÃO FRANCISCO DOS SANTOS -R.Guilherme Polídi,128-Limeira-SP.CEP.13.480-Tel.019.419359
- 11-ANTONIO VICENTE DE CAMARGO-R.São Lucas, 711 - Americana - SP.
- 12-FRANCISCO DE SOUZA -R.Baipendy, 63 - Pres.Kennedy - Fortaleza - CE.
- 13-RICARDO PARIS - R.Rafael Fecondo,109 - V. Moraes - São Paulo
- 14-FRANCISCO APARECIDODA SILVA - Campinas - SP- Tel(Recado) 52.7500
- 15-FLAVIO BENEITO CONCEIÇÃO - R.Nápolis, 263 -J.Piza - Londrina - PR-CEP-86.100
- 16-ALBERTO CARLOS - RJ.
- 17-JOSÉ MARINHO DUTRA - RJ.
- 18-AMARILDO M. PEREIRA - Caixa Postal 2918 - Manaus - AM.
- 19- MARIO DE CASTRO GONÇALVES
- 20-ANTONIO VICENTE DE CAMARGO-R.São Lucas, 711 - Americana - SP.
- 21-JONAS B. CORRÊA NETO - BR.381 -KM.429-nº 58 - Jardim Teresópolis - Betim - MG.
- 22-JOARES RODRIGUES DASILVA - R. Professor Henrique Forjet 481 - Rio Grande - RS.
- 23-MARIA ELENIR RODRIGUES SALES-R.Emilia Guimarães, 32 - RJ. Tel.222-6737
- 24-MARIA ANTONIO POLONT-P.Leopoldo Bettiol, nº 232 - Jardim Sabará - Porto Alegre - 90.000
- 25-ROQUE PEDRO MORAES - PARÓQUIA DO ARCANJO DE SÃO GABRIEL-Av.Fco.Hermenegildo-São Gabriel
RS.
- 26-ANA MARIA GONÇALVES - R.D.Pedro II, 768 - Fundos - 39.400 - Montes Claros - MG.
CASA DE PASTORAL COMUNITÁRIA-Praça Pio XII, 101 - Centro - 39.400 - Montes Claros - MG.
Tel.: (038)221-2982
- 27-CLEBER MARCELINO DE OLIVEIRA-R.Leopoldo de Castro,429 - Bairro Roosevelt-Uberlândia-MG.
- 28-JOSÉ ROBERTO DE SOUZA-R.16 - nº 174 - Sion - Varginha - MG. CEP.37.100
- 29-CICERO NATALINO ALVES - Medianeira - PR. CEP.85.870
- 30-JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS ALMEIDA-R.Martinho Duarte, 24 - Itaguaí -RJ.Tel.278.1210-R.508
- 31-EDIVALDO SANTANA DOS SANTOS-Caminho 03, nº 14 - Gleba C - Camaçari - BA - CEP.42.800
- 32-JOÃO GHIRALDI - Praça Ipiranga - Paróquia Nsa.Sra. das Graças -Cx.P.15 - Sarandi - PR.
- 33-D.JOSÉ MARIA PIRES - Pça. São Fco., 65 - João Pessoa - PB.CEP.58.000 -Fone(063)221-0188
- 34-JOÃO FERNANDES DA COSTA
- 35-ABDIAS JOSÉ DOS SANTOS - CUT NACIONAL.
- 36-CLAUDIO MARQUES FERREIRA -R.Fortaleza, Q.3-L.16-Setor Urias - Magalhães-Goiânia.
- 37-JOSÉ OLÍMPIO FERREIRA-Rua 222 -Qd.100-Lt.10 -S.Univ.Goiânia-GO.CEP.74.000-Tel.225-1188-
Rama 191
- 38-MOISÉS PEREIRA- Rua Lemenrouth , 48 - Paissandú - Nova Friburgo - RJ.
- 39-FRANCISCO ROSENDO - R.Salesópolis, 684 - Vila Bartira - Itaquã - SP.
- 40 - ARISTIDES PEREIRA DE ANDRADE-R.Orlando P. de Brito, 14 - B.Cristo Redentor-58.000-
João Pessoa - PB.

- 41-JOSÉ RAMOS DE SOUZA-R.2, nº 105 Conj.Pistoia - Santa Cruz - RJ.
42-AURINO JOSÉ GOES - R.Almirante Barroso, 533 - Paripe - Salvador - BA.
43-LUCRECIANO G.ROCHA -Av.João XXIII, nº 2407 B.Sts. Reis - Montes Claros - MG. 39.400
44-JOAOQUIM HIPOLITO DE OLIVEIRA -Av.1 - 299 - J.Monte Libano -Campinas - SP.
45-CLEDI CONCEIÇÃO - R.Carlos Gomes, 243 - Novo Hamburgo - RS.
46-AGOSTINHO ANGHINONI-Bom Jesus - Medianeira - PR. Cx.P. 224
47-LUIS TENDERINI - Rua dos Coelhoos, 317 - 50.000 - Recife - PE.
48-TARCÍSIO XAVIER DE LIRA - Rua dos Pinheiros,44 - Jardim Ma.Beatriz-Carapicuíba- Osasco-SP.
49-DARI KREIN-R.Marte, 2053 - Cx.P. 2796 - 80.000 - Curitiba - PR.
50-PAULO BORGES - R.Guanabara, 289 - TelêmacoBorba - PR.
51-WALDEMAR OSSI - Praça Leão X, 322 - São Paulo - CEP.03359 - Fone 2719432
52-ADRIANO SANDRI - Av.2, nº 33 - Vila Sto.Antonio-Cidade Industrial -Contagem-MG.32.000
53-Pe.JOÃO CARUANA, Paróquia do Sarandi - Sarandi - PR. Fone (0442)23-1598
54-JURANDI NONATO NEPOMUCENO - R.Baipendi, 67 - Fortaleza - CE.
55-CICERO CAVALCANTE DE SOUZA - R.Alberto de Oliveira, 1692 -Jd. Iracema - Fortaleza-CE.
56-LÁZARO SILVANO FERREIRA -R.do Chichorro, 62 - Sobrado - Catumbi-RJ - 20.211
57-JOÃO BATISTA SOARES -R.Domingos Aguiar, 115 - Barão de Angra -P.do Sul - RJ.25.850
58-ADAIR CALOS DA CRUZ - R.Juruá, nº 164 - Diadema - SP - CEP.09900
59-CARLOS AUGUSTO SANTOS - R.Itapuru, 16 - V.Cecilia Maria - Santo André - SP. CEP.09000
60-Fr.JAIME FERREIRA LOPES -Av.José Assis Vasconcelos, 313-Cx.P. 704 - Ipatinga -MG.35.160
61-MILCIA HENCKES - R.Berlin da Cruz, 670 - Venâncio Aires - RS.
62-ANTONIO FARCO - R.Carlos Santana, 52 - Fone 919-0873
63-CARLOS DA SILVA - R.Recife, Q.5 - Lote 9 - Urias Magalhães - Goiânia - GO.
64-MARIO LUIZ CACHINSKI -A/C.Paróquia S.Fco. de Assis, Cx.P. 242 -Caçador - SC. 89.500
Fone. (0496)620869
65-ENOCK ROCHA ARAUJO - R.Alagoas, 111/204 - 25.500 - São João de Meriti - RJ.
66-CICERO ALVES DE CARVALHO -R.Pedro Marinho Filho, 8 - Bebedouro - Maceió - AL.
67-Pe.JERONIMO FRANCISCO DE SOUZA -R.Boa Vista, 3171 - Franca - SP. Cep.14.400
68-ALTAMIRO B.VIEIRA -Igreja Nsa.Sra. Medianeira
69-LUIS CARLOS PIRES MONTANHA -Cx.P. 467 - 16.200 - Birigui - SP.
70-NELI DOS SANTOS - R.Jaime Reis, 396 - Curitiba - PR.
71-AGNALDO SOARES DA SILVA - R.Piracema, 82 - Pque. Jurema - Guarulhos - SP. 07000
72-DURVAL CORNELIO DE SOUZA -R.Nsa.Sra. Aparecida, 40 - Goiaberas 01 - Vitória - ES.29.000
73-SALVADOR MARCELINO -R.Paulo Pinto, 157 -Vila Iracema - Nova Iguaçu - RJ. Cep.26.000
74-EDNALDO SANTOS ROCHA MEIRA - Cx.P. 13 - Linhares - ES. Cep.29.900
75-ISILDA P. DE MENDONÇA -R.Condessa S.Joaquim, 215 - Bela Vista - SP.CEP.01320 (JOC)
76-MARIA VALNÉ ALVES -R. Conde Balpendi, 78/1303 - Flamengo - RJ. CEP.22.231
77-GILBERTO CARVALHO -R.das Caêlias,115 - Vila Acordes - 80.000 - Curitiba - PR.
78-JOÃO FACHINI - Cx.P. 778 - 89.200 - Joinville - SC - Bairro Floresta
79-MARIA DA GRAÇA BRAZ - Cx.P. 774 - 89.200 - Joinville - SC. Boa Vista - Fone(0474)225062
80-PERCIVAL TAVARES DA SILVA. Av.Mal.Floriano Peixoto, 2262 - Nova Iguaçu - RJ.Tel.7678570
81-Pe.CLETO LECLERC -R.José Holme , 302 -Conj.Ernani Sãtiro - João Pessoa - PB.
82-ANIZIO BATISTA OLIVEIRA - R.Dezofito de Outubro, 301 - Jd. Maria Estela - SP.Cep.04180
83-WALTER RUSCHE - Cx.P. 325 - Lages - SC. Cep.88.500
84-CLELMO CARVALHO . R.Bambina, 180/502 - Botafogo - RJ - CEP.22.251.

- 85- Pe. AGOSTINH PRETTO - Mal. Floriano Paixoto, 2262-Nova Iguaçu - RJ.
- 86- ALZANI SANTOS BATISTA -R. B, nº 67 - Vila Sta. Rosa - Porto Alegre - RS.
- 87- JOSÉ EUSTÁQUIO DE OLIVEIRA-R.AM 13, nº 316 -Costa Teles I - Uberaba-MG
Cep.38.100
- 88- LUIZ ALBERTO ZANETTI Ferreira -R.Silva Jardim, L.05 -Qd.74 - São João de
Meriti - RJ - CEP.25.500
- 89-LUCIANO JARINI - R. Amaro Antonio de Araujo, 733 - São Paulo - CEP.04931
- 90-ROSA MARIA TERÇO DIAS-R.Capitão Chaves, 60 Nova Iguaçu - CEP.26.000
- 91- MABY PORTELLA- R.Florencio de ABREU,1126 - Santo Angelo - RS.CEP.98.800
- 92-ANA MARIA DA CRUZ -R.Damião Medeiros, 40 - Bairro Boa Vista-Volta Redonda
Cep.27.180 - RJ.
- 93- Pe.JOSÉ TEN CATE - Cx.P. 1336 - 80.000 - Curitiba - PR.
- 94- SIMONE DE JESUS C. PINHEIRO -R.Agostinho Reis, 19 Apeadouro - São Luis-MA.
Tel.(098) 221-2676
- 95- MARIA DE LOURDES M. FERREIRA-R.37 Qd.46 C - 16 abril IV COHAB -São Luis
MA. Tel. 225-4993
- 96- SELVINO HECK -R.Fr.Germano, 46/307 - Cx.P. 10.508-P. Alegre - RS- 90.000
fone: 367845
- 97- PEDRO JOÃO DA SILVA -R.Pedro do Monte Santo, nº 2 -Itaim Paulista - SP.
- 98- ROSA GUERREIRO -R.Conde de Balpendi, 74/801-Flamengo - 22.231-RJ.
- 99- DEOLINDO LEOPOLDINO RIBEIRO-R.Maestro Fco.Caia, 49 -São José dos Campos-SP.
- 100-DAVID COELHO MOURA DE LEMOS-R.Tomé de Souza, 196 - Imaculada - Bayeux-PB.
CEP.58.305
- 101-MIGUEL DALLALBA-R.Carlos Barbosa, 1590-Fundos - Caxias do Sul - RS.
CEP.95.100
- 102-ROGERIO DE ALMEIDA CUNHA-R.São Geraldo, 110 -Cabana P.T. - Belo Horizonte
Cidade Industrial-MG. CEP.30.000 - Tel.333-2179
- 103-ISAIAS SANTANA DA ROCHA -R.Antonio Aguirre, 94 - Vitória -ES.CEP:29.000
- 104-ANA ANGÉLICA -Av.José Bastos, 4800 -aptº 303 -Bloco A - Fortaleza - CE.
- 105- CLAUDIUS CECCON -IDAC-R.Visconde de Pirajá, 550/1404 -RJ. CEP.22.410
- 106- MARCOS ARRUDA-IBASE- R.Vicente de Souza, 29 - Botafogo - RJ.
- 107- MARIA VALNE ALVES - CEDAC-Av.Rio Branco,277-Sala 1007 - RJ,
- 108-POMPEIA BERNASCONI - R.Ministro Godoy, 1484 - São Paulo - PT
- 109-Pe.JOSÉ SERVAT- ACR- Rua do Giriquiti, 48 - 50.000 - Recife - PE.
- 110-D.Aloísio Sinésio Bohn- R.Joaquim Nabuco, 543 - Novo Hamburgo - RS.
- 111 D.Afonso Felipe Gregory-R.Benjamim Constant, 23 - Rio de Janeiro - RJ.
- 112 - D.Mauro Morelli - Av.Pres.Kennedy, 1861 - Duque de Caxias - RJ. 25.000

C. Pas. Op.
P. 0.6

CAMPANHA DA FRATERNIDADE/91

" MUNDO DO TRABALHO "

BIBLIOTECA PADRE LEBRET

Comissão Pastoral Operária
Nacional.

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

INSCRIÇÃO NO CGC 27.212.968/0020-09

Av. Presidente Kennedy, 1961 Sala II - TEL. (011) 771.3459

CEP.25.020 - Duque de Caxias - RJ

I - TEMA CENTRAL

INTRODUÇÃO

O Brasil se transformou. Seu PIB triplicou em 20 anos. Virou industrial, urbano, moderno. Os modos de vida, as relações sociais, os valores se transformam, num ritmo acelerado.

Novos problemas e novos desafios aparecem para a Igreja. Os modos e os meios da Evangelização têm que evoluir, se adaptar à nova realidade.

O trabalho diverso e complexo é a força e a dinâmica da transformação contínua que caracteriza o mundo moderno. O trabalho, já desde o surgimento do homem na terra, e hoje mais do que nunca, é a atividade e o esforço contínuo que vai transformando o mundo.

Entramos na 3.^a revolução industrial que vai modificar profundamente essa realidade e experiência do trabalho. As novas tecnologias podem aumentar ainda mais as desigualdades nos campos do saber, do poder e do ter.

No Brasil co-existem o prē-moderno, o moderno e o pōs-moderno. O nosso país e a nossa Igreja têm e terão um papel decisivo no futuro político, econômico, religioso e eclesial na América Latina.

Como não encarar com muita humildade, essas situações tão conflitivas e complexas no mundo político, econômico, social e cultural? O trabalho é uma chave central, senão a chave principal de leitura da realidade.

O marco central da CF/91 se situa na perspectiva que o documento 40 nos traz, atualização e aplicação do Ensino Social da Igreja no Brasil.

- O tema central da CF/91 poderia ser o trabalho como:
- . Chave da questão social (L.E. Nº 3)
 - . Chave da Evangelização (Doc. 40)
 - . Chave da Construção da democracia (Doc. 42, nº 69)

II - E I X O S

- 1 - O trabalho é uma dimensão essencial da vida pessoal, familiar e social.
- 2 - O trabalho marca a identidade, os valores e a cultura do povo;
- 3 - O trabalho é a criação hoje, processo de humanização e libertação;
- 4 - O trabalho é o lugar social de conflito de onde emerge o exercício da democracia;
- 5 - O mundo do trabalho tem que ser considerado desde os trabalhadores e os mais marginalizados;
- 6 - O mundo do trabalho e as organizações do povo são para o trabalhador cristão o lugar onde traduz e vive a sua fé.

III - OBJETIVOS

1 - Objetivo Geral

Assumir o mundo do trabalho como chave de Evangelização no mundo de hoje. (Doc. 40, nº 133)

2 - Objetivos específicos

- a) Celebrar o centenário do Ensino Social da Igreja (Rerum Novarum). Fazer conhecer e difundir o Ensino Social da Igreja à luz da nossa realidade, em particular o Doc. 40 da CNBB.
- b) Contribuir a partir da realidade do trabalho na preparação do V Centenário da presença da Igreja na América Latina.
- c) Valorizar e dinamizar uma pastoral global levando em consideração o mundo conflitivo dos trabalhadores.
- d) Promover a missão das pastorais sociais na pastoral de conjunto da Igreja.
- e) Atualizar os modos e os meios de pastoral às transformações e aos desafios da modernização.
- f) Valorizar as organizações dos trabalhadores. Favorecer o compromisso e a participação dos cristãos nelas.
- g) Dar aos cristãos uma visão crítica sobre a situação do trabalho no nosso país. Denunciar todas as injustiças e anunciar os valores do Reino.

 IV - ESQUEMA PREPARATÓRIO PARA O TEXTO-BASE

1 - INTRODUÇÃO

A CF/91 - Por que? Como?

Tema Central - Eixos e Objetivos

2 - A SITUAÇÃO

1. Composição do mercado de trabalho (dados estatísticos da realidade)
2. Os excluídos do mercado de trabalho
3. As forças de produção: Capital e tecnologias, no campo e na cidade
4. O nosso modelo de desenvolvimento econômico
5. Situação dos trabalhadores.
As condições de trabalho no sentido amplo: Jornada, relações no trabalho, organização do Trabalho, higiene e segurança, estabilidade, salários ...
6. Os acidentes de trabalho e a violência
7. A organização e as lutas dos trabalhadores - movimento sindical e greves.
8. Conflitos no campo
9. Os direitos trabalhistas e a Constituição
10. A luta dos trabalhadores e a Dívida Externa
11. Igreja e mundo do trabalho. A presença dos militantes cristãos. O que são as pastorais sociais.

3 - REFLEXÃOA - Referencial teórico:

- 1) História do movimento operário e sindical no Brasil, na América Latina, em outros países;
- 2) Principais ideologias hoje;
- 3) Bíblia, tradição da Igreja, teologia, Ensino Social da Igreja (Papas, Concílio e CNBB, em particular o Doc. 40)

B - Sobre os diferentes pontos da 1.^a parte

- 1) O que é o trabalho?
- 2) Sua importância política, econômica, social, antropológica - cultural, espiritual...
- 3) Por que os conflitos, as lutas?
A oposição capital-trabalho no capitalismo e no "Socialismo real"
- 4) Situação e papel do movimento sindical
- 5) A responsabilidade dos cristãos

- 6) O sentido cristão do trabalho: principais pontos do Ensino Social da Igreja;
- 7) Teologia do trabalho
- 8) Espiritualidade do trabalho
- 9) A Igreja tem que assumir a realidade do trabalho na evangelização: papel das pastorais sociais.

4 - PERSPECTIVAS E DIRETRIZES (com base no documento 40)

1. Igreja assumir o mundo do trabalho: ligar fê e vida.
 - Na cidade importância da Evangelização a partir do trabalho.
 - Assumir a realidade do trabalho: mercado, condições de trabalho;
 - Assumir a conflitividade do trabalho: movimento sindical, lutas.
2. Formação sobre essa realidade
 - A partir da Bíblia, do Ensino Social da Igreja, da história;
 - Formação sócio-econômica, política, cultural, ética.
3. Papel das pastorais sociais: metodologia mais adaptada, maiores recursos humanos;
4. Ação dos trabalhadores cristãos
 - Valorizar as organizações dos trabalhadores;
 - Lutas pela Reforma Agrária e uma nova política agrícola;
 - Lutas contra o pagamento sem limite da dívida externa;
 - Construção duma Nova Sociedade.

- com apêndice sobre a mulher

Junho/89.

Pastoral Operária Nacional.

O MUNDO DO TRABALHO.

"O trabalho, chave essencial de toda a questão social" (LE)

1. "A organização do trabalho determina as condições de vida e de cultura da maioria da população" (CNBB 40, 132). Esta organização inclui "jornada de trabalho, condições de trabalho, direitos trabalhistas, organização sindical, remuneração, previdência, política salarial, destinação dos excedentes". Trata-se, pois, de uma realidade muito complexa, que atinge a população de maneira tão direta e concreta, que através dela "se mede a real situação de justiça, da democracia e da liberdade" (id. ib.).

2. Como é que o trabalho enquanto realidade social determina as condições de vida e de cultura da população? Que papel tem cada aspecto de sua organização nesta força e eficiência determinante? Como se pode concretizar a medição da justiça, da democracia e da liberdade "através do trabalho"? Até que ponto o trabalho produtivo e servicial influencia os processos e as estruturas de formação de comunidades?

3. Ao redigir e aprovar o Documento final de sua 26. Assembléia, a CNBB manifestou conhecimento claro e aprofundado da importância que cabe ao trabalho no mundo de hoje, especialmente nos países cujo economia é dominada pelos imperativos do mercado internacional. O grau de submissão do Brasil ao FIM e o volume de sua Dívida Externa nos colocam na primeira fila dentre estes países. Quanto mais perversos os índices sociais de um país, mais fortemente "a organização do trabalho determina" de maneira perversa, as condições de cultura e de vida da maioria da população.

4. As campanhas da Fraternidade, deste 1964 até hoje, têm colocado corajosamente o dedo nos aspectos cruciais desta "determinação", como que em círculos concêntricos e aproximativos. Entretanto, sua preocupação central e maior sempre foram as amplas "questões de vida e cultura" do nosso povo. O tema do Mundo do trabalho atinge a raiz historicamente última destas questões.

5. Enquanto realidade social, o trabalho determina de maneira radical e quotidiana as condições de vida e cultura de toda a sociedade, marcando de maneira dolorosa e injusta a "maioria da população".

5.1. Numa sociedade perversamente organizada, o mesmo trabalho que cria as benesses da minoria privilegiada, marca em brasa a vida quotidiana da maioria.

5.2. Esta afirmação pode ser confirmada através da análise do papel de cada um dos aspectos da organização do trabalho, em duas direções. Em primeiro lugar, na direção "negativa" que é hoje preponderante, e em segundo lugar, na direção ao positiva que grupos crescentes de trabalhadores procuram dar ao processo.

5.3. Finalmente, ao criar as coisas que usamos, o trabalho nos faz criar também as relações concretas que existem entre nós. Dele brotam as condições reais de justiça, de democracia e de liberdade.

6. Apoiado nesta, certeza, a LE vislumbra no trabalho um tríplice dinamismo, pelo qual ele conduz ao coração de nossa Fé. Não é casualidade o nome que se dá à Missão de Cristo, a "obra" da salvação. O trabalho é, para o Papa João Paulo II a Cruz, a Ressurreição, o Espírito.

7. Assim, o tema "Mundo do Trabalho" tem importância radical enquanto realidade histórica: o trabalho, que sustenta as famílias, as destrói enquanto

organização da vida quotidiana.

7.1. Jovens pais de família são obrigados a abandonar o lar antes de os filhos acordarem, e só voltam para encontrá-los mortos de cansaço e desnutrição, no coração da noite. Frequentemente têm que abandonar mulher e filhos, para trabalhar longe, sem comunicação, sem ter mesmo possibilidade de voltar, deixando cá e lá centenas de mães solteiras e desamparadas.

7.2. O trabalho que frutifica às grandes maiorias da população o salário com que comprar alimentos, corroi o valor nutritivo desta alimentação, poluindo o ambiente fabril, sobre explorando as forças do homem "que exerce o trabalho".

7.3. A organização capitalista liberal do trabalho humano faz do Trabalho dom de Deus que torna o homem partícipe da obra criadora, um verdadeiro instrumento de tortura, um "tripalium"...

7.4. As mulheres, especialmente as abandonadas no campo, tornam-se tubo de ensaio de produtos e planos anti-concepcionais.

7.5. O trabalho massacrante, contudo, carregado como cruz, coloca o trabalhador na trilha de Cristo: sofrendo até a última gota a condição de servo, o trabalhador rmgajado se sobrecarrega com o sofrimento da luta para transformar em vida as condições de trabalho de seus irmãos. Pregado na sua cruz, o trabalhador Cristo redime todo o universo, e a própria cruz. Pregada ao Cristo, a Cruz-trabalho se torna instrumento de salvação.

8. O tema "Mundo do Trabalho" tem peso vital:

A grande maioria da população traz nas mãos, nos pés e no peito os estigmas do trabalho: A infância é obrigada a procurar precocemente nas ruas o de que comer, e acaba fazendo da rua seu lar, sua escola, sua igreja, seu mundo.

Especialmente os jovens, cujo vigor é sugado ao máximo, e constantemente reduzido a meio barato de produção, são marcados pelo trabalho. Mais que jovens, eles são trabalhadores. As fotografias de desempregados, de grupos grevistas ou de trabalhadores que entram ou saem das fábricas mostram invariavelmente rostos jovens. Dos trabalhadores, 65% tem menos de 25 anos de idade! Sua vida é mais fortemente marcada, "determinada" pelo trabalho que pela vivência de jovem...

Os anciãos, as mulheres, os inválidos, todos os que dependem do duro trabalho alheio, são vítimas inertes da organização social do trabalho.

9. As diferentes CFs, especialmente a partir de 1978, vem refletindo aspectos da vida e cultura do povo brasileiro:

o salário diminuto, as condições de saúde, alimentação, moradia, convivência, etc. Nestes anos, entretanto, aconteceram varios processos extremamente graves e decisivos, que mudaram muito as condições de vida.

9.1: Culminou em 1983 um processo de DESEMPREGO que agora se repete em medida dobrada.

9.2. Acelerou-se vertiginosamente a corrosão do poder aquisitivo, de tal maneira que o SALÁRIO nunca em nenhum país da América Latina esteve tão baixo como o salário brasileiro atual.

9.3. O motor desta decadência, pouco conhecido há dez anos, é a DIVIDA EXTERNA, paga, a despeito das juras de Tancredo Neves, como sangue e o respiro dos desempregados, dos subempregados, dos empregados subremunerados e suas famílias. Nossa produção agrícola é crescentemente exportada, enquanto nossos jovens trabalhadores morrem de fome.

9.4. Se o endividamento externo arranca do país as suas riquezas, a dívida interna do Governp e a INFLAÇÃO descontrolada transferem dos trabalhadores pra os ricos o pouco que resta, tornando verdade dolorosa o que Puebla e o Papa já desmascararam: os ricos tornam-se mais ricos às custas da crescente pobreza dos pobres.

9.5. Com a falência da Reforma Agrária (que o próprio Papa havia a recomendado) cresceu muito a CONCENTRAÇÃO POPULACIONAL nos centros urbanos. Assim multiplicou-se o número de pessoas disponíveis para o trabalho, o chamado "exército de reser

va da mão de obra".

9.6. Estes grupos crescentes sobrevivem na miséria absoluta, e se agarram desesperadamente à tábua de salvação que lhes sobra: ocupam um pedaço de terra onde viver, e fazem assim, dolorosamente, o aprendizado da organização, criando o movimento hoje visivelmente fortalecido dos "SEM-TERRA", uma multidão avultada de jovens ex-agricultores à procura de um espaço onde viver ou criar.

PONTOS A SEREM DESENVOLVIDOS:

1. O Trabalho e o Mundo:

10. Trabalho-construção do mundo

- Pelo trabalho, o homem age sobre a natureza, e faz dela o mundo humano, o seu mundo, enquanto constroi com elas tudo o de que necessita para viver: O trabalho constroi o mundo, (Citações Bíblicas e Documentos da DSI, especialmente LE e SRS)

11. Trabalho-agressão ao mundo

- A Organização do trabalho, no Brasil, está destruindo o mundo (questão ecológica, Estado por Estado), e impedindo aos homens o acesso aos bens produzidos (Hálio Jaguariba, publicação recente, dados do IBRASE)

2. O Trabalho e o Homem.

12. Trabalho, parto da sociedade

- Ao trabalho e organizar-se socialmente para produzir os bens de que necessita, o homem estabelece relações para com os outros homens: relações de família e amizade, relações de organização social e política, relações culturais de comunicação e aprendizagem mútua. O trabalho afirma o papel humano da juventude na história, solidifica o família e as culturas, e faz crescerem as organizações que ajudam o homem a se humanizar em sociedade. O trabalho abre à mulher um lugar novo e próprio na sociedade. As CEBs são compostas de trabalhos e suas estruturas são marcadas pela "condição de vida operária"

13. Trabalho, sobre-exploração da sociedade

- No Brasil a organização do trabalho está destruindo a família, a cultura e a juventude, humilhando a mulher, o negro, o índio, desfilas as comunidades rurais e atravança as urbanas e sub-urbanas. (documentos da Pastoral de Juventude, estudos da realidade Brasileira).

a) A maneira de organizar a produção está DIVIDINDO AS FAMÍLIAS, impedindo-as de se formarem e afirmarem, descaracterizando a feminilidade, fazendo da mulher objeto sexual consumista (Dados sobre desagregação familiar, reprodução da força de trabalho, matrimônios e separações, especialmente no meio operário, a condição da mulher)

b) O trabalhador é impedido de se organizar socialmente, e sua luta é desautorizada, reprimida violentamente. Assim, a organização moderna do trabalho está DESTRUINDO A PRÓPRIA CULTURA, toda a maneira de ser da "grande maioria", e transformando, segundo o modelo de uma minoria privilegiada, todas as culturas existentes no espaço geopolítico do Brasil. (Dados sobre a sub-cultura da pobreza, cultura nas periferias e favelas, sobre os índios, as escolas de periferia e zonas rurais).

c) Esta organização perversa do trabalho, causando desemprego, forçando ao subemprego e intensificando a propaganda consumista CORROMPE A JUVENTUDE, alienando-a, reduzindo-a o mercado consumista e mão de obra super-explorada, levando-a assim à groga e ao recurso a meios violentos de auto-afirmação.

14. Trabalho Criação e parto do mundo

- O trabalho faz do homem o íntimo partícipe da obra criadora do Pai, da obra do Filho Crucificado e Ressuscitado que redime toda a criação, dos anseios do Espírito que grita, o fundo da criação: Abbá, Pai!, enquanto, na atividade de produção e serviço, a criatura geme como mãe em trabalho de parto.

Organiza-se como trabalhador implica tomar consciência do potencial criador do sofrimento na produção e no serviço, e, além disto, assumir a cruz e seguir os passos daqueles que deu a vida pelos seus (LE: Espiritualidade do Trabalho).

Viver da justiça no mundo do ódio, viver da ressurreição no mundo da morte significa triunfar, do alto da cruz sobre o que atenta contra a vida que Deus criou, redimiu e ama.

O trabalhador, imolado dia a dia, vive e vence, marcado pelos estigmas do duro trabalho sobre-explorado, triunfante na abundância da nova vida para todos, em sua obra nascem o novo homem e a nova mulher, numa nova sociedade. (Citações da Bíblia e dos Documentos da DSI, as religiões do povo como formas de buscar a Deus)

15. Trabalho, opressão social

- A sobre-exploração do trabalho, e o impedimento da acesso à riqueza a aos serviços socialmente produzidos impede o homem de se religar correta e profundamente a Deus (Dados de sociologia da religião, a Igreja que se afasta da classe trabalhadora e vice-versa) e se realizar como sua imagem (Dados sobre os sincretismos enquanto distorsão).

A repressão aos sindicatos e forma populares de participação social e política impede a vitória sobre as condições de destruição e morte, (Dados sobre a perseguição e repressão ao movimento sindical e às organizações políticas e populares, mais Puebla, Documentos da CNBB, discursos do Papa nos vários países da AL).

4. O Trabalho e a Esperança.

16. Trabalho-Esperança

O trabalho cria a fome, mas fabrica o alimento. O trabalho destrói a vida, mas gera o homem. O trabalho embrutece ao duro contacto com a matéria, mas vivifica ao solidificar a família, a amizade, a comunicação, as Comunidades, "Igreja que nasce no mundo do trabalho". O trabalho cansativo é suor do rosto e esperança do coração. O trabalho cria o progresso, e o trabalhador ama o que aperfeiçoa a criação.

17. Trabalho-criação

A Esperança atual do Mundo é aumentar a produção de bens e intensificar a qualidade dos serviços necessários à vida.

A grande Esperança histórica dos homens é construir a cada momento sua família, sua cultura, sua sociedade.

A última Esperança do Cristo está no poder reconstruir dia a dia o caminho que o religa a Deus porque o religa aos irmãos, o faz viver da sua semelhança com o Criador que redime e ama, o faz vencer dia a dia a morte que ronda como um leão faminto.

18. Trabalho-Igreja

Nas comunicações do povo de Deus que re-cria a Igreja, aprofunda-se a consciência da Fé. Educado pela legislação eclesiástica, acolhido no seio do "Povo de Deus a caminho, o cristão se torna adulto e "faz nascer Igreja" lá onde Liturgia e Pastoral pareciam não poder chegar. Nas pastorais o cristão assume sua responsabilidade de fé pelo nascimento da Igreja.

19. Trabalho-Ressurreição

Vencido e imolado, no corpo extenuado de seus irmãos trabalhadores, o carpinteiro de Nazaré, marcado pelos instrumentos de sua obra, triunfa sobre a criação, e diante dele se dobram todos os joelhos, nas profundezas do inimigo que não prevalecerá na terra dos homens a quem Ele atrai do alto de sua cruz, e no céu, o Reino parusíaco em que DEUS será tudo em todos. (citações bíblicas, da DSI e de texto de Teologia do Trabalho, como espiritualidade como criação e como redenção do homem e do mundo).

I quã?
C. Pro. Gm.
P. D. 14



SOMOS
UM POVO
QUE DEFENDE
A VIDA.

MISSÃO 83

LEIA AQUI A ESTÓRIA
COM MUITA ATENÇÃO
E VEJA COMO FOI
A NOSSA 5ª MISSÃO.

DOM DÉCIO NO DIA 4 DE SETEMBRO
FEZ A ABERTURA COM UMA ORAÇÃO
E NAQUELE DIA COMEÇOU
A 5ª E GRANDE MISSÃO.

SHOWS, POESÍAS E CANTOS
DANÇAS E MUITA ANIMAÇÃO
CANTARAM MÚSICAS POPULARES
E CANTOS DE LIBERTAÇÃO .

"PROCLAMAREIS LIBERDADE
NA TERRA A TODOS OS SEUS MORADORES"

- Lev. 25, 10 -

CAROS COMPANHEIROS:

A MISSÃO FOI O JEITO DE REUNIR MAIS PESSOAS, DE SOFREDORES SE ENCONTRAR, SENTIR-SE COMO GENTE, PARTICIPANDO DE UMA FESTA. FOI O MODO DE MOSTRAR OS FATOS DE NOSSA VIDA, MOSTRAR O QUE É A RUA. ENTUSIASMOU TODOS DE VER QUAL O NOSSO OBJETIVO, A NOSSA LUTA.

A ORGANIZAÇÃO FOI DOS SOFREDORES MESMO: PARA SE UNIR MAIS, PARA CONFIAR, PARA SABER QUE TÊM UMA COMUNIDADE. A ORGANIZAÇÃO PARA QUE ACONTECESSE A FESTA PARTIU DO ESFORÇO DE CADA UM, SOFREDORES E EQUIPE DA OAF. CADA UM FEZ O QUE PODE: UNS CATAVAM PAPELÃO, OUTROS TROUXERAM ROUPA PARA VENDER, VENDERAM CAFÉ, OUTROS LUTARAM PARA CONSEGUIR O LUGAR PARA A FESTA.

ESTA VEZ A MISSÃO FOI NA RODOVIÁRIA DO GLICÉRIO, EMBAIXO DE UM VIADUTO. ISTO FEZ QUE FICASSE CLARA A NOSSA VIDA, A NOSSA CAMINHADA, COMO É QUE VIVEMOS. CHAMOU A ATENÇÃO DE MUITOS, FOI BASTANTE DIVULGADA. ASSIM TODO MUNDO PODE VER QUE A GENTE NÃO É MENDIGO, É GENTE, QUE PODE PARTICIPAR DA SOCIEDADE, QUE TEM DIREITOS NA SOCIEDADE.

DESDE O DÍA 4 DE SETEMBRO ATÉ A 4ª FEIRA NO DÍA 7 ESTIVEMOS REUNIDOS ALÍ. MUITOS FICAVAM PARA DORMIR.

NO DOMINGO DESDE CEDO, AS ARRUMAÇÕES: MONTAR PALCO, ARRUMAR AS CORDAS PARA ISOLAR O LOCAL, INSTALAR SOM, COLOCAR NOSSAS FAIXAS, QUE DEPOIS FORAM USADAS NA CAMINHADA:

- " SOMOS UM POVO QUE QUER VIVER "
- " SOMOS UM POVO QUE DEPENDE A VIDA "
- " O POVO QUE QUER VIVER SE ORGANIZA "
- " O POVO QUE QUER VIVER SE UNE E DEPENDE A VIDA " .

ALÉM DO PESSOAL DOS GRUPOS QUE ARRUMAVA O LOCAL, FOI CHEGANDO GENTE: NO PRIMEIRO DÍA FOMOS ATÉ 280. NOS OUTROS DÍAS O NÚMERO FOI AUMENTANDO, ATÉ ENCERRARMOS O ENCONTRO COM UMAS 500 PESSOAS.

DOM DÉCIO, BISPO DA REGIÃO CENTRO, ABRIU O ENCONTRO. DEPOIS COMEÇAMOS A NOSSA PROGRAMAÇÃO: O GRUPO DE TEATRO DE OSASCO, DA VILA DOS ARTISTAS VIERAM 2 VEZES : "OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO" E "O RICO AVARENTO". PASSOU O FILME DA MISSÃO 82 COM CENAS DA VIDA NA RUA E NA COMUNIDADE, O FILME DA MORTE DE SANTO DÍAS. TEVE AINDA CAMPEONATOS DE FUTEBOL, SHOW DA VIDA, ONDE CADA UM CANTOU LIVREMENTE, FEZ POESIAS, COMUNICADOS, CRÍTICAS, DENÚNCIAS. CADA UM MOSTRAVA O QUE QUERIA, O QUE SENTIA.

TEATROS MUITO BONITOS
DEIXANDO O POVO ATENTO
AQUELA PEÇA ENGRAÇADA
DO RIGO AVARENTO.

O EMPREGADO SAIU GANHANDO
DO SEU PRÓPRIO PATRÃO
PORQUE O TAL RICO AVARENTO
APANHOU DELE PELA SUA AMBIÇÃO.

PARA OUTRA ALEGRIA
DO ENCONTRO DO POVÃO
AINDA MAIS TEATRO
OPERÁRIO NA CONSTRUÇÃO.

OS OPERÁRIOS ESTAVAM TRABALHANDO
NA GRANDE CONSTRUÇÃO
SENDO PELO RIGO OPRIMIDO
VIVENDO NA ESCRAVIDÃO.

UM DIA SE UNIRAM
E RECONHECERAM SUA EXPLORAÇÃO
JUNTARAM-SE OS OPERÁRIOS
E DERAM O GRITO DE LIBERTAÇÃO.

TIVEMOS DUAS CELEBRAÇÕES: UMA COM APRESENTAÇÕES DO EVANGELHO, E A OUTRA MOSTRANDO AS CAMINHADAS DOS GRUPOS DO PARQUE, DA LUZ, DO GLICÉRIO.

OS TEXTOS ESCOLHIDOS PELOS GRUPOS FORAM:

• O CEGO DE JERICÓ: O CEGO, HOJE HOMEM DA RUA GRITAVA. JESUS FEZ CALAR A MULTIDÃO PARA OUVIR O GRITO DO HOOMEM E LHE PALA: REUNE-TE COM A COMUNIDADE E JUNTA-TE COM TEU POVO.

• A PARÁBOLA DO SEMEADOR: CADA UM VAI PLANTANDO AS SEMENTES, COM DIFICULDADES. NO FIM ELIZABETH GRITA: EU SOU A SEMENTE DO POVO POBRE QUE COMEÇA SE ORGANIZAR, SOU O POVO QUE LUTA PELA JUSTIÇA, PELAS COMUNIDADES, PELOS DIREITOS HUMANOS, SOU A SEMENTE DA ESPERANÇA ".

• A CAMINHADA DO POVO DE DEUS -EXOMO: CADA UM SE APRESENTAVA: "EU VIM DA BAHIA, EU VIM DO CEARÁ, VIM DO PARANÁ..... TODOS NÓS VIEMOS DEFENDER A VIDA".

NA OUTRA CELEBRAÇÃO O POVO APRESENTOU O COMPROMISSO QUE TEMOS NA CAMINHADA DOS GRUPOS, O QUE CADA GRUPO TEM FEITO. FOI BOM PORQUE PUDEMOS MOSTRAR PARA O PESSOAL QUE AINDA NÃO PARTICIPA DA COMUNIDADE, QUE TRABALHOS ESTAMOS FAZENDO. TEVE UNS QUE SE INTERESSARAM, FALARAM QUE JÁ TINHAM OUVIDO DIZER, QUE JÁ TINHAM PARTICIPADO DE ALGUMA COISA TAMBÉM, E QUE QUERÍAM SABER MAIS. OS GRUPOS OFERECERAM:

- AS SOPAS COMUNITÁRIAS SEMANAIS FEITAS NAS RUAS AO LADO DAS PEIRAS.
- A CRUZ QUE TEMOS NA CASA E FOI BEIJADA NA 6ª FEIRA SANTA, ACHADA NA RUA.
- A COMEMORAÇÃO DA VIDA DE CADA UM.
- OS TEATROS QUE APRESENTAMOS NA RUA; DO GRUPO DA LUZ;
- IR ENCONTRAR PESSOAS NOVAS NA RUA.
- O SÍMBOLO DO TRABALHO DO GLICÉRIO: O BANQUINHO; O GRUPO SE COMPROMETE JUN

TANDO MADEIRAS E PREGOS E VENDE BANQUINHOS PARA ARRUMAR DINHEIRO PARA AS DESPESAS DA COMUNIDADE.

- A ORGANIZAÇÃO DO PAPELÃO: COM O TRABALHO DE TODOS COM A CARROÇA COMUNITÁRIA, PAGAMOS AS CONTAS DOS CENTROS COMUNITÁRIOS.

-A CAMINHADA DO GRUPO DO PARQUE QUE APESAR DE ESTAR SEM LOCAL, PERMANECEM SE ENCONTRANDO NA PRÓPRIA RUA.

- OS MORADORES DO CASARÃO DA TAMANDARÉ QUE TIVERAM DURANTE ESTE ANO A LUTA E A VITÓRIA DA ÁGUA.

= OS MORADORES DO CASARÃO DA NOTHMAN, COM SEU MUTIRÃO DE LIMPEZA E A CONQUISTA DA ÁGUA.

TODA ESTA VIDA ENCERROU COM A CELEBRAÇÃO DOS QUILOMBOS, LEMBRANDO QUE OS NEGROS TAMBÉM SE REUNIAM E LUTAVAM PELA SUA LIBERTAÇÃO. NUMA RODA DE 200 PESSOAS, DANÇAMOS NO RITMO DA MÚSICA DOS QUILOMBOS; FOI MUITO BONITA. FOI UMA COISA NOVA QUE A GENTE APRENDEU. ESTE FOI UM DESSES MOMENTOS QUE A GENTE FICAVA MAIS ALEGRE.

A NOSSA MISSÃO NÃO FICOU SÓ NA RODOVIÁRIA DO GLICÉRIO. UM GRUPO FOI ATÉ O DAG, O LUGAR ONDE ESTÃO OS SOFREDORES DE RUA INTERNADOS, LEVAR NOSSA MENSAGEM DE RUA. TINHA UMAS 400 PESSOAS ONDE CANTAMOS, CONVERSAMOS, TROCAMOS IDÉIAS. QUISEMOS LEVAR O FILME MAIS NÃO DEU JEITO.

FORMOS TAMBÉM ONDE ESTÃO ACAMPADOS OS DESEMPREGADOS NO IBIRAFUERA. LEVAMOS NOSSA SOLIDARIEDADE E NOSSA FAIXA: "NÃO TEMOS MORADIA. QUEREMOS SER TRATADOS COMO GENTE". ELES FICARAM TAMBÉM SABENDO QUE A GENTE ESTAVA TAMBÉM REUNIDO EMBAIXO DO VIADUTO. QUANDO FORMOS CHEGANDO COM A FAIXA JÁ CORRERAM NOS RECEBER. CHEGAMOS NO DIA QUE ELES ESTAVAM COMEÇANDO O ACAMPAMENTO, TINHA SÓ 3 BARRACAS NAQUELE MOMENTO.

O QUE NOS FAZEMOS SEMANALMENTE, FIZEMOS LÁ TAMBÉM: AS SOPAS.

A IMPRENSA PERGUNTAVA QUEM ESTAVA PATROCINANDO ESSA COMIDA. COM ORGULHO FA --



LAVAMOS QUE FOI FRUTO DA ORGANIZAÇÃO DE SOPREDORES E AMIGOS, PARA ARRUMAR DINHEIRO E CATAR AS COISAS. UNS GRUPOS HAVÍAM IDO NAS FEIRAS, OUTROS FORAM DE MADRUGADA CATAR NO MERCADO, OUTROS CUIDAR DAS MADEIRAS PARA O FOGO. DURANTE ESSES DIAS, MUITOS SOPREDORES FORAM TRAZENDO SUA COLABORAÇÃO: SACO DE BANANAS, FOLHAS DE ALFACE, PEDAÇOS DE CEBOLA ...



A CAMINHADA FOI UMA MANIFESTAÇÃO DE ENTUSIASMO : TODO MUNDO ACHAVA QUE TINHA QUE FALAR, GRITAR !! SENTIMOS QUE REPRESENTAMOS NAS FAIXAS E CARTAZES NOSSA LUTA, NOSSA FRATERNIDADE. O ENTUSIASMO DE TODO MUNDO QUANDO CHEGAMOS NO CENTRO, NINGUÉM QUERÍA MAIS PARAR DE GRITAR.

NESTES 4 DIAS DE ENCONTRO TIVEMOS DEBATES, ATÉ SURTIU UMA CARTA ABERTA À CIDADE. DISCUTIMOS, PALAMOS ALGUMAS VERDADES E REIVINDICAÇÕES.

NA MANHÃ DE 4ª FEIRA DOM PAULO, QUANDO LEU NO BANQUINHO QUE DEMOS : ONTEM NA ROÇA, HOJE NA RUA, ELE COMPLETOU : AMANHÃ NA PATRIA.

PELA REPORTAGEM DA FOLHA VOCES PODEM SENTIR A FORÇA DESSA CAMINHADA E DA CELEBRAÇÃO FINAL.



Os manifestantes saíram do antigo terminal rodoviário do Glicério

500 'sofredores de rua' fazem passeata no Centro

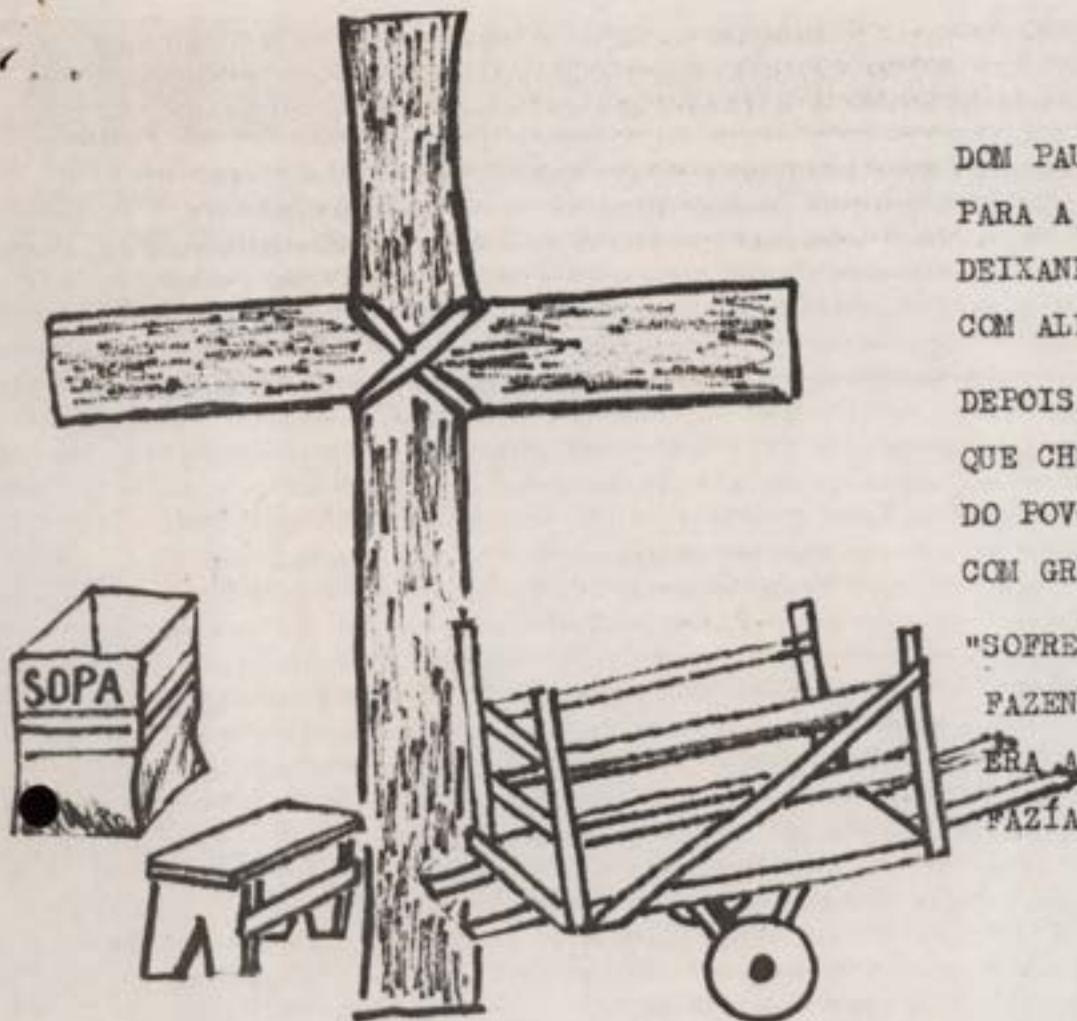
Cerca de 500 "sofredores da rua" fizeram ontem à tarde uma passeata do antigo terminal rodoviário da Baixada do Glicério até o Pátio do Colégio. Eles não gostam de serem chamados de mendigos, pois a palavra traz a idéia de pessoas que pedem esmolas e tem feridas pelo corpo. Durante o trajeto, cantavam músicas religiosas e gritavam em coro a principal palavra de ordem: "Somos um povo que quer viver". Os "sofredores" carregavam placas feitas com pedaços de papelão pregados em pedaços de madeira com dizeres referentes aos seus principais problemas, como a falta de emprego, o desrespeito com que são tratados pela população e pelas autoridades, a necessidade de moradia e de comida. Um dos principais protestos dos "sofredores" é contra a violência policial nos locais onde vivem e dormem, ou seja, debaixo de viadutos, nas portas de igrejas, nas casas abandonadas, em terrenos baldios. A maioria dos participantes da passeata tinha o rosto contraído, aparentavam estarem subnutridos, usava roupas sujas e rasgadas e muitos rostos estavam vermelhos e inchados pelo efeito da bebida. O cortejo era um contraste com as comemorações festivas do Dia da Independência e provocou surpresa em muitas pessoas que faziam parte da multidão que assistia a um show de música na praça da Sé.

A passeata marcou o término da 5ª Missão dos Sofredores de Rua, que começou no domingo. Não houve nenhuma intenção em encerrar o encontro no dia 7 de setembro, segundo a freira Ivete de Jesus, da Organização de Auxílio Fraternal. Mas, segundo ela, o fato teve uma conotação: "Serviu para mostrar que existem muitos brasileiros sem pátria". Na parte da manhã, eles receberam a visita de Dom Paulo Evaristo Arns.

São mais de 10 mil pessoas que vivem e dormem nas ruas. Alguns grupos começaram a se organizar em função de uma sopa feita todas as quartas-feiras com legumes e verduras recolhidos no chão das feiras nos parques Dom Pedro e da Luz e na Baixada do Glicério. Eles já invadiram vários casarões abandonados e formam comunidades que se reúnem, discutem os problemas e têm atividades comuns. Uma delas é a fabricação de banquinhos com madeiras recolhidas nas ruas. No ofertório da missa na Igreja do Pátio do Colégio, realizada após a chegada da passeata ao local, um desses banquinhos foi levado ao altar para "simbolizar o fruto do trabalho de todos", como afirmou o padre Olivo Zolin. Um dos momentos mais emocionantes da missa e muito aplaudido foi a introdução na igreja do "Gasparzinho", um carrinho de mão, mambembe. Ele significa o "instrumento de trabalho", segundo o padre. A maioria dos "sofredores" é catador de papelão pelas ruas e o "Gaspar" — como é chamado de forma carinhosa — é usado por todos, obedecendo a uma escala. Entre as principais reivindicações, os "sofredores" pedem a mudança na lei de vadiagem pois, segundo eles, por sua aparência física e pela falta de documentos, geralmente são levados à delegacia. Pedem ainda o salário-desemprego, INPS com validade superior a um ano e outras reivindicações.

Logo após a missa, todos se reuniram no pátio do colégio em uma grande roda e cantaram canções. Uma delas, utilizava a melodia da música de carnaval "Jardineira".

"Ó companheiro por que estás tão triste/Mas o que foi que te aconteceu/É que na rua o que mais existe/É violência e opressão".



DOM PAULO TROUXE UMA MENSAGEM
PARA A MULTIDÃO
DEIXANDO OS SÓFREGOS
COM ALEGRIA NO CORAÇÃO.

DEPOIS A CAMINHADA QUE CHAMO
QUE CHAMO A ATENÇÃO
DO POVO DO CENTRO
COM GRANDE ADMIRAÇÃO.

"SÓFREGOS CARREGANDO CARTAZES
FAZENDO SUA MISSÃO?
ERA ASSIM QUE O POVO
FAZIA INTERROGAÇÃO.

NA IGREJA DO PÁTIO DO COLÉGIO
FOI A NOSSA CELEBRAÇÃO
OS SÓFREGOS UNIDOS
FIZERAM SUA ORAÇÃO;

E A CARROÇA "GASPARZINHO"
DO SÓFREGO TRABALHAR
FOI LEVADA NO OFERTÓRIO
ATÉ O PÉ DO ALTAR.

COM FAIXAS E DIZERES
SEGUIA TUDO COM JEITO
SÓFREGOS EXIGINDO
OS SEUS REAIS DIREITOS.

DEPOIS DE MOMENTOS DE REZAS
E MUITA REFLEXÃO
TERMINOU NO PÁTIO
EM GRANDE RODA A NOSSA MISSÃO.

TUDO ISTO FOI A REPRESENTAÇÃO DO POVO QUE QUER VIVER E LUTA PELA VIDA.
SABEMOS QUE A NOSSA MISSÃO NÃO ACABOU, QUE TEMOS QUE SEGUIR A CAMINHADA.
CONTAMOS COM QUE VOCÊS POSSAM SER SOLIDÁRIOS TAMBÉM COM NOSSA CAMINHADA,

REDAÇÃO: CARLOS e RENATO

desenho: NELSON

POESIA: FRANCISCO

COORDENAÇÃO: MARA e CRISTINA

CARTA ABERTA À CIDADE DE SÃO PAULO

A COMUNIDADE DO POVO SOFREDOR DA RUA vem apresentar a esta cidade de São Paulo o seu sentimento e o que julga serem os seus direitos. Por dados estatísticos somos, aproximadamente, 10.000 pessoas que dormem e vivem na rua.

Sobrevivemos, vegetamos catando papelão, restos de feira e mercado ou, muitas vezes, suplicando a esmola de um prato de comida pelas casas e restaurantes, para sustentar nossas vidas.

Dormimos debaixo dos viadutos, nas portas das igrejas, terrenos baldios, estações, casas abandonadas, pelos cantos das ruas ou praças, expostos a todos os riscos de vida, sujeitos à doença e à morte traiçoeira. É grande o índice de mortalidade violenta e prematura. Vivemos na angústia de sermos enterrados como indigentes, como "ninguém" deste mundo... Muitas vezes somos vítima da violência policial, sem nenhuma defesa para nós. Somos sempre tratados como marginais e perigosos. Rejeitados de todos os lados. Até o Cetren querem tirar do bairro do Cambuci!

Todos nós já trabalhamos desde os 10 ou 12 anos. Ajudamos na construção do progresso desta cidade (nesse metrô, nesses viadutos...). Nós viemos de longe, das diversas regiões deste país, sempre à procura das mínimas condições de vida. Em lugar disso, muitos companheiros nossos, desiludidos de tanto procurar sem resultado, se entregam ao vício da bebida e perdem o sentido da vida. Com a falta de documentos somos sempre sujeitos a ser enquadrados na Lei de Vadiagem.

O modo como trabalham os Assistentes Sociais nos mostram que eles estão mais para o lado dos patrões do que do nosso lado. Eles nos jogam de um lado para outro como objetos. Com o papel de "Encaminhamento" somos discriminados e as firmas desconfiam de nós. Nas organizações públicas de Assistência Social sempre há policiais que nos agridem provocando revolta em nós.

N e c e s s i t a m o s d e :

1. Mudança da Lei de Vadiagem
2. Salário Desemprego
3. I N P S com validade superior a um ano
4. Facilidade para retirar documentos
5. Instituições que realmente ajudem não só individualmente mas a toda nossa população de sofredores da rua
6. Fiscalização das firmas provisórias que nos iludem com falsas promessas e nos exploram. (Problemas dos "GATOS")
7. Regulamentações dos trabalhos possíveis de serem feitos na rua (catadores de papelão e outros)

Solicitamos a solidariedade das instituições, da sociedade em geral, das comunidades das Igrejas, dos políticos, da imprensa para que se faça justiça e se transforme a nossa situação.

Não queremos viver de E S M O L A S mas, com as forças de nossas mãos.

" S O M O S U M P O V O Q U E Q U E R V I V E R ! "

- 500 SOPREDORES reunidos na 5ª MISSÃO DO POVO DA RUA nos dias 4,5,6 e 7 de setembro de 1983 - debaixo dos Viadutos do Glicério .

- O A F - Organização de Auxílio Fraternal

Missão do Trabalhador

Missão



1º de Maio - 1888

CEM ANOS DEPOIS A ESCRAVIDÃO ACABOU?

1º de Maio - 1988

1. Canto de Entrada

2. Introdução

COM.: A classe trabalhadora chega a este 1º de Maio pedindo a Deus que lhe dê forças para lutar contra o violento arrocho salarial e insuportável inflação que vem sofrendo. Lutar contra a crescente miséria e violência que envolvem as lutas do trabalhador: para isto queremos rezar. Neste ano a Campanha da Fraternidade nos chamou a atenção para a realidade do povo negro, construtor deste país. Não há Brasil sem o negro trabalhador e desbravador de sertões e planaltos.

HOMEM: Eu estava nos engenhos de açúcar do Nordeste, da Amazônia, do Rio de Janeiro, plantando, cortando, carregando e moendo cana.

MULHER: Eu depurava o açúcar, mas ia também para as roças de mandioca e para as fazendas de gado.

TODOS: AXÉ AO TRABALHADOR NEGRO/ SEU TRABALHO ESCRAVO/ CONSTRUIU A RIQUEZA/ AXÉ À MULHER NEGRA/ SEU LEITE ALIMENTOU/ A FOME DE LUCRO E PROGRESSO/ O QUE LHES RETRIBUIREMOS?

HOMEM: Plantei o algodão no Maranhão, cacau e fumo na Bahia. Fui utilizado nas minas de ouro e na faiscação dos diamantes em Minas e Bahia.

MULHER: Toquei as charqueadas do Rio Grande do Sul, a pesca da baleia e o fabrico do óleo em Santa Catarina.

CANTO: Eu venho de longe, eu sou do sertão/ Sou Pedro, sou Paulo, Maria, João/ Eu sou brasileiro, mas sou estrangeiro/ lutei pela pátria e ganhei cativoiro.

E AGORA ME DIGAM/ SE EU TENHO DIREITO/ SE SOU CIDADÃO/ OU POR DEUS NÃO FUI FEITO? (bis)

HOMEM: Fui remeiro das canoas paulistas que levavam ferramentas, pólvora panos e escravos para as minas de ouro de Cuiabá.

MULHER: Toquei as tropas de mulas que subiam do Rio Grande do Sul, fui força de todo sistema de transporte pelo interior do país.

TODOS: AXÉ AO TRABALHADOR NEGRO/ SEU TRABALHO ESCRAVO/ CONSTRUIU RIQUEZA/ AXÉ À MULHER NEGRA/ SEU LEITE ALIMENTOU/ A FOME DE LUCRO E PROGRESSO/ O QUE LHES RETRIBUIREMOS?

HOMEM: Fui maioria dos marinheiros da navegação costeira. Fui do Rio e da Bahia buscar mais escravos na África. Carreguei água para as casas. Levei para o mar os dejetos noturnos. Transporte as mercadorias dos portos e casas comerciais para construir casas, igrejas e conventos. Fui músico e artista, fui sapateiro, ferreiro, mestre carapina.

MULHER: Estive na carpa e colheita de café; nas rodas e moendas de cana. Fui lavadeira, cozinheira, engomadeira, passadeira. Fui quituteira, costureira e rendeira. Fui ama-de-leite, babá e enfermeira. Fui explorada na prostituição; servi aos caprichos sexuais do senhor e seus filhos.

CANTO: Eu sou a nação, eu também sou irmão/ Sou povo de Deus e não tenho porção/ Eu venho da fome, da seca e da dor/ eu sou do trabalho e não tenho valor.

E AGORA ME DIGAM SE EU TENHO DIREITO/ SE SOU CIDADÃO/ OU POR DEUS NÃO FUI FEITO? (bis)

HOMEM: Estive nas fábricas de tecido, no comércio de frutas, doces e comidas, nas ruas e praças.

MULHER: Nem uma palha se mo-
via neste país, nas fazendas, minas,
cidades, portos, rios e estradas; nas
casas, igrejas e conventos, sem o bra-
ço, as mãos e os pés do negro e da
negra escravos.

(J. Beozzo)

TODOS: AXÉ AO TRABALHA-
DOR NEGRO/ SEU TRABALHO
ESCRAVO/ CONSTRUIU RIQUE-
ZA/ AXÉ À MULHER NEGRA/
SEU LEITE ALIMENTOU/ A FOME
DE LUCRO E PROGRESSO/ AXÉ
AO POVO NEGRO/ SEU MESTRE
FOI/ O DURO TRABALHO.

CANTO DE LOUVAÇÃO Nº 2

3. Acolhida do Celebrante

(em nome do Pai...)

4. Ato Penitencial

CELEBRANTE: Fazemos um mo-
mento de silêncio diante do Pai e
diante da desumanidade sofrida pelo
negro. Reconheçamos nosso pecado
de discriminação, de desprezo e rejei-
ção. (SILÊNCIO)

MULHER: Perdão, Senhor, por
400 anos de escravidão. Nenhum ou-
tro país envolveu-se tão extensa e pro-
fundamente e por tão longo tempo em
relações escravistas, como o Brasil.

TODOS: (cantado) SENHOR
TENDE PIEDADE E PERDOAI A
NOSSA CULPA; E PERDOAI A
NOSSA CULPA.

HOMEM: O costume de não se re-
munerar o trabalho, durante todo o
tempo da escravidão, reflete-se na fa-
cilidade com que, no país, se deixa de
pagar o trabalho realizado, atrasa-se o
pagamento e impõe-se à população um
dos salários mínimos mais baixo do
mundo.

TODOS: SENHOR TENDE PIE-
DADE E PERDOAI A NOSSA
CULPA; E PERDOAI A NOSSA
CULPA.

MULHER: Foi no campo que o ne-
gro mais sofreu. Os direitos traba-
listas no campo brasileiro só foram
estabelecidos no governo Goulart em
1963 com o Estatuto do Trabalhador
Rural. Nem sempre é aplicado. Há
trabalho escravo nas fazendas do Pa-
rá, Mato Grosso, Goiás e São Paulo.

TODOS: SENHOR TENDE PIE-
DADE E PERDOAI A NOSSA
CULPA; E PERDOAI A NOSSA
CULPA.

5. Glória

(pode ser cantado: nº 3)

6. Oração

CELEBRANTE: Oremos. Pedimos
neste dia do trabalhador, ó Pai, força
e vontade para abolirmos o preconcei-
to, a marginalização, a discrimina-
ção. Que o trabalho de cada um seja
fonte de sustento e dignidade.

TODOS: AXÉ, Ó PAI, AO ES-
CRAVO DE ONTEM E DE HOJE/
AO ESCRAVO QUE SOMOS TO-
DOS NÓS/ AXÉ, Ó PAI, AO CA-
TADOR DE PAPELÃO/ AO LIM-
PADOR E LIMPADORA DAS
RUAS DESTA CIDADE/ AXÉ, Ó
PAI, A TODO EXPLORADO/ QUE
NÃO ENCONTRA/ JUSTIÇA PELO
TRABALHO QUE FAZ.

CEL.: Ouvi, ó Pai, o clamor deste
povo. Apressai o dia em que vivendo
o vosso projeto, sejamos povo livre,
fruto das lutas de nosso trabalho. Isto
pedimos por Cristo, Senhor e Irmão
nosso, na unidade do Espírito Santo.
Amém.

7. 1ª Leitura

(livro do Eclesiástico, Cap. 13,
vers. 3-7; 21-23)

COM.: O sábio do Antigo Testa-
mento mostra ser um observador inci-
vivo do dia-a-dia dos homens. Não há
como não concordar com ele, pois é
assim mesmo. Saibamos não somente
ler a realidade, mas transformá-la.

LEITOR: "O rico comete uma in-
justiça e ainda se mostra altivo; o po-
bre é injustiçado e ainda precisa des-
culpar-se.

Se és útil para, servir-se-á de ti; se
não tiveres mais recursos, abando-
nar-te-á;

Se tiveres alguma coisa, ele convi-
verá contigo; e despojar-te-á sem
compaixão;

Enquanto precisar de ti, enganar-te-
á; sorrir-te-á e dar-te-á esperanças;

Dirigir-te-á belas palavras e dirá: 'o
que desejas'?

Humilhar-te-á em seus banquetes
até despojar-te por duas ou três vezes,
por fim rir-se-á de ti.

Depois disso, vendo-te, passará
adiante e sacudirá a cabeça por tua
causa".

Palavra do Senhor.

TODOS: SAIBAMOS RECO-
NHECER ISSO/ COM O NEGRO E
COM TODO TRABALHADOR/
CONHECER A HISTÓRIA/ É O
PRIMEIRO PASSO/ APRENDER
DA VIDA/ É SINAL DE GRANDE-
ZA/ QUE A DEUS MUITO AGRA-
DA/ E REFAZ A HISTÓRIA.

8. Canto de Aclamação ao Evangelho

9. Evangelho

COM.: Só Deus sabe o que existe
de ramo seco na história dos homens.
Da videira que é Cristo nos vem a
força para mudar a história, para tor-
nar o trabalho humano chave do Rei-
no de Deus.

CELEBRANTE: Proclamação do
Evangelho de Jesus Cristo segundo
João (15, 1-8).

"Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que está unido a mim e não produz fruto ele o corta; e todo ramo que produz fruto ele o limpa, para que produza mais ainda. Vocês já estão limpos por causa da palavra que lhes falei. Continuem unidos a mim, como eu estou unido a vocês. O ramo só dá uvas quando está unido ao tronco da videira; assim também vocês só darão frutos se estiverem unidos a mim. Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem está unido a mim e eu nele, esse dá muitos frutos, porque sem mim vocês não podem fazer nada. A quem não está unido a mim, acontece a mesma coisa que ao ramo que não produz uvas: é jogado fora e acaba secando.

Os ramos secos são recolhidos e lançados ao fogo para queimar. Se vocês permanecerem em mim e minhas palavras permanecerem em vocês, vocês serão atendidos em tudo quanto pedirem. O que faz a glória de meu Pai é que vocês produzam muitos frutos e se tornem meus discípulos. Palavra da Salvação.

TODOS: GLÓRIA A VÓS SENHOR/ QUE VOSSA PALAVRA/ SENHOR/ NOS CONVERTA/ QUE O TRABALHO/ QUE SABEMOS FAZER/ PRODUZA FRUTOS DE JUSTIÇA/ E DE ABUNDÂNCIA PARA TODOS/ SE SOIS NOSSA Videira/ SENHOR/ COMO NÃO ENFRENTAR AMANHÃ/ COM GARRA E DISPOSIÇÃO?

10. Homilia

11. Profissão de fé

12. Preces da Comunidade

1. Para que todo trabalhador e trabalhadora, seja metalúrgico ou catador de papelão, seja motorista ou 'margarina', seja químico ou pedreiro, acredite na força de sua organização, rezemos ao Senhor.

2. Lutemos contra este sistema de produção que fabrica diferenças de classe, arrocha salários e aumenta a riqueza dos poderosos, rezemos ao Senhor.

3. Lutemos para as outras duas prioridades da Arquidiocese - Moradia e Comunicação - façam crescer nosso compromisso com o povo trabalhador, e o Evangelho melhor vivido, rezemos ao Senhor.

4. Em muitas lutas deste ano, os trabalhadores enfrentaram o Exército: em Volta Redonda, em Itaipú, na Cosipa, no porto do Rio de Janeiro, na matacão de Marabá. Para que esta injustiça não amedronte o trabalhador do campo e da cidade, rezemos ao Senhor.

5. Para que nos juntemos às lutas dos desempregados e dos aposentados, rezemos ao Senhor.

6. Pelos menores abandonados, sem arrimo e sem apoio, pelos menores trabalhadores, para que sejamos instrumentos de mudanças e eles possam ter um tempo seguro de adolescência, rezemos ao Senhor.

7. Lutemos para permanecermos unidos à videira que é Cristo, e joguemos ao fogo o racismo, o preconceito e a discriminação que tanta morte provocaram, rezemos ao Senhor.

Celebrante

13. Canto do Ofertório

(Na Catedral, um grupo da União e Consciência Negra fará o ofertório; nas comunidades, cada uma organize bem algo para apresentar).

14. Oração sobre as Oferendas

Celebrante.

15. Prefácio e Oração Eucarística

16. Pai-nosso

(Ver o canto)

17. Canto de Comunhão

18. Oração Final

CEL.: Nesta celebração sentimos, ó Pai, a firmeza de vosso compromisso com o povo que busca vida e justiça. Nela nos convertemos e não mais vamos pisar os caminhos do preconceito e da desigualdade social.

TODOS: AXÉ, SENHOR/ AO POVO NEGRO LUTADOR/ AXÉ A TODOS AQUELES/ QUE TRIHAM OS CAMINHOS DA IGUALDADE ENTRE OS HOMENS/ AXÉ A TODO AQUELE QUE/ ESTEJA CANSADO OU DESILUDIDO/ DAS LUTAS PELA JUSTIÇA E SOBREVIVÊNCIA/ ESTAR UNIDO A CRISTO/ É RETOMAR A LUTA CONTRA QUALQUER ESCRAVIDÃO.

CEL.: Alimentai, ó Pai, com vossa seiva, esta vontade e coragem deste povo. Por intercessão de São José Operário isto pedimos por Jesus Cristo vosso Filho e nosso irmão, na unidade do Espírito Santo. Amém.

19. Canto Final

CANTOS

CANTO DE ENTRADA

Ninguém Se Engana

NINGUÉM SE ENGANA, NINGUÉM SE ENGANA/
QUE NOSSA HISTÓRIA JÁ COMEÇOU DESUMANA

1. Há muitos anos que os portugueses vieram muitas desgraças fizeram prá quem mora nesta terra Quando chegaram começaram logo a guerra tomando conta da terra, botando os índios prá fora
2. Houve as entradas, denominadas bandeiras com a ação muito grosseira prá dominar os nativos eram tratados com a maior crueldade lhes roubando a liberdade, fazendo o povo cativo
3. O nosso índio que isso não conhecia quando podia fugia deste crime desumano e planejavam outra nação mais prepotente foram buscar na corrente os negrinhos africanos
4. o governo preparou a expedição mandou mais de um batalhão os quilombos destruir investindo nos quilombos dos Palmares destruiu vários milhares liderados por Zumbi
5. E a história desumana continua se enfeita praça e rua, bota placa e dá-se o nome e não se olha prá tanta gente doente tanta criança inocente que hoje morre de fome

2. CANTO DE LOUVAÇÃO

Ó Que Coisa Bonita

Ó que coisa bonita! (2x) Deus Pai criador/
Criar negra cor, / ó que coisa bonita!

Cristo é nosso irmão! Sem separação/
Ó que coisa bonita!

O Espírito, a fé! A força o axé!/
Ó que coisa bonita!

Mãe por Deus escolhida! Negra Aparecida/
Ó que coisa bonita!

Celebrar Deus da vida! Com festa e comida/
Ó que coisa bonita!

Esta reza, esta missa! Clamor de justiça/
Ó que coisa bonita!

3. GLÓRIA

Glória Te Damos Senhor

1. Glória a Deus nas alturas!

É o canto das criaturas. (bis)
Rios e matas se alegram/
Teus pobres por Ti esperam. (bis)

Paz para o povo sofrido/
É o grito do oprimido. (bis)
A terra mal repartida/
clama por tua justiça! (bis)

REF. Glória, glória, glória te damos Senhor!
Glória, glória, venha teu Reino de Amor!

2. Glória a Jesus, nosso guia/
Filho da Virgem Maria. (bis)
Veio pro meio dos pobres/
Prá carregar nossas dores. (bis)
Filho do Altíssimo Deus/
por nós na cruz padeceu (bis)

Venceu a morte e a dor/
prá dar força e valor! (bis)

3. Glória ao Espírito Santo/
que nos consola no pranto. (bis)

Que orienta a Igreja/
prá que do pobre ela seja. (bis)
Que deu coragem à Pedro/
e aos outros seus companheiros. (bis)
Que hoje junta esse povo a buscar
um mundo novo! (bis).

4. ACLAMAÇÃO

Sou, Sou Teu Senhor

REF.: Sou, sou Teu Senhor! Sou povo novo,
retirante, lutador! Deus dos peregrinos,
dos pequeninos, Jesus Cristo Redentor!

1. No Egito, antigamente,/
do meio da escravidão,
Deus libertou o seu povo./
Hoje ele passa de novo
gritando a libertação. (bis)
2. Caminheiros na estrada,/
muita cerca prende o chão/
Todo arame e porteira/
merecem corte de fogueira,/
são frutos da maldição. (bis)
3. Quem é fraco, Deus dá força/
quem tem medo sofre mais;
quem se une ao compaheiro,/
vence todo cativo./
é feliz e tem a paz. (bis)

5. OFERTÓRIO

Ao Deus Pai Criador

Ao Deus Pai criador, oferecerei/
Esta raça, esta cor, oferecerei/
Cada negro que luta, oferecerei/
Pelo fim do racismo, meu sangue
em Batismo, oferecerei

Pão, comida escassa, oferecerei/
A luta pela raça, oferecerei/
Ao Deus de tantos nomes, oferecerei/
Negro, branco, homem livre,
a fé que sempre tive, oferecerei

Negra história negada, oferecerei/
Toda dor suportada, oferecerei/
Preto velho YaYa, oferecerei/
Negra pela raiz, este povo feliz, oferecerei

Leite de tanta ama, oferecerei,
Negro filho reclama, oferecerei,
Quilombolas guerreiras, oferecerei
Na cidade, na roça, esta festa
que é nossa, oferecerei

O trabalho escravo, oferecerei/
Alugado mal pago, oferecerei/
O povo desterrado, oferecerei/
A beleza que faço alegria que traço, oferecerei.

Vinho, Sangue suado, oferecerei
Pão partido esmagado, oferecerei
Um clamor de justiça, oferecerei
Arte, samba, vitória nas mãos da história,
oferecerei.

6. PAI NOSSO

Pai Nosso Dos Mártires

REF.: Pai nosso dos pobres marginalizados
Pai nosso dos mártires, dos torturados

Teu nome é santificado naqueles que morrem
defendendo a vida
Teu nome é glorificado
Quando a justiça é nossa medida

Teu Reino é de liberdade, de fraternidade
Voz e cor/
Maldita toda violência/ que devora a vida
p/ repressão Ó Ó Ó Ó

Queremos fazer tua vontade
És o verdadeiro Deus libertador
Não vamos seguir a doutrina
Corrompida pelo poder opressor
Pedimos-te o pão da vida
Pão da segurança, pão das multidões

Pão que traz a humanidade
Que constrói o homem
Em vez de canhões Ó Ó Ó Ó

Perdoa-nos quando por medo
ficamos calados diante da morte
Perdoa e destrói os reinos
Em que a corrupção é a lei mais forte
Proteje-nos da crueldade
do esquadrão da morte, dos prevaletidos

Pai nosso revolucionário
Parceiro dos pobres Deus dos oprimidos

7. COMUNHÃO

Pão Em Todas As Mesas

1. A mesa tão grande, e vazia de amor e de paz!
de paz! onde há luxo de alguns/
alegria não há jamais! A mesa da Eucaristia
nos quer ensinar a, que a ordem de Deus nosso Pai é o pão partilhar.

REF.: Pão em todas as mesas/ da Páscoa
nova certeza! A festa haverá e o povo a
cantar aléluia!

2. As forças da morte, a injustiça e a ganância de ter, de ter Agindo naqueles que impedem ao pobre viver, viver. Sem terra trabalho e comida a vida não há, não há. Quem deixa assim e não age a festa não vai celebrar.
3. Irmãos, companheiros de luta, vamos dar as mãos, as mãos. Na grande corrente de amor/ na feliz comunhão irmãos. Unindo a peleja e a certeza vamos construir, aqui. Na terra o Projeto de Deus: todo o povo a sorrir!
4. Que em todas as mesas de pobre, haja festa de pão, de pão. E as mesas dos ricos vazias/ sem concentração! de pão! Busquemos aqui nesta mesa do Pão Redentor do céu./ A força e a esperança que faz todo povo de Deus!
5. Bendito o Ressuscitado, Jesus vencedor, ô, ô, no pão partilhado, a presença Ele nos deixou: deixou! Bendita é a vida nascida de quem se arriscou ô, ô, na luta pra ver triunfar neste mundo o Amor!

Canto das Três Raças:

Ninguém ouviu/ um soluçar de dor/
no canto do Brasil/
Um lamento triste sempre ecoou/
desde que o índio guerreiro/
foi pro cativoiro e de lá cantou!

Negro entoou/ um canto de revolta pelos ares/
no Quilombo dos Palmares/ onde se refugiou/
fora a luta dos inconfidentes/
pela quebra das correntes/ nada adiantou...

E de guerra em paz./ de paz em guerra/
todo o povo desta terra/ quando pode cantar,
canta de dor/ Ó Ó Ó Ó Ó ...

E ecoa noite e dia/ é ensurdecedor/
ai, mas que agonia/ o canto do trabalhador/
esse canto que devia/ ser um canto de alegria/
soa apenas como um soluçar de dor/ Ó Ó Ó Ó ...

8. CANTO FINAL

Negra Mariama

Negra Mariama, Negra Mariama chama! (bis)
Negra Mariama chama prá enfeitar o andar
porta estandarte para ostentar/
A imagem Aparecida em nossa escravidão/
Com o rosto dos pequenos cor de quem é irmão.

Negra Mariama chama prá cantar/
Que Deus uniu os fracos prá se libertar/
É derrubou do trono latifundiários/
Que escravizam prá se regalar.

Negra Mariama chama prá dançar/
Saravá esperança até o sol raiar/
No samba está presente o sangue derramado/
O grito e o silêncio dos martirizados

Negra Mariama chama prá lutar/
em nossos movimentos sem desanimar/
levanta a cabeça dos espoliados/
nossa companheira chama prá avançar.

1º DE MAIO

"A ORGANIZAÇÃO SINDICAL OPERÁRIA DEVERÁ ADQUIRIR FORÇA E PRESENÇA SUFICIENTE A QUE O TRABALHADOR TEM DIREITO. SUAS ASSOCIAÇÕES DEVERÃO TER UMA FORÇA DE FAZER VALER O DIREITO DE SUA REPRESENTAÇÃO E PARTICIPAÇÃO."
(Medelim)

Pastoral do Mundo do Trabalho
Av. Higienópolis: 890, SP Arq. São Paulo

1º DE MAIO É DIA DO TRABALHADOR ALGUÉM PODERIA CONTAR PRA GENTE PORQUE TEM ESTE DIA

PRA FALAR A VERDADE EU NAD SEI



EU CONTO PESSOALI QUANDO COMEGARAM A SURTIR AS INDUSTRIAS...



HA' 250 ANOS A-... TRAZ NÃO EXISTIA NE- NUMA LEI QUE PROTEGIA O OPERÁRIA.

HOMENS MULHERES E CRIANÇAS TRABALHAVAM ATÉ 17 HORAS POR DIA.



A HISTÓRIA REGISTRA NAS MINAS DE CARVÃO MORTES DE OPERÁRIOS CRIANÇAS DE 10 E 12 ANOS DEVIDO AS PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE TRABALHO





O julgamento dos oito operários que ficaram conhecidos como os "Oito de Chicago", foi um grande farsa, uma mentira ensaiada para condená-los.

PARA OS OPERÁRIOS A MORTE DAQUELES COMPANHEIROS NÃO FOI INÚTIL. A LUTA AUMENTOU COM TANTO VIGOR QUE O GOVERNO SE VIU OBRIGADO A MARCAR UM NOVO JULGAMENTO E OS OPERÁRIOS FORAM RECONHECIDOS INOCENTES!



ACIDENTE PROTEGIDO

TRÊS ANOS DEPOIS, EM 1889, OS OPERÁRIOS DE DIVERSOS PAÍSES REUNIDOS NA FRANÇA DECIDIRAM DEDICAR A DATA DO 1º DE MAIO PARA LEMBRAR OS QUE MORRERAM E MARCAR NOVAS ETAPAS DA LUTA DA CLASSE OPERÁRIA.



EXIGIMOS
LIBERDADE DOS COMPANHEIROS
RECONHECIDA JORNADA DE 8 HORAS
PROTEÇÃO DO TRABALHO DA MULHER
E DO MENOR!



E A LUTA CONTINUA, TEMOS MUITAS COISAS AINDA PRA CONQUISTAR!

ISSO MESMO COM O GUSTO DE VIDA SUBINDO QUE NEM HOJÃO, O SALÁRIO BAIXO DO JEITO QUE ESTÁ NÃO DÁ NEM PRA SUSTENTAR A FAMÍLIA!



CADE O SINDICATO?

OS SINDICATOS NÃO SÃO LIVRES NO BRASIL, NÃO SÃO OS TRABALHADORES QUE DECIDEM A ORIENTAÇÃO DO SINDICATO E SIM O MINISTÉRIO DO TRABALHO!



AS MULHERES OPERÁRIAS SÃO AINDA MAIS EXPLORADAS E SE FAZEM LEIS SEM CONSULTAR OS TRABALHADORES QUE SÃO OS MAIS INTERESSADOS!

PARA GOVERNANTES O TRABALHADOR NÃO CONTA. A GENTE PRECISA SE ORGANIZAR PARA MUDAR TUDO ISSO VAI SER PRECISO MUITA UNIÃO E MUITA LUTA!



A GENTE PRECISA SE ORGANIZAR A PARTIR DOS PROBLEMAS QUE SENTIMOS NA CARNE.

ESSA ORGANIZAÇÃO PRECISA NASCER DENTRO DAS SEÇÕES EM CADA EMPRESA. É ISSO MESMO, E UNIDOS AOSTRABALHADORES DE OUTRAS FABRÍCAS.



PRECISAMOS DE UM SINDICATO LIVRE QUE GARANTA QUE AS DECISÕES SEJAM TOMADAS PELO TRABALHADOR, E NÃO PELO MINISTÉRIO DO TRABALHO!



RECONQUISTAR O DIREITO RECONHECIDO NO MUNDO TODO, QUE É O DIREITO DE OBRIGAR.

ESSA LUTA DEVE SER DE TODOS TRABALHADORES BRASILEIROS: NAS FABRICAS, NA LAVOURA, NAS CONSTRUÇÕES, NOS BANCOS, NO COMÉRCIO, SERVIÇO DE DOMÉSTICAS ETC...



MAS COMO FAZER ISTO? OLHA! JÁ COMECAMOS EM MUITAS FABRICAS, OS TRABALHADORES ESTÃO SE UNINDO E LUTANDO POR SEUS DIREITOS.



CONTRA O EXCESSO DE TRABALHO
PROTEÇÃO CONTRA ACIDENTE!
CONTRA AS PERSEGUIÇÕES!
PELA EQUIPARAÇÃO E AVANÇO
PROTEÇÃO AO MEMÓRIA E A
LIDER. CONTRA O TRABALHO

SÃO ALGUNS DOS DIREITOS POR QUE LUTAMOS!



MAS COMO FAZER ISTO? COM ABAIXASSINADO DISCUTINDO ANTES COM OS COMPANHEIROS! FORMANDO COMISSÕES PARA DISCUTIR COM OS CHEFES. ORGANIZANDO OPERAÇÕES TARTARUGAS. E ATÉ MESMO PEQUENAS PARADAS.



A LUTA ESTÁ ACONTECENDO TAMBÉM NOS SINDICATOS: PROCURANDO INFORMAR, SINDICALIZANDO NOVOS COMPANHEIROS, PARTICIPANDO EM GRUPO DAS ASSEMBLEIAS - DISCUTINDO SOBRE O SINDICATO, ORGANIZANDO CHAPAS PARA CONCORRER AS ELEIÇÕES DO SINDICATO.

DISCUTINDO O PROGRAMA DE LUTA CONFORME OS INTERESSE DA CLASSE.



NO BAIRRO TAMBÉM ESTÁ HAVENDO LUTAS DOS TRABALHADORES: ASSEMBLEIAS POPULARES

POSTO SAÚDE
MOVIMENTO CONTRA A CARISTIA
MAIS ESCOLAS
MELHORES TRANSPORTES
CRECHES

ENFIM COMPANHEIROS RENDER HOMENAGEM AQUELES QUE DERAM SUAS VIDAS PELA CLASSE OPERÁRIA, E ACIMA DE TUDO, CONTINUAR A LUTA PARA CONSTRUIRMOS UMA SOCIEDADE MAIS FRATERNAL, ALICERÇADA NA JUSTIÇA!

"ASSIM DIZ O SENHOR: PRATICA O DIREITO E A JUSTIÇA E LIVRAR O OPRIMIDO DAS MÃOS DO OPRRESSOR!" (Jer.22,3)

C. Pin. 1/2
P. 181

CONVITE AOS COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS

Está se aproximando a Campanha Salarial dos Metalúrgicos do Grande A B C .
Chegou a hora de observar nossa realidade :

- 1 - Desvalorização do salário, devido ao continuo aumento dos preços dos alimentos, da condução e do aluguel.
- 2 - A situação do trabalho nas fábricas :
 - falta de representação dos operários, pois não temos delegados sindicais nem comissões de fábrica com estabilidade de emprego.
 - acidentes de trabalho
 - exigência de horas extras , etc.
- 3 - modificação da política salarial prejudicando os trabalhadores.

Diante desta situação não podemos ficar parados. Devemos nos preparar e agir, discutir com nossos familiares e com os companheiros de trabalho e do bairro, como também participar das Assembleias dos nossos Sindicatos.
Para ajudar nessa preparação,

A PASTORAL OPERARIA

E A AÇÃO CATÓLICA OPERARIA DO ABC

REALIZARÃO UM DIA DE ESTUDOS SOBRE A CAMPANHA SALARIAL DOS METALÚRGICOS
DIA DOMINGO 10 DE FEVEREIRO .

PROGRAMA

- 1 Apresentação da nova política salarial do Governo, e de como foi a campanha salarial do ano passado. Feita por um companheiro.
- 2 Discussão em círculos da situação da atual campanha salarial nas fábricas, nos bairros e nos Sindicatos.
- 3 Debate sobre política sindical com a presença de dirigentes e militantes sindicais.
- 4 Celebração a partir de nossa vida operária.

HORARIO

CHEGADA ÀS 8.00 HORAS

Almoço Comunitário - 12.00 Hs - Cada um traz alguma coisa.

Encerramento 17.00 Hs.

LOCAL COLEGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
Rua Siqueira Campos Nº 483 - SANTO ANDRÉ .

DATA DOMINGO 10 DE FEVEREIRO

2. 180 Op
Pa 1953

RE CEDIC-N.º _____

N.º Class.	_____
TOMBO	_____
AQUIET A	<u>Doação</u>

CEDIC - s/nº 01.0

CENTRO
DE
EDUCAÇÃO
E
CULTURA
OPERÁRIA

DEPOIMENTO DE UM SINDICALISTA

Publicações Populares
Série Sindical - Nº 2

Distribuição Interna

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CULTURA OPEÁRIA
Publicações Populares - Série Sindical - Nº 2

Depoimento de um sindicalista

A vida de um dirigente sindical pode apresentar uma variedade enorme de facetas, sempre, tôdas elas, interessantes e dignas de serem vividas.

Além do normal, no sentido de arregimentar companheiros para se tornarem sócios, além de procurar estar presente as assembléias e reuniões da diretoria, além de participar das campanhas que o seu órgão de classe apresenta, além de criar condições para uma verdadeira promoção da sua gente e do homem, como pessoa humana, o dirigente sindical poderá, nos tempos "bicudos" de hoje frente a uma situação nova e desconhecida, com a violação constante dos mais elementares direitos do cidadão, o dirigente sindical, repetimos, poderá viver nova experiência; somente se ele tiver a coragem de manter idéias próprias e vanguardistas.

Esse é o caso, entre muitos outros, do companheiro que viveu o drama que ele mesmo descreve, logo abaixo.

Não é excessão, não é um mártir, não é um exibicionista.

Muitos outros estão ainda amargando, na prisão, a posição que assumiram; alguns até já morreram! Outros já foram soltos.

Porém, é o testemunho vivo.

LEIAM E MEDITEM!

NOVA EXPERIÊNCIA

O Senhor se dignou conceder-me uma nova experiência, assemelhando-me a Ele na condição de presidiário (Mt. XXV, 39/40). Logo após lhes haver escrito, soube pelos jornais que o dia 5 de março seria o da qualificação dos 146 indiciados na Justiça Militar, em Juiz de Fora. Ao receber, posteriormente, a citação, conseguir também o texto da denúncia, que era global e não especificava nenhuma acusação a ninguém, mas afirmava que todos os 146 participaram de uma trama de espionagem e sabotagem a serviço do governador deposto.

Como era uma denúncia inepta, enviei ao Banco cópia da denúncia e da citação, pedindo permissão para dirigir-me a Juiz de Fora na data aprazada. Acontece que a auditoria deslousou-se para aqui e, no dia 5, iniciou-se a qualificação.

A QUALIFICAÇÃO

Comparecí com perto de uma centena de indiciados. A audiência foi na sala do Juri local, apertadíssima e quente. Familiares e curiosos comprimiam-se também na sala. O Conselho de sentença era composto de um Major-presidente, 2 capitães, 1 tenente e um Juiz-auditor.

A qualificação consistia em cada um, ao ser chamado, dirigir-se a mesa, dar o nome e demais qualificações, e informar o advogado, passando-lhe a procuração ali. A assinatura do termo de qualificação foi deixada para o final. Como era de prever, a audiência desenvolver-se em 3 etapas: dia 5 de 14 às 18 hs., dia 6 (sábado) de 8 às 12, e dia 8 (segunda-feira), a partir das 14 hs., perdurando até às 15,30 hs. do dia imediato (mais de 25 horas seguidas).

No segunda-feira de manhã foi concedida vista dos autos aos advogados, mas não conseguí compulsá-los (embora me tivesse declarado advogado em causa própria), sob a alegação de que eram muitos advogados (cerca de 15).

Os dois primeiros dias transcorreram sem novidades. Na segunda-feira o local foi previamente preparado e, ao iniciar-se a sessão, 300 soldados do exército guarneceram o local, foi estendido cordão separando os centos e tantos indiciados dos assistentes, as cadeiras foram agrupadas mais próximas e as janelas guarnecidas de soldados com metralhadoras e baionetas.

O APARATO MILITAR

O aparato militar era simplesmente ridículo. Não mais foi permitido o afastamento dos que ingressava na sala. As 20 horas, quando terminou a qualificação do último dos presentes, e após a assinatura dos respectivos termos, foi franqueada a palavra aos advogados para os pedidos de exclusão e apresentações de exceções.

Três indiciados foram então excluídos: um médico cardiologista (militante do PCB), um universitário da JUC e um garoto (este filho de um advogado também indiciado). O cardiologista foi excluído em virtude de ser o médico do deputado Alfredo Nassar, cuja saúde está acima de tudo, pois é líder revolucionário. Os demais por inexistência de acusação no texto do processo(?).

Outras exclusões foram pedidas e negadas. As exceções foram rejeitadas.

Durante toda a noite os indiciados permaneceram amontoados qual boiada, enquanto a chuva lá fora molhava os familiares e amigos dos que ali estavam irregularmente retidos. Até para as necessidades fisiológicas só se podia sair um de cada vez e escoltado por baionetas até o WC.

SURGE A SOLIDARIEDADE HUMANA

As necessidades humanas começaram a forjar a solidariedade entre os presentes e os alimentos que chegavam eram repartidos com todos. Bebidas nos mesmos copos e nos mesmos garafas, resto do que bebera antes. As questões foram superadas pela sede e pela

fone. Os preconceitos foram abandonados e todos se igualaram nas mesmas necessidades básicas. Os antes desconhecidos em sua maioria, começaram a conhecer-se e estimar, solidários na dor e na injustiça.

.. PRISÃO

A noite avançou e, às 4 da madrugada, quando já nenhuma medida podia mais ser tomada pelos advogados, o promotor pediu a palavra.

Alinhavando pessimamente uns dados que supostamente existiam no processo, afirmou o lugar comum de que houvera uma espionagem e subversão em Goiás, e que ao lado do PC e de outras forças auxiliares, a AP também já havia sido considerada pelas forças armadas como "reserva do Partido Comunista". Em consequência, pedia a prisão preventiva das seguintes pessoas: e iniciou a lista pelo meu próprio nome, seguido do (...) - 4º ano de Engenharia, JUC e AP - e mais 7 (entres estes uma assistente social também exjuicista e da AP).

Nossos advogados, tomados de surpresa pelo absurdo da escolha (???), pois nós não éramos os maiores acusados, seguiram-se no uso da palavra pedindo relaxamento de nossas prisões preventivas. Em vão.

Às 6 horas da manhã, o Conselho decretava a nossa prisão, através da teatral e dramática encenação do Major-presidente que gritou: "Em nome da lei, eu os prendo!". E como nós não tivéssemos nenhum chilingue ou chorássemos, tornou a gritar bem alto para que todos ouvíssem: "Os senhores estão presos!".

A seguir, em meio a um ridículo aparato de baionetas e metralhadoras éramos recolhidos a um caminhão de campanha, que, sob a chuva da madrugada e ante as lágrimas, surpresa, revolta dos que ficaram toda a noite ao relento, nos transportou à Penitenciária do Estado, meia hora distante da cidade.

OS PRÊSOS

Os primeiros 9 compreendiam, além dos 3 já citados, um arquiteto e ex-professor da escola de engenharia, um bancário e ex-presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, um médico e ex-secretário da Saúde do Estado, um desenhista, um advogado e um secundarista. Nenhum do Partido Comunista, embora alguns possam ser considerados marxistas.

Nós, os prêsos, julgávamos que tudo estava terminado, mas lá na sala do Juri, a trama continuava.

Sucessivamente cada membro do Conselho pediu a prisão preventiva de mais vários outros grupos, totalizando 23. Lá houve desmaios, gritos, protestos etc e os advogados sucederam-se tentando livrar os seus constituintes.

DO OUTRO LADO DA SALA

Demarches políticas foram feitas durante o dia, e consta que o próprio Governador ameaçou renunciar se não fossem relaxadas as prisões.

Essas pressões funcionaram e, durante o almoço dos membros do Conselho com os "líderes revolucionários locais", concordaram em relaxar as prisões dos que provocariam maior repercussão local, reduzindo-se essa segunda leva a 7. Desses, um engenheiro e uma médica são exjuicistas, os demais eram: um jornalista, um fazendeiro e industrial, um secundarista, um advogado e um ator. Mais uma vez nenhum elemento "em dia" com o Partido Comunista foi preso, encontrando-se alguns que já haviam sido e estavam afastados.

OS CRISTÃOS SÃO POVOS . . .

Esses fatos, deram margem a que houvesse muitas especulações na cidade, acrescido do fato de terem sido presos 5 líderes cristãos.

As notícias circulantes de que o PC e a Maçonaria estavam por trás das jogadas, provocaram várias reações, fazendo com que as 42 Lojas Maçônicas passassem um telegrama ao Castelo protestando contra as prisões, e possibilitando um despertar dos católicos acomodados até então.

Assim, recebemos as mais variadas demonstrações de solidariedade da cidade inteira, desde um "jesuíta espanhol", até conservadores e integralistas.

Nossa prisão na penitenciária local era, a princípio, provisória, devendo sermos renovados em 48 horas para Juiz de Fora.

A repercursão das prisões mobilizou, entretanto, a opinião pública, permitindo que, afinal, ficássemos aqui.

Os católicos acordaram; Tivemos a presença confortadora de D. Fernando e D. Antonio, que foram celebrar 7 Missas, além de outros Padres que nos visitaram ou levaram a Comunhão. Estivemos presos durante 21 dias (de 9 a 29, inclusive), sendo libertados através da extensão de um "habeas-corpus".

Pessoalmente poderemos contar-lhes as deparches e lutas que obtivemos esse resultado. O acontecimento permitiu uma mobilização de todo o grupo militante engajado, que estava algo dispezo desde abril de 64, a falta de um fator aglutinante.

Companhia financeira para atender as famílias dos presos, assistência a essas e a nós, visitas numerosas // chegada a cerca de 300 pessoas numa só tarde, consolaram nos e permitiram-nos suportar aquele isolamento e, sobretudo, a injustiça.

A tomada de posição da Igreja é o que mais nos consolou e nos fez render graças ao Senhor por termos sido um instrumento Seu no despertar de amor, fé e esperança entre cristãos.

NOVA EXPERIÊNCIA DE EVANGELIZAÇÃO

Nossa experiência na prisão também foi rica. Um dos presos, arquiteto e ex-professor da escola de engenharia, embora de formação católica durante a infância, vivia afastado da religião. Casado com uma ex-jucista daí do Rio, com 5 filhos, já há algum tempo vinha sofrendo um processo de conversão.

Nossos contatos permitiram que esse fato se acelerasse e, certo dia, quando acabávamos de receber a Comunhão na cela de um comunista, o arquiteto me disse: Na próxima vez que vier um Padre trazer a Comunhão eu vou comungar. Dois dias após, ele se confessava e comungava depois de 20 anos de alheamento da Igreja.

Quasi todos os dias um grupo de 4 ou 5 reuníamos à estudar um trecho do Evangelho. Líamos, discutíamos diversos problemas e refletíamos sobre nossas vidas, nossas famílias, nossa missão que apenas começava com mais esta experiência que o Senhor nos proporcionava. Aprendemos também a melhor conhecer os que, companheiros de prisão, vivem afastados da Igreja, uns cristãos, outros não, e até ateus, mas todos dotados de uma grande vontade de acertar, de ajudar o próximo, todos portadores de grandes valores humanos.

...crédito que aprendemos a amar melhor o próximo e a vencer um pouco o nosso sectarismo.

A solidariedade vivida pela preocupação de todos por cada um, quando alguém estava triste, solitário, enfermo, a troca das experiências e perspectivas de cada um são valiosos subsídios para a nossa vida toda. Todos os presentes, frutas, alimentos, doces, que recebíamos, eram comuns. Os livros de leitura eram trocados, as Missas celebradas foram assistidas por quasi todos, mesmo os ateus e os não cristãos.

Essas divergências existem, mas procuramos
ver o que cada um tem de bom e nobre para colocar
a serviço dos outros.

Hoje a Igreja expresioneira voltará a reunir-
se aqui em casa, agora com as esposas e mais alguns
amigos, para retomarmos o estudo dos Evangelhos. Ve-
renos o Capítulo XVII de São João.

5. A lei é contra a greve dos trabalhadores. A lei trabalhista, feita pelos grandes e contra os operários, proíbe o direito à greve pelos trabalhadores. Por isso muita gente boa ficou em dúvida em obedecer uma lei contra a greve. Será que tal lei é justa? Temos que obedecer leis injustas? O próprio Jesus desobedecia as leis que eram contra a vida dos pobres e inocentes. Jesus sarava as pessoas aos sábados e os chefes da lei queriam apedrejá-lo. Jesus anunciava a boa nova aos pobres e as autoridades o condenaram como subversivo. Jesus deixa seus discípulos apanharem espigas em dia de sábado, e declara o homem maior que o sábado. E agora?

6. "Não podemos deixar de ouvir o grito de desespero de todo um povo." "A organização econômica é pecaminosa." "Diante da situação, ninguém pode cruzar os braços" (Carta dos Bispos — Assembléia de Itaiaci — 15/4/83).

7. "As forças organizadas do mal não querem dar lugar aos fracos e aos pequenos que são a maioria do povo. Só os grandes e poderosos é que têm direito. O pequeno deve ter só o estritamente necessário para sobreviver servindo ao poder. No momento em que o pequeno se recusa a servir ou começa a ser uma pedra no sapato do grande, ele deve desaparecer, sua terra deve ser invadida, sua choupana desapropriada e destruída.

O Plano de Deus é diferente. Ele mandou seu Filho Jesus para ser a esperança e defesa do fraco, do marginalizado, do oprimido... A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo... A Igreja hoje reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens... Se o evangelho for seguido, será bom para o povo, mas os grandes terão que perder seus privilégios, como Maria Santíssima havia profetizado: 'Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os famintos e despediu os ricos de mão vazia' (Lc 1, 52-53) (Comunicação Pastoral ao Povo de Deus).

8. "No mundo vocês vão sofrer, mas tenham coragem. Eu venci o mundo" (Jo 18,23).

Textos para buscar mais esperança e coragem

Êx 3, 7-8; 3, 9-12; 3,19; Capítulos 7-12 / Eclo 13, 17-20 / Is 3,15; 57,1 Jer 5, 27-28; 22,3 / Ez 34,1.

Mt 12, 9-14; 28,20 / Mc 2,27 / Lc 1, 46-56; 19, 2-10 / Jo 10,10; 15,18.

Rom 1,18; 4,4 / 1 Cor 1, 27-28 / 1 Tim 5,18 / 2 Tim 2,6.

Tg 1, 9-10; 2, 6-7; 5, 1-6 / 2 Pdr 3,13 / 1 Jo 3,10; 3,17.



DIREITO À GREVE

É

DIREITO À VIDA

"Todo homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, às condições justas e favoráveis ao trabalho e à proteção contra o desemprego. Todo homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho. Todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social. Todo homem tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses" (Art. 23 — Declaração Universal dos Direitos Humanos).

1. Muita gente de boa vontade ficou em dúvida sobre a posição a ser tomada na greve de 21 de julho próximo passado. E nós, da Igreja e comunidades, qual foi a nossa posição?

2. Houve greve? Ela aconteceu de fato, apesar das autoridades terem dito o contrário. A prova está nas intervenções nos sindicatos e nas violências policiais realizadas contra o direito dos trabalhadores.

3. Qual o saldo das greves?

Pontos negativos:

- A repressão policial contra os trabalhadores; a polícia bateu injustamente em pessoas indefesas.
- A invasão em igrejas.
- Muitos políticos e partidos que diziam defender os trabalhadores não fizeram nada. Foram como Pilatos: lavaram as mãos.



- d) A grande maioria dos sindicatos pelegos fizeram, mais uma vez, o jogo dos patrões.
- e) O governo censurou rádios, televisões e jornais, e impediu o povo de estar a par da realidade.
- f) A imprensa deformou os fatos.

Tudo isto é negativo, mas ao mesmo tempo mostra quem está do lado dos trabalhadores, e quem é a favor dos opressores. Já disse Jesus: "Pelos frutos conhecereis a árvore".

Pontos positivos:

- a) Muitos trabalhadores se uniram e reagiram contra todos os pacotes que cortam os salários insuficientes.
- b) Muitos advogados defenderam os trabalhadores presos pela polícia.
- c) A Igreja da Grande São Paulo defendeu o direito à greve, e abriu espaço para os trabalhadores e seus encontros.

- d) Alguns políticos defenderam o direito de greve dos trabalhadores, e ficaram presentes nas manifestações e na defesa dos presos.
- e) Alguns sindicatos combativos ficaram do lado dos trabalhadores na luta pelos seus direitos.
- f) Houve muita presença e apoio de jovens e mulheres na greve.

E nós, o que fizemos?

- 4. A esperança é o que não falta. A solidariedade aos trabalhadores esmagados é um sinal de esperança. Os patrões e o governo ficaram com medo; a repressão policial montada para só um dia é sinal da força dos trabalhadores. Muita gente enfrentou a polícia e as leis injustas contra a greve. Apesar da propaganda dos meios de comunicação contra os trabalhadores, o saldo é positivo. Os patrões, o governo e a polícia tentaram pôr medo no povo. Como o faraó, tentaram oprimir ainda mais o povo, mas muitos Moisés brotaram para defender os irmãos oprimidos. A Páscoa continua. A caminhada é difícil e comprida. Deus, o vingador dos pobres, está conosco. Ele ouve o grito de seu povo oprimido. Ele está no nosso meio para nos libertar. Será que alguém quer voltar atrás para comer as cebolas do Egito?



Conheça as obras deste irrequieto pensador religioso.
Veja suas idéias, suas vontades, seus anseios, seus

SUAS OBRAS falam demais

- * Jesus Cristo libertador, 9ª edição, 288 p.
- * Teologia do Cativo e da libertação, 3ª ed., 256 p.
- * Da libertação, 3ª edição, 116 p.
- * Graça Libertadora no Mundo, 2ª edição, 276 p.
- * Francisco de Assis: Ternura e Vigor, 2ª edição, 200p.
- * Via-Sacra da Justiça, 2ª edição, 88 p.
- * Via-Sacra da Ressurreição, 120 p.
- * Vida Segundo o Espírito, 2ª edição, 184 p.
- * Fé na Periferia do Mundo, 3ª edição, 132 p.
- * Ave-Maria: O Feminino e o Esp. Santo, 2ª ed., 104 p.
- * Vida para Além da Morte, 8ª edição, 208 p.
- * Ressurreição de Cristo a Nossa Ressurreição na Morte, 6ª edição, 112 p.
- * Pai-Nosso: A Oração da Liberdade Integral, 3ª ed.
- * Rosto Materno de Deus, 3ª edição, 268 p.
- * Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos
- * Do lugar do Pobre, 152 p.
- * Destino do Homem e do Mundo, 6ª ed., 168 p.
- * Igreja: Carisma e Poder, 3ª ed., 252 p.
- * Eclesiogênese, 116 p.
- * Paixão de Cristo, Paixão do Mundo, 2ª ed., 172p

Leonardo Boff, é franciscano, catarinense de Concórdia, 46 anos, professor de teologia em Petrópolis, RJ, é um militante da Teologia da Libertação, militante das Pastorais Populares, das CEBs, militante da vida do povo oprimido e explorado que busca por todos os meios construir um caminho de liberdade.

Divulgação: Grupo de Libertação

PASTORAL

C. P. O. 02
P. 030

VAMOS DEIXAR FREI LEONARDO BOFF AMORDAÇADO ?



QUE IGREJA É ESSA?

QUE EVANGELHO É ESSE?

Por mais de 20 anos o povo brasileiro se viu massacrado pelo obscurantismo de um regime que somente fabricou a escuridão. Quando mais escura foi a noite, mais presente e animadora procurou ser a voz da Igreja do Brasil a colchir de esperanças os sombrios horizontes nacionais. A Igreja estimulou a organização do Povo. Foi a Igreja que, dos púlpitos e dos telhados, gritou por justiça social, porque o Evangelho não tolera o silêncio cúmplice dos oportunistas. Emprestou aos pobres sem voz e sem vez, vez e voz, porque, afinal, eram irmãos do mesmo irmão, em busca dos direitos que lhes garantiu o mesmo Pai comum.

Com uma coragem apostólica e com profética lucidez, esta Igreja procurou derrubar as paredes das sacristias acanhadas em que se entrincheirou durante séculos. Ganhou as ruas para levar o Cristo vivo e verdadeiro a um mundo ameaçado com o ardor evangélico de quem acredita que o Reino de Deus já começa nesta vida.

Depois de mais de 20 anos, o País voltou a sorrir. O povo voltou às ruas que são suas, e lá continua.

Neste quadro de esperanças, os brasileiros, sobretudo os cristãos, receberam com sofrimento a punição do Frei Leonardo Boff. O tom dos argumentos agora levantados guarda o mesmo ranço inquisitorial que nos acostumamos a deplorar durante os anos mais sombrios de um obscurantismo felizmente ultrapassado (esperamos que não volte mais)

Roma, para nós, está punindo em Frei Leonardo Boff, a Igreja pobre e solidária. A Igreja descalçada que enterrou os pés na lama das fave-

cont.

las. A Igreja despojada que entrou nas fábricas para defender operários. Que se embrenhou nas selvas para proteger índios e posseiros. Que entra e vive nos sertões secos. Que desceu às prisões para confortar desesperados. Que gritou por justiça como exigência evangélica e por fraternidade como o maior dos mandamentos.

Se esta é a Igreja do Evangelho, por que a punição e o castigo? Por que nos cassam e nos calam? Por que nos condenam, sem nem conhecer nossa prática de Igreja?

Será que não existe, por trás desse pretensioso purismo doutrinário, apenas medo de uma Igreja pobre e despida de privilégio? Até que ponto não se invoca a verdade teológica apenas para calar questionamentos irrespondíveis?

Triste povo brasileiro, condenado a um divórcio infundável com as suas instituições. Mal começa a reconciliação do Estado com a Nação, começa a temer o fosso entre si e a Igreja que o animou quando estava só.

Cremos na Igreja Católica, Apostólica e Romana. Santa e pecadora. Pecadora de muitos pecados, através dos séculos - tão grande e tão vulnerável é a fraqueza humana que a permeia. Mas nem por isso esta Igreja é menos santa - porque o Espírito a assiste e a conduz. Quaisquer que sejam seus erros, eles não comprometerão a solidez desta Igreja que é eterna. Mas a fé que nos inspira estas verdades é a mesma que nos reforça a convicção de que, nem por isso, podemos pecar contra o Espírito Santo e desafiá-lo a corrigir os erros de nossa própria autosuficiência.

Comissão de Justiça e Paz da
Arquidiocese de Olinda e Recife.

* passe p/outra pessoa.

16.05.85

NOSSO ENDEREÇO RUA CESÁRIO MOTTA, 68
STO. ANDRÉ CENTRO

COMPANHEIRO:

NÃO DEIXE DE PAGAR A SUA MENSALIDADE.
ELA GARANTE A CONTINUIDADE DE NOSSA LUTA.
HÁ VÁRIOS LUGARES QUE VOCE PODE FAZE-LO:

- . Na fábrica com os companheiros que voce conhece.
- . Na sede do FUNDO DE GREVE! à Rua Cesário Motta, 68 - Centro - Sto André - SP
- . Ou no bairro com os companheiros responsáveis.
- . A mensalidade é uma hora de salário ou uma quantia fixa que voce estipular.
- . Reuniões Quinta feiras - 19,30hs.
- . Plantão de Segunda à Sábado- 12:00/21:00



RE CEDIC-N.º

UM RECADO DO FUNDO DE GREVE!!

C. Mar. op.
R. 028

Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de

Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra

COMPANHEIRO:

O FUNDO DE GREVE passa agora a se chamar "ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E CULTURAL DOS METALÚRGICOS DE STO ANDRÉ, MAUÁ, RIB. PIRES E R. G. S. com registro no cartório e tudo mais.

Isto quer dizer, que o FUNDO DE GREVE agora é uma entidade legalizada.

Agora o recado é pra ninguém esquecer de ficar sócio do FUNDO DE GREVE. Se todos contribuírem teremos bastante dinheiro pra continuar a luta de hoje e as próximas que virão.

Aí dentro tem uma proposta de sócio que é só voce preencher destacar e trazer aqui na sede do FUNDO DE GREVE ou aos companheiros responsáveis e automaticamente voce fica sócio.

A mensalidade é apenas uma hora de salário ou a quantia que voce puder pagar.

FIQUE SÓCIO E CONTRIBUA COM A LUTA PROGRAMANDO DÁ !!!

O QUE É O FUNDO DE GREVE ?

Como todos sabem a lei que controla os Sindicatos não permite que durante uma greve se destine fundos para os companheiros grevistas e no caso de uma prolongada greve precisamos de alimentos, remédios e dinheiro pra segurar a luta.

Basta citar a greve deste ano, já no seu décimo dia tinha companheiros à procura do fundo de greve em busca de alimentos.

E PORQUE ISTO ACONTECE ?

Devido à exploração a que estamos submetidos, com salários baixos, sempre sobrando mês no fim do dinheiro, nunca dá pra reservar um pouquinho pro previsto.

Ora, se vivemos uma situação desta a decretamos uma greve sem saber quanto tempo vai durar, é claro que muitos companheiros caem no desespero e voltam a trabalhar.

Bem companheiros: se o Patrão usa desta arma, que é a falta de comida em nossos pratos, temos que montar a nossa defesa, que é ter comida e dinheiro pra manter uma greve

Então companheiro, o FUNDO DE GREVE é a reserva que a gente faz durante o ano todo pra usar depois na hora da precisão: durante uma greve pra distribuir alimentos, durante uma intervenção no sindicato, pra que a gente possa continuar o movimento e em outros momentos que a gente precisa e não pode usar o dinheiro do Sindicato.

Tudo porque temos que lutar depende da contribuição voluntária daqueles que acreditam que lutamos por J U S T I Ç A !!!

O RECADO CONTINUA :

O nosso Sindicato continua com a intervenção, e temos lá um interventor que está engordando às nossas custas. Neste fim de ano, ele fechou a colônia de férias, tudo lá dentro foi aumentado e pra voce fazer qualquer coisa no Sindicato têm que mostrar o recibo do mês. Muitos companheiros saíram de sócio do Sindicato e os desempregados não tem onde ir pra discutir sua situação.

Nestas horas é que sentimos a falta do Sindicato: porque faz parte da nossa vida de trabalhador, porque é nossa casa e é lá que vamos unir forças e nos organizar pra fazer frente aos Patrões.

Por isso companheiro, a nossa luta é dobrada, temos que construir nossa Associação e ao mesmo tempo lutar PRA RETOMAR O SINDICATO.

E nesta luta o FUNDO DE GREVE tem desempenhado um grande papel, com local pra reuniões, rodagem de boletins e todo material que precisamos pra ter a nossa casa de volta.

Companheiros, tenham no pensamento que tudo que fazemos hoje não é suficiente. É preciso muito mais. Os patrões tem sua força e nós precisamos criar a nossa. Por isso ficar sócio do FUNDO DE GREVE é decisivo pra gente continuar a luta.

O FUNDO DE GREVE DÁ APOIO À LUTA POR:
ESTABILIDADE NO EMPREGO
DELEGADO SINDICAL
SALÁRIO PROFISSIONAL
JORNADA DE 40 HORAS SEMANAIS
E CONTRA O ARROCHO SALARIAL
DIREITO DE GREVE
LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL

FICHA DE INSCRIÇÃO PARA SÓCIO

NOME	_____	NO	_____
ENDEREÇO	_____	CIDADE	_____
BAIRRO	_____	LOCAL	_____
DATA DE NASCIMENTO	____/____/19____	ESTADO CIVIL	_____
ESTADO	_____	ADMISSÃO	____/____/19____
EMPRESA EM QUE TRABALHA	_____	SEÇÃO	_____
CHAPA	_____	FUNÇÃO	_____
CIT	_____	ASSINATURA:	_____

N.º

T.

O.

DEBIC

C. Bar. Lpa
P208

SANTO, O OPERÁRIO ASSASSINADO



APRESENTAÇÃO

Na hora em que passou o enterro do operário Santo Dias da Silva, pai de dois filhos, assassinado pela polícia quando fazia piquete na porta da fábrica, uma mulher comentou:

"Por que se colocou nestas encrencas? Não serve de nada. O que ganhou com isso? Já morreu, quem o fará reviver? E a família, como vai ser?"

Este livrinho mostra, contando a história de Santo e de suas lutas, o quanto é necessário viver como ele viveu. Mas, para os que possam ainda duvidar da necessidade de lutar para mudar a situação de exploração e dominação estrangeira em que vive o Brasil, é bom pensar no seguinte:

É possível viver com os salários que os operários vivem? O custo de vida não está acabando com nossas vidas? E quantos morreram sem nem precisar ser baleado pela polícia, de fome e doença?

Será que o trabalhador não tem direito de reclamar contra a exploração? Se ele não fizer greve e não ir para a rua protestar, vai conseguir alguma coisa?

Vejam esse governo que como resposta à miséria e ao desespero dos trabalhadores só tem as armas da polícia. Vejam como esse governo entrega tudo aos estrangeiros e faz tudo para agradar aos patrões.

Santo era apenas um operário que percebeu, igual aos milhares de companheiros que estão enfrentando todos os perigos das greves, que ao trabalhador só resta lutar com todas as forças, contra a exploração, contra o governo de ditadura militar. Ao trabalhador não se dá mais nada. O operário não tem nada. Não tem nada mais a perder, a não ser a vida.

A PALAVRA DO FILHO

No dia 30 de outubro de 1979 morre meu pai, às 13:45 horas, mas nasce uma esperança que nunca morrerá em mim e em todos os companheiros de luta, porque meu pai está presente.

Desde que o soldado apertou o gatilho, acionou nossa consciencia de que a luta continua até chegarmos aos nossos ideais.

Nós reagiremos cada um de nós, de mãos dadas e com armas nas mãos acabaremos com esse regime, para conseguirmos igualdade entre as classes.

Nossa arma será a greve, o gatilho os piquetes e a bala a união.

As lágrimas rolam mas não devemos desanimar porque agora meu pai está mais em mim do que todos os companheiros que choram por sua morte.

O sábado dia 27 foi o último dia em que nós estivemos juntos. Ele estava tão contente em estar com seus companheiros na assembleia de domingo, que todo colega metalúrgico que passava ele convidava para estar lá, porque o prazer era muito grande de que visse todos nós unidos e que a luta continuasse sem medo e com muita coragem.

Eu só sei que a união faz a força.

E que a esperança é a última que morre.

seu filho, Santinho

A PALAVRA DA FILHA

Meu pai foi um homem que lutou para conseguir o bem e não o mal, como esses exploradores.

Eu, da minha parte, vou continuar lutando até morrer como meu pai morreu, lutando em busca da vitória.

Ele não conseguiu a vitória mas eu hei de conseguir um dia.

sua filha, Luciana

A CENA DO CRIME

Os metalúrgicos de São Paulo estavam na campanha salarial, exigindo um aumento para diminuir um pouco a situação de dificuldade, igual a todos os outros trabalhadores. Usaram então a única arma que hoje em dia os trabalhadores tem para mostrar sua força: entraram em greve, no dia 28 de outubro.

Santo era um entre as centenas de líderes que preparavam a greve. Por pouco não estava entre os 113 que foram presos na sub-sede do Sindicato na noite de domingo, em Santo Amaro.

Segunda-feira estava na rua, tomando seu lugar entre os companheiros que tinham começado a greve, apesar da prisão dos tantos militantes mais combativos. E assim passou o dia, indo aos piquetes, nas reuniões, animando, ajudando a organizar.

Na terça-feira um grupo de trabalhadores da Sylvania chegou na reunião do comando da zona sul, pedindo ajuda para parar sua fábrica. Foram uns 20 operários para ajudar lá. Santo era um deles.

Quando estavam na porta da fábrica, distribuíam do folhetos e chamando a turma para a greve, vieram os policiais, fazendo provocação e tentando prender piqueteiros. Eram violentos e nem usavam cassetetes. Desde o começo da greve que a polícia atacava sempre armada de revólveres, sempre ameaçando.

A PM agarrava um e a turma ia e libertava das mãos deles. Era fácil perceber que a polícia tinha reforço e estava "fazendo hora" até chegar as outras viaturas. Como a greve já estava conseguida na Sylvania, um companheiro pediu que todos fossem embora. Foi agarrado mas a turma libertou ele também. Santo foi um .

Então um policial, que era o mais fazedor de ameaças, deu uma rasteira no rapaz que tinha pedido para a turma ir embora. Nessa hora tinha chegado o reforço pedido pelos PMs. A polícia ficou mais violenta nessa hora. A rasteira dada pelo polícia no colega revoltou os operários que revidaram e começou uma confusão, uma pancadaria.

A polícia começou a atirar. Um PM baixou a arma e apontou no Santo. Atirou.

O tiro pegou nêle meio de lado, por baixo da costela, saindo pelo outro lado. Ele ainda gritou e caminhou uns metros, com a mão em cima do ferimento, correndo muito sangue. Aí caiu de braços abertos. Os policiais pegaram ele e jogaram dentro do camburão, saindo em disparada.

Ainda prenderam três operários, acusando eles depois como autores do crime. Rodaram um tempo com o corpo do Santo e tentaram esconder o assassinato, mas os companheiros do líder operário morto se movimentaram de imediato, pedindo ajuda a advogados, a deputados populares e à Igreja. Então encontraram o Pronto Socorro onde o Santo estava, já morto. Descobriram toda a trama da polícia para esconder o crime praticado por seus soldados.

Assim foi o assassinato de Santo Dias da Silva. Um crime que causou enorme revolta entre a classe operária e o povo em geral, apesar da tentativa dos jornais, das rádios e das TVs que, para agradar seus patrões e o governo, transmitiam tudo de uma maneira errada, noticiando só as mentiras enviadas pela polícia e pelos Ministros.

Acontece que o povo vai contando a história verdadeira de boca em boca e essa revolta causada pelo crime não se apagará nunca mais.

SANTO E A LUTA OPERÁRIA

(escrito por seus companheiros de luta, os que viviam ao seu lado o trabalho de organizar a classe operária).

Quando a gente conheceu Santo, o principal assunto d'ele era o movimento operário. Nós sempre sentimos, muito mais do que as outras partes da população, o quanto é grave a exploração feita pelos patrões, os donos do poder neste Brasil. Santo era um dos mais ativos nas discussões sobre este assunto.

As principais preocupações de Santo eram as seguintes:

- 1 - lutava pelo aumento da sindicalização, achando que era preciso que a maioria dos operários se sindicalizasse. conversava com os colegas, convencendo para se sindicalizar e mostrando que esse tipo de sindicato que existe agora é ruim, que está dirigido por pelécos como Joaquim Andrade que são inimigos da classe operária, mas que a participação de todos, nas eleições e depois delas, ajudam a mudar a situação;
- 2 - acreditava que o movimento popular organizado nos bairros é um grande aliado da classe operária em sua luta. Porisso estava sempre presente nesses movimentos, toda vez discutindo a ligação das lutas populares com a luta operária;
- 3 - dava a maior importância ao trabalho de organização dentro das fábricas, fazendo questão de discutir com o maior número possível de colegas sobre os problemas do trabalho na firma, como fazer para

resolver e quem é o principal responsável pelas dificuldades sofridas pelos trabalhadores. Sua atenção para cada um, seu espírito de amizade e dedicação aos companheiros faziam de Santo uma pessoa muito querida, sendo impossível encontrar quem não respeitasse ele. Era muito honesto e sempre ouvia a opinião de todos, nunca tentando convencer os outros "na marra" e evitando cair na tentação de querer fazer tudo sozinho, seguir só sua cabeça. Pensava sempre de maneira coletiva, junto com os companheiros. Por causa disso não parava mais de dois anos numa fábrica, porque os dedo-duros e os patrões faziam logo sua demissão;

- 4 - sabia que a mudança da situação do trabalhador está ligada à mudança da estrutura do governo no país. Então lutava para que o povo, através de sua força unida conseguisse a eleição de uma Assembléia Constituinte livremente escolhida pelo povo, para aí fazer as novas leis de interesse da maioria, daí vindo a liberdade sindical e a melhoria da situação de vida da classe operária e de todos os trabalhadores da cidade e do campo;
- 5 - para ele o movimento da Oposição Sindical tinha que ser um grande movimento, unindo o maior número possível de metalúrgicos da cidade. Antes a Oposição Sindical era um movimento fechado, de poucas pessoas. Ele foi um que se bateu muito para abrir a oposição sindical, fazer ela ficar conhecida, trazer mais gente, levar a Oposição Sindical a todas as fábricas. Em 75 não tivemos condições de fazer uma chapa para concorrer no Sindicato, inclusive alguns companheiros não concordavam com

nossa idéia de tornar a Oposição Sindical uma coisa bem aberta, de todos os operários. Mas em 78 foi possível e Santo estava entre nós, como candidato a Vice-Presidente pela Chapa 3. A linha de trabalho amplo, de participação de muita gente, organizando em cada fábrica, mostrou que essas eram idéias certas e foram muito importantes para a mobilização da greve de 78. Agora em 79 ficou bem clara a necessidade de um trabalho bem grande de organização em cada fábrica, para o movimento operário ser assim bem forte e poder enfrentar a repressão policial cada vez mais violenta, ordenada pelos patrões e pelo governo. Foi por termos iniciado uma ação assim de organização paciente dentro das fábricas que conseguimos alguma força na greve aqui na zona sul, principalmente. O trabalho dedicado de Santo foi muito bom nesse caso. A zona sul aguentou a prisão de 113 líderes sem fracassar e a resposta à morte de Santo, com os 10 mil operários que tomaram conta das ruas e das fábricas da região é uma grande prova disso que estamos dizendo, provando também o quanto nosso companheiro era querido por todos.

Nós, que ao lado dele formamos na organização dessa greve e sempre estivemos juntos em todo o trabalho de elevar o nível de organização e consciência de nossa classe, estamos orgulhosos de nosso companheiro. Nós admiramos Santo porque ele nunca faltava às reuniões, sabia respeitar as decisões tomadas em grupo; porque antes e depois de seu turno de trabalho estava sempre percorrendo as fábricas atrás de novos companheiros e estava sempre distribuindo um folheto ou convidado para uma reunião; porque se preocupava muito em estudar a história da classe operária para aprender o caminho da luta no Brasil; porque fazia questão de ensinar aos outros tudo o que sabia; porque se preocupava em fazer todos os serviços, no mais importante ao

4
mais simples, sem nunca se julgar um "homem muito sabido e importante" para querer ficar só em reuniões e dando ordens. Nós o admiramos pois agia do jeito que deve agir todo o operário consciente. Modesto, ativo, firme. Era um grande companheiro.

Nós que convivemos com ele, temos a obrigação de fazer a ditadura entender que no lugar de Santo nós vamos colocar milhares de combatentes operários. Cada um de nós vai fazer tudo para ajudar a se formar mil Santo. Esse é o nosso compromisso.



A RESPOSTA DO POVO

Assim que souberam do assassinato, os operários que estavam fazendo uma assembléia na rua em frente ao Sindicato, gritaram sua revolta e resolveram manter a greve, inclusive considerando que o movimento a partir daquela hora serviria também como uma resposta ao crime dos patrões e do governo, pois são eles os responsáveis pela presença dos policiais diante das fábricas, armados de revolver e violentos.

Deputados, religiosos, médicos e advogados conseguiram retirar o corpo das mãos da polícia, que tentava esconder. Levado para a Igreja da Consolação, Santo foi reverenciado por milhares de trabalhadores e populares. Às onze horas do dia 31 seu caixão foi carregado por seus companheiros. E seguido por sua esposa e seus dois filhos, foi levado até a Catedral da Sé. Mais de 30 mil pessoas acompanhavam seu corpo, gritando contra o governo e os patrões assassinos. "chega de manter assassinos no poder", "vai acabar, vai acabar, a ditadura militar", "companheiro Santo, você está presente", "operário assassinado, você será vingado".

A missa preparada pelo Cardelal D. Evaristo Arns, por numerosos bispos e padres, falou das injustiças que levaram a morte de Santo e lembrou seu exemplo.

Depois o corpo foi levado para a Praça da Sé, onde mais de 50 mil pessoas esperavam por ele. A multidão emocionada cantou o Hino Nacional e repetiu numa só voz: "Abaixo a ditadura", "ou deixar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil", demonstrando assim que Santo se transformou num símbolo da luta de todos os brasileiros pela libertação da Pátria, contra o governo de ditadura militar que esmaga o Brasil.

Colocado nun carro fúnebre, o corpo seguiu para ra o cemitério de Campo Grande, próximo às fábricas onde construiu sua luta e aos bairros pobres onde caminhou incansavelmente reunindo o povo. Milhares de trabalhadores gritaram o último adeus, prometendo honrar este herói da classe operária.

No dia seguinte, as fábricas da zona sul começaram a ser fechadas- por menos de cem companheiros. A polícia estava começando a aparecer de novo, com suas ameaças e violência. Mas ao grito de "Companheiro Santo, você está presente", os operários enfrentavam a ameaça e iam trazendo mais trabalhadores. A passeata ia crescendo e crescendo, as fábricas iam fechando. Praticamente todas as metalúrgicas da zona sul foram fechadas assim. Até fábricas que não eram metalúrgicas aderiram à greve e a passeata. No final 10 mil operários tomavam conta das ruas. 10 mil vezes gritando: "Companheiro Santo, você está presente".

E assim foi a melhor homenagem dos metalúrgicos ao seu líder: o protesto bem alto e forte, as multidões na rua, as lágrimas do povo trabalhador e o silêncio das máquinas.

SANTO E A LUTA OPERÁRIA

(escrito por seus companheiros de luta, os que viviam ao seu lado o trabalho de organizar a classe operária).

Quando a gente conheceu Santo, o principal assunto d'ele era o movimento operário. Nós sempre sentimos, muito mais do que as outras partes da população, o quanto é grave a exploração feita pelos patrões, os donos do poder neste Brasil. Santo era um dos mais ativos nas discussões sobre este assunto.

As principais preocupações de Santo eram as seguintes:

- 1 - lutava pelo aumento da sindicalização, achando que era preciso que a maioria dos operários se sindicalizasse. conversava com os colegas, convencendo para se sindicalizar e mostrando que esse tipo de sindicato que existe agora é ruim, que está dirigido por pelêgos como Joaquim Andrade que são inimigos da classe operária, mas que a participação de todos, nas eleições e depois delas, ajudam a mudar a situação;
- 2 - acreditava que o movimento popular organizado nos bairros é um grande aliado da classe operária em sua luta. Porisso estava sempre presente nesses movimentos, toda vez discutindo a ligação das lutas populares com a luta operária;
- 3 - dava a amior importancia ao trabalho de organização dentro das fábricas, fazendo questão de discutir com o maior número possível de colegas sobre os problemas do trabalho na firma, como fazer para

LUTA PELO POSTO DE SAÚDE

Iniciamos essa luta sabendo que existe o desvio de dinheiro do INPS e que o atendimento à saúde do trabalhador é muito ruim, que a existência dos convênios de hospitais com as firmas é mais uma máquina de controle sobre os trabalhadores, um jeito de obrigar o trabalhador a enfrentar o serviço mesmo estando doente. O convênio, por exemplo, tem ordem expressa para não dar atestado. E tem a família do trabalhador, sempre desprotegida, também os desempregados.

LUTA POR CHECHE

Santo também estava na luta pela creche porque as trabalhadoras precisam ter condição de deixar seus filhos num lugar onde possam ser bem tratados enquanto trabalham, sem despesas.

TEATRO

Santo gostava de teatro também. Escrevia peças, participava representando. E suas peças eram todas voltadas para a luta, mostrando sempre que o mundo está dividido entre explorados e exploradores, sempre incentivando, através das peças, ao trabalhador.

Nessas lutas todas ele era sempre um dos mais dispostos. Quando se distribuía serviços, determinava tarefas e Santo ficava calado, se alguém perguntava: "E você, Santo, não vai ajudar em nada?", ele respondia brincando: "E precisa falar, companheiro? Essas coisas eu faço sempre, direto!"

MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA

Essa é uma das lutas mais importantes em que Santo participou. Como operário fazia sempre cálculos para nos ajudar a provar a injustiça do sistema de produção e de preço das coisas.

Ele calculava as perdas que o povo tem quando aumenta os salários, em relação ao aumento do custo de

vida; calculava o preço das peças produzidas para ver o quanto o patrão leva de vantagem na produção e na venda dos produtos.

Sua preocupação com o povo aparecia sempre, ajudando em tudo, pagando impostos para uns, fazendo desenho de planta de casas para outros. Sempre disposto, sempre amigo. Porque era cristão, percebia no Evangelho a visão de libertação de um povo e se dedicava a ajudar a que o povo se mantivesse unido para poder lutar melhor. Sem a participação de todo o povo não existe libertação. Isso Santo sabia muito bem.

Ele estava sempre presente nas missas, falava constantemente nas celebrações, era representante da Pastoral Operária na Arquidiocese e na CNBB.

Era um exemplo.

Santo Dias da Silva nasceu no dia 15 de novembro de 1942, em Terra Roxa, Estado de São Paulo. Seu pai era de Barretos e sua mãe era de Batatais. Vida inteira de trabalho na roça. Ele foi criado em Terra Roxa mesmo, onde o pai plantava a meia. Plantavam e colhiam café, para um grande fazendeiro. Em 61 o patrão resolveu acabar com o plantio e deixar só capim. Ali, em 59 e 60, teve greve do pessoal que trabalhava na destilaria da fazenda. E Santo ouvia no rádio as notícias de greves nas cidades. Mas ali só tinha mesmo o rádio, não tinha nada, nenhum movimento que ajudasse a consciência das pessoas.

A família toda foi para Viradouro, ali perto. Em Viradouro tinha um Sindicato Rural e Santo chegou a se inscrever nele, mas durou pouco tempo. O pai agora saía com a família numa carroça para catar emprego em roças e outros serviços da fazenda. Santo resolveu aventurar em São Paulo. A família não gostou porque viviam sempre unidos, acharam que não ia dar certo aquilo.

Em 62 Santo chegou em São Paulo e arranhou emprego na Metal Leve. Ali foi participante, sem ser ativo, nas greves de 62, 63 e 64. Não entendia o que se passava no país naquela época. Achava as greves justas e necessárias, uma coisa boa para o trabalhador. Mas não participava.

Em 64 veio o golpe militar e os patrões expulsaram a diretoria do Sindicato e no lugar botaram o pelego Joaquim Andrade para representar a ditadura em cima dos trabalhadores.

Em 68 a oposição dos trabalhadores cresceu e, influenciado pela grande greve que aconteceu em Osasco e pelas manifestações que os trabalhadores fizeram no dia 19 de maio na Praça da Sé, Santo en-

trou para a Oposição Sindical, que na época era um movimento muito fraco, quase sem ninguém atuando nas fábricas. Ele começou uma atuação pequena, ainda sem muito conhecimento da situação. Mesmo assim, depois que fez uma "operação tartaruga" junto com os companheiros do setor de transportes, onde trabalhava, foi mandado embora da Metal Leve, onde tinha ficado por mais de 8 anos, o maior tempo que passou numa só fábrica.

Daí em diante sua participação nas lutas da classe faziam com que a perseguição dos patrões o tirasse de um emprego em pouco tempo.

Sua visão política e seu espírito de combatividade de aumentou a partir de 71, quando, trabalhando na Igreja do bairro, viu chegar um novo tipo de ação cristã, com o padre Ângelo e Irma Passoni trazendo as idéias aprovadas pelo Vaticano e Medellín para mudar a vida da Igreja junto do povo. Idéias de luta.

Ao lado de alguns moradores foi organizando as bases da Igreja e iniciando grandes movimentos como luta por posto de saúde, por ônibus, escola, água, luz, movimento Contra a Carestia e outros, sempre acompanhando por sua esposa, Dona Ana.

Em 74, já participando da Pastoral Operária, sente em condição de falar nas assembléias dos metalúrgicos, sendo mais um para combater as malandragens dos pelegos. Nesse tempo a Oposição Sindical crescia e ele começava a se interessar mais pela história e pela política da classe operária, lia dois jornais por dia para ficar mais informado. Já aí dedicava todo o seu dia à luta, acordando mais cedo e indo sempre dormir bem tarde, para poder render mais em seu trabalho junto aos companheiros.

Em 78, depois de andar por várias firmas, voltou à Metal Leve mas, assim que se inscreveu para disputar a eleição no Sindicato através da Chapa 3, o acordo entre os pelegos e os patrões funcionou mais uma vez e ele foi mandado embora. Teve que arranjar correndo um

UMA CARTA PARA SANTO

(escrita por centenas de vizinhos, cada um escrevendo uma frase, no dia seguinte ao seu enterro).

Santo, sua vida foi do povo e pela família. A nossa amizade será como o sol. Uma nuvem pode escondê-la mas apagá-lo de nossas memórias, nunca.

Sua morte é a semente que vai fazer brotar muitos lutadores no meio do povo. Sua morte nunca mais será esquecida e ela ajudará a chegar à vitória da luta dos explorados contra os exploradores.

Desde quando o conheci, sempre foi um homem bom e humilde. Viveu lutando pela justiça, contra a carestia e pelo salário que era pouco. Amigo Santo, sua morte será vingada, seu sangue não será derramado em vão.

Santo, amigo, irmão, companheiro de luta, conforto para todas as horas. Tudo o que você é ficará sempre como força na conquista de uma nova vida. Enquanto houver luta para a nossa classe você estará vivo dentro dos nossos corações.

Como grupo de trabalho sempre estivemos juntos, hoje você partiu mas nós continuamos e você está presente em todo trabalho e em cada um de nós na luta que continua.

A classe operária não desonrará sua morte e continuará sua luta. Santo, amigo de confiança, você nunca descuidou da luta pela justiça por isso você foi assassinado. Mas nós estamos aqui.

ENTREVISTA COM SANTO

No dia 23 de maio de 1978, o jornalista Sérgio Sister fez uma entrevista com Santo Dias da Silva. Não era para publicar mas fazia parte de um estudo de jornalista e de uma pesquisa da professora Líia Zatz. Porém, devido a morte de Santo, Sérgio Sister achou que devia publicar a entrevista, como uma homenagem às idéias defendidas por Santo e como prova de admiração por sua vida de lutas. Aqui vai uma parte das perguntas e as respostas de Santo.

P - O que é a Oposição Sindical para você?

R - A Oposição Sindical para mim é um grupo de companheiros que não está contente com a situação atual, tanto política quanto com a atuação do sindicato.

P - Quais as diferenças de ponto de vista dentro da Oposição Sindical?

R - A Oposição Sindical tem uma porção de operários que participa dela e existe uma série de pontos de vista que não dão sempre na mesma coisa. Tem alguns que acham que as comissões operárias devem ser desvinculadas da direção sindical, embora ela trabalhe assim com o respaldo do Sindicato. E tem outros que acham que as comissões de fábrica devem ser eleitas dentro do próprio Sindicato e reconhecidas tanto em termos sindicais como em termos de fábrica, em termos amplos para a imprensa. Eu acho que as Comissões Operárias devem ganhar o máximo possível de legalidade em cima, por exemplo, de problemas específicos da fábrica. Eu acho que as comissões só vão se dar em cima de um problema. Forma-se então uma comissão que se torna representativa pra os operários, e conhecida na empresa (é o organismo que encaminha as reivindicações), e reconhecida também pelo Sindicato.

P - Independente do Sindicato?

R - Não, as que proponho são veiculadas ao Sindicato, embora ela tenha que ter o respaldo tanto do Sindicato quanto da categoria. E base dentro da empresa para sua manutenção, estabilidade dentro da empresa.

P - Mas essa estabilidade não depende que o Sindicato esteja respaldado pelo governo?

R - Esta estabilidade quem tem que garantir é o próprio operário e sua organização.

P - E se o Sindicato sofrer intervenção por parte do governo, impedindo?

R - Aí a comissão também tem o prejuízo dela. Mas intervenção no Sindicato só vai ocorrer na situação atual, porque nós ainda estamos numa fase de organização. Nós ainda não temos base para garantir que não ocorra dentro do Sindicato uma intervenção. Mas eu acho que uma comissão que parte de uma organização dentro da empresa e que tenha realmente uma organização dentro da fábrica, talvez a gente tenha condições de impedir uma intervenção.

P - É possível discutir coisas políticas nas comissões ou só se discute problemas do trabalho?

R - As comissões são formadas em cima de problemas e específicos. Depois de formadas, no seu desenvolvimento, não se pode controlar o que elas vão discutir. Atualmente já discutimos problemas de liberdade sindical em pequenos grupos, mas não se pode dizer ainda que esses grupos sejam comissões. Por exemplo, dizer que um grupo de fábrica hoje é comissão é errar em termos de dado que a gente tem para dizer que é uma comissão.

P - O que é necessário para ser uma comissão?

- R - Ter toda essa legalidade, ela discutir um problema, encaminhar, ela se criar. Hoje a gente está dentro da empresa, a gente tem companheiros que ficam ali em torno da gente discutindo. Então é um grupo. Não tem representatividade nenhuma. Os próprios operários dentro da fábrica não tem acesso a esse grupo, ele não conhece, não sabe que existe esse grupo.
- P - O que é liberdade sindical para você?
- R - Liberdade sindical ela se dá no desvinculamento do Sindicato do Ministério do Trabalho. Seria a contratação coletiva, a livre negociação entre patrão e o empregado e o direito de greve.
- P - Como é que o Joaquim consegue se manter no Sindicato?
- R - Eu acho que é porque ele tem o controle sobre as eleições. Como Presidente do Sindicato ele dirige todo o processo das eleições. Tudo aquilo que se tem que fazer tem que passar por ele. Na época em que a gente registrou a chapa foi ele quem recebeu os registros. Abriu o registro e fechou. O prazo de impugnação ele abre e fecha, que dizer: se tivesse algum processo para impugnação de chapa, teria que passar pelo Joaquim. Ele é que é o elemento centralizador da campanha. Ele pode colocar nas mesas e nas urnas mesários de confiança dele, que ele inclusive falou que não ia dar mesário pra gente, para sair um negócio democrático. Quem detém a máquina ganha.
- P - Ele tem massa, tem apoio na categoria?
- R - Pelo que a gente está vendo agora não tem não. Mas é meio duvidoso. A maioria dos sócios é nas pequenas empresas, que a gente não consegue atingir, porque a gente não tem estrutura. São fábricas com menos de 100 operários. Nós temos dados de fábricas com 30 operários, sendo 29 sócios do

- Sindicato. E dessas fábricas pequenas é o pessoal que mais usa o ambulatório médico do Sindicato. Não tem convênio. Então o cara ao invés de ir ao INPS vai ao Sindicato e é melhor para o empresário pequeno porque não tem fila e não perde tempo. O Joaquim nas intervenções que faz ele usa essa conversa para o problema assistencial, haja visto os boletins dele, que sempre têm mostrado ambulatório médico, colônia de férias, clube de campo. Quer dizer: Ele vem falando dessas coisas. E isso falando para o pessoal que usa mais. Não está falando para a Oposição.
- P - E o discurso dele, por que é que ele radicaliza quando faz discurso?
- R - É demagogia mesmo.
- P - Como você vê o papel da luta operária na luta geral por liberdades democráticas?
- R - A gente sabe que toda classe tem seu problema. O problema do trabalhador é mais consequente porque ele é o elemento responsável por tudo que está aí. É o elemento que transforma as coisas. Inclusive você pode analisar que qualquer greve em setor do trabalhador é mais consequente. Você parou de produzir, parou todo o processo de riqueza. Um operário parado é um risco para a nação em geral. É diferente do problema estudantil que quando está em greve tem mobilização mas não é tão consequente quanto a classe trabalhadora. Agora eu vejo que, no geral, todas as classes que entram num processo de reivindicação tem que aglutinar. Por exemplo, em termos políticos: tanto os trabalhadores quanto os estudantes, na hora do "vamos ver" tem que estar juntos. Cada um tem seu papel específicos mas no geral tem seu papel em comum.
- P - E no campo como é que pode haver contato? Qual a participação dos operários no processo no campo

R - Acho que a mobilização vai ser feita pelo campo, que é detentor da coisa. Mas eu vejo que o campo nês está menos protegido ainda. Está mais seco ainda, dado ao processo de grandes propriedades que é o Brasil atualmente. A terra está concentra da na mão de pouca gente e tem muita gente sem terra. Mas eu vejo que o camponês é quem deve dar essa contribuição. O processo de mudanças está na mão do camponês. Está muito atrasado, mas é o único cara que pode brigar por uma coisa mais concreta que é a terra.

P - Quais as reivindicações principais hoje, tanto para a classe operária quanto para outros setores da sociedade?

R - Para a sociedade em geral seria a Constituinte, onde toda a população pudesse participar dela. E dentro disso aí, cada classe teria a sua parte assegurada. No caso do operário, é o problema econômico e a liberdade de organização.

UMA CARTA PARA SANTO

(escrita por centenas de vizinhos, cada um escrevendo uma frase, no dia seguinte ao seu enterro).

Santo, sua vida foi do povo e pela família. A nossa amizade será como o sol. Uma nuvem pode escondê-la mas apacá-lo de nossas memórias, nunca.

Sua morte é a semente que vai fazer brotar muitos lutadores no meio do povo. Sua morte nunca mais será esquecida e ela ajudará a chegar à vitória da luta dos explorados contra os exploradores.

Desde quando o conheci, sempre foi um homem bom e humilde. Viveu lutando pela justiça, contra a carestia e pelo salário que era pouco. Amigo Santo, sua morte será vingada, seu sangue não será derramado em vão.

Santo, amigo, irmão, companheiro de luta, conforto para todas as horas. Tudo o que você é ficará sempre como força na conquista de uma nova vida. Enquanto houver luta para a nossa classe você estará vivo dentro dos nossos corações.

Como grupo de trabalho sempre estivemos juntos, hoje você partiu mas nós continuamos e você está presente em todo trabalho e em cada um de nós na luta que continua.

A classe operária não desonrará sua morte e continuará sua luta. Santo, amigo de confiança, você nunca descuidou da luta pela justiça por isso você foi assassinado. Mas nós estamos aqui.

A ditadura assassina matou teu corpo, mas tuas idéias ela jamais poderá matar. Suas idéias, Santo, estarão sempre presentes onde houver um operário explorado. A classe operária saberá honrar seus heróis.

Tenha certeza, nós vingaremos a sua morte até a classe operária se libertar.

Eu sei que você, Santo, como operário iniciou uma construção que jamais terá fim, nós vamos continuar lutando para defender o sangue que por nós você derramou.

Me lembro de você, com avental, na cozinha lavando louça, dividindo com sua companheira Ana as tarefas domésticas. Santo, me lembro de você junto com sua companheira, conclamando os companheiros para lutarem no Sindicato e transformá-lo num verdadeiro órgão de defesa da classe operária.

Companheiro Santo, você viveu como um verdadeiro líder e sua morte longe de representar um abatimento deu-nos muito mais forças para lutar. Nossa união há de transformar essa tristeza pela separação em uma vitória de todo nosso povo.

Operário brasileiro morre por lutar por melhores salários.

Quando você tombou a classe operária do mundo inteiro baixou a cabeça, cerrou os dentes e uma lágrima rolou. E cada companheiro que tomba é uma semente, é fermento e exemplo, é estímulo para continuar a luta.

Você foi como Cristo que derramou o seu sangue pelos irmãos. Você derramou seu sangue pelos operários.

A melhor maneira de te sentir presente é prosseguir ao seu trabalho, no nosso trabalho.

Quando vi você sendo sepultado, falei que eu nunca ia decepcioná-lo, e com aquele sorriso em seus lábios, eu senti por dentro que me entendeu.

O senhor Santo era um bom vizinho e um grande cidadão humano, era um homem sereno, calmo, com convicção profunda e uma fé viva; um homem corajoso e forte, cheio de esperança. Seu sangue tem que gerar muita vida.

Estamos prontos para dar uma palavra de resposta ao meu velho companheiro Santo, que ficou na história do povo brasileiro do século 20. Foi soldado de um grande batalhão. Foi morto pela mão do inimigo. Meu voto de protesto. Ele não se negociou.

Agora só nos resta uma coisa: unir nossas forças e pedir que se faça justiça para que isto não aconteça de novo.

Santo nunca deixou a luta pela metade.

Santo representou para mim um mundo novo. Foi ele que abriu os meus olhos para um mundo diferente. Fomos companheiros de trabalho por mais de 2 anos. Eu tinha dificuldade com a minha companheira porque não aceitava o meu trabalho. Com a morte do companheiro ela me abraçou e disse que ia dar total apoio.

Os inimigos da justiça tentaram nos separar, mas você continua à frente de nossa luta. Santo, você será lembrado por outras gerações. Se o grão de trigo não morrer não dará fruto.

Santo, a vitória da classe operária vingará a tua morte.

Os pontos e as reivindicações dele foram sempre as mesmas: liberdade sindical, direito de greve, comissões de fábrica, delegado sindical e outras reivindicações que fossem benéficas ao operariado em geral.

Apreendi muito com você, principalmente no profundo respeito que tinha pela vida. Sorria ao olhar a família, sorria ao ver um abacateiro crescer, planta-

do por suas mãos. Era um homem de plantar e fazer crescer árvores e idéias.

Santo, a tua morte faz unir o povo para continuar a luta pelos seus direitos de viver, viver de verdade.

Você foi para mim um pai que me educou e me formou na importância de termos um sindicato livre e que realmente lute pela classe operária e minha alegria é ter podido estar junto até os últimos momentos, defendendo nossos companheiros.

Praticar o direito e a justiça, livrar o oprimido das mãos do opressor; esse era o lema que você usava na sua luta de libertação da classe trabalhadora.

A gente conhece realmente as pessoas é na luta. É aí que uns crescem e outros ficam pequenos. O Santo foi um dos que, a cada dia, a cada provação, só fazia crescer.

O POVO DA ZONA SUL

Ana: "não há vitória sem sangue"

Dois coisas impressionantes se via em Ana Maria do Carmo e Silva, 36 anos, uma das líderes do Movimento Contra a Carestia, viúva de Santo Dias, na manhã seguinte ao enterro do herói da classe operária: seu profundo abalo e uma incrível firmeza, vontade de prosseguir na luta e honrar o sangue de seu marido assassinado. Falou muito pouco, mas o suficiente:

"Uma coisa que eu quero que todas as pessoas saibam: o sangue que o Santo derramou foi em favor da luta operária. Que todos os operários que acham que não é certo morrer assim, pensem que só dá certo, só se consegue as coisas quando se luta. O Santo morreu pelo bem de todos. Eu sei que se ele não tivesse morrido e tivesse ficado ferido, ele não ia ter medo, ia continuar lutando, até a vitória final da classe operária. É preciso falar bem alto, para todo mundo ouvir que a vida para ele era a luta, que a gente tem que lutar até a morte. Santo derramou seu sangue, mas não há vitória sem sangue. Muitos, muitos mais vão morrer, porque o governo está assassinando, matando também pela fome, pela exploração. O governo usa as armas, é uma luta com armas, só que essas armas estão do lado errado, estão nas mãos do que protegem os interesses do patrão, os que tentam esmagar a classe operária.

Eu não deixei velar o corpo de Santo no Sindicato porque o Sindicato está nas mãos de um sujeito que está ali para fazer o jogo dos patrões. Os metalúrgicos precisam fazer uma coisa, que era um grande sonho do meu



Ana e seu filho Santo: "continuo lutando"

marido: tirar Joaquim de lá. Essa foi uma coisa pela qual ele lutou muito. E quero também que ninguém esmoreça, porque nossa luta continua. Eu continuo lutando, até o fim".

São Paulo, 29 de junho de 1982.

Exa. Revms.

Joseph Card. Ratzinger
Piazza del S. Uffizio, 11
00193 - Roma - Itália

Prezado Senhor,

Participamos do "COMITÊ DE SOLIDARIEDADE ÀS LUTAS DOS TRABALHADORES", formado por entidades que reconhecem a justiça e assumem a luta de nossos sofridos trabalhadores por melhores condições de vida, por condições mais dignas de trabalho. O papel deste Comitê é buscar, com as limitadas possibilidades que temos, de alguma forma sermos solidários com os trabalhadores nas lutas que travam, e, mais que isto, contribuir para que cresça a solidariedade entre eles, e esta seja assumida e suas formas organizadas pelos mesmos.

Reconhecemos de fundamental importância o papel desempenhado pela Igreja, seja através dos seus documentos tais como a encíclica papal "Laborem Exercens" - para citar apenas um dos mais recentes, seja através dos pronunciamentos papais (notadamente os discursos e homilias proferidos em nossa pátria), ou da própria ação de seus pastores, fazendo uma opção preferencial pelos pobres de fato, na construção de uma sociedade mais justa, humana e fraterna.

Realçamos, enesta caminhada da Igreja ao lado do povo na construção daquela sociedade, o papel desempenhado por Frei Leonardo Boff, contribuindo decisivamente para que nosso povo aprofunde a sua fé com o seu enraizamento na vida, moldando assim sua vivência de acordo com as exigências da fé, que é então realimentada pela vida. Isto está nas próprias origens do cristianismo, e aqui podemos citar a carta de S. Tiago onde ele diz "mostra-me a tua fé sem obras, que te mostrarei com obras a minha fé", sendo, portanto, desnecessário nos alongarmos sobre este ponto.

Sendo parte integrante do povo brasileiro, tendo em nós encarnada a luta de todo o povo por esta sociedade mais justa, é que lamentamos profundamente o espírito deturpador ^{sobre as} das idéias de Frei Leonardo, como aquele dos artigos publicados na revista "COMMUNIO" nº 2 de 1982, sob os auspícios da Arquidiocese do Rio de Janeiro, e no "Boletim da Revista Clero" de fevereiro e abril desta mesma Arquidiocese. Desconhecemos os objetivos de tal

prática, mas ressaltamos que ela, contrária do espírito cristão por princípio, não contribui para o avanço da Igreja nem para o aprofundamento da fé.

Pelo exposto, sentimos-nos no dever de, junto a todo o povo brasileiro, vir expressar nossa solidariedade a Frei Leonardo Boff, e manifestar o desejo de que tudo seja devidamente esclarecido tanto para se fazer justiça a Frei Leonardo, quanto para garantir que a sua contribuição à nossa caminhada não será abalada.

Atenciosamente,

Pessoas ligadas à entidades que participam do

COMITÊ DE SOLIDARIEDADE ÀS LUTAS DOS TRABALHADORES

None

R.G.

RELATORIO DO ENCONTRO REGIONAL DA PASTORAL DO MUNDO DO TRABALHO

SOROCABA, 08, 09 E 10 DE SETEMBRO DE 1978.

1. INTRODUÇÃO

Foi iniciada o encontro na sexta-feira à noite, com a apresentação de todos os presentes e um filme sobre a vida do trabalhador rural. Depois o grupo se dividiu para formar sete círculos e uma única pergunta foi debatida: "distante daquilo que já conhecemos da realidade do mundo do trabalho, como está sendo desenvolvido a ação pastoral em nossa diocese? O que existe?".

Estes círculos ajudaram o pessoal a se conhecer e mostraram que existem muitas coisas, mas também muitas diferenças de uma diocese para outra.

2. SÁBADO, 09 DE SETEMBRO

Na parte da manhã foi estudada a realidade do TRABALHADOR RURAL.

2.1. Três experiências foram apresentadas:

a) A primeira, do Luiz de Araçatuba sobre sindicato. A história e as dificuldades do sindicato da região. Atualmente o sindicato dá assistência / médica e jurídica. Na época dos dissídios, houve sempre dificuldades e a classe patronal manifesta a sua vontade de ficar fechada, embora muitos deles se dizem católicos e membros de associações católicas. Os permanentes do sindicato ficam sempre a disposição dos sócios e tentam ajudar no crescimento da consciência de classe.

b) O João da diocese de Registro falou sobre posseiros. Na região existem muitos posseiros desde muito tempo. Hoje as grandes empresas querem apossar-se da terra e vender fazendas. Os posseiros vivem com medo dos grileiros, que vêm com jagunços armados, ameaçam as famílias, dizem que têm advogados, polícia, etc., e procuram expulsar os posseiros. Para conseguir do Juiz um título de posse, os posseiros

devem pagar um advogado, porque a assistência gratuita é muito demorada. As vezes, o advogado do posseiro é também advogado dos jagunços.

Para receber o título de posse, o posseiro deve plantar, e para isso, deve derrubar a mata, mas o florestal proíbe a derrubada da mata. O posseiro vive brigando com o grileiro e com o florestal. Muitos deixam a terra para ir à São Paulo, onde acabam morando em favelas.

Reuniões são organizadas entre posseiros sobre a manutenção da posse. O João ia esclarecendo o povo nas escolas comunitárias, mas foi afastado.

c) O José da diocese de Lina, falou sobre boias-frias. O boia-fria é a pessoa que trabalha como diarista, sem garantia e sem vínculo trabalhista; mora na periferia e vai trabalhar para os grandes donos de terra, das seis da manhã a seis da tarde.

"O gato" se encarrega de tudo, atualmente, paga Cr\$ 50,00 por dia e fica com Cr\$ 5,00 para ele. Criança ganha menos. Quando chove, não trabalha. / Quem trabalha seis dias seguidos, às vezes recebe o domingo.

O boia-fria não tem sindicato, nem registro, nem carteira profissional, nem salário fixo. Depende da safra. Não tem segurança, nem serviço garantido. Muitos passam fome. Mesmo assim, existe solidariedade entre eles, os mais pobres são ajudados. A Igreja ajuda também. O boia-fria não pode viver na terra que Deus lhe deu. A Lei da Reforma Agrária nunca foi executada.

Na Igreja, o povo se reúne, debate sobre o problema da terra e mostra a necessidade de todos terem a sua terra.

Ultimamente, houve compra de vinte alqueires de terras para experiências de trabalho em roça comunitária.

2.2. APROFUNDAMENTO

A Inma ajudou a reflexão do grupo, mostrando como a Igreja tem falado sobre este problema, e refletindo a respeito da situação brasileira: o que fazer diante das três experiências apresentadas e tantas outras?

Os documentos do Concílio em 1965 mostraram como a Igreja quer participar da vida, dos sofrimentos e das angústias do povo. Em 1968, em Medellín, a Igreja refletiu sobre o papel dela na América Latina: não só estudar, mas agir.

Em outubro de 1978, em Puebla (México), vai haver um encontro para continuar o de Medellín. Desta vez, a Igreja, deve descobrir que já passou a hora de alguém falar ao povo, mas chegou o momento de ouvir o povo falar e dizer o que deve ser feito.

Na realidade, enquanto o povo não pode falar, a situação/

vai piorando: boias-frias, posseiros que perdem a terra, etc.. A Igreja falava aos poderosos e havia cada vez mais opressão. O CPI da Terra não chamou o povo, mas os grandes. O INCRA defende os fazendeiros. Hoje a Igreja, ligada a vida do mundo, deve deixar o povo falar, explicar a situação. A Igreja se abriu ao mundo, fé e vida caminham juntos. No meio do mundo, a Igreja age como fermento.

Atualmente, a divisão da renda no Brasil coloca cinco por cento (5%), ricos, ricos, donos de quase toda a riqueza nacional. O restante, noventa e cinco por cento (95%) tem poucos recursos. No Brasil muita terra em poucas mãos, muita gente com pouca terra, muitíssima gente sem terra.

Dom Aparecido, Bispo de Registro, apresentou a tarefa que procura realizar na sua diocese:

19) informar o povo dos direitos deles;

29) realizar a união: por exemplo os posseiros expulsos / foram acolhidos. Ele formou uma comissão diocesana de promoção humana, que estuda a Pedagogia do Oprimido.

As Comunidades de Base ajudam o pessoal a descobrir os / problemas da comunidade. Afinal de contas é o trabalhador que tem na mão a força do país. A máquina repressiva é grande e poderosa e oferece ao povo muitas maneiras de fugir da realidade: loteria esportiva, samba, novelas, etc., tiram o espírito crítico.

O Movimento do Custo de Vida ajudou muito a se tornar / mais consciente.

2.3. PCNTO A APROFUNDAR

Na experiência do José, a roça comunitária não vai desviar o povo da luta pelas mudanças em favor de todos? Por exemplo: a Reforma Agrária?

3. SÁBADO, À TARDE

Passou a ser estudado a realidade do TRABALHADOR UR-
BANO.

3.1. Três experiências foram apresentadas:

a) A primeira, realizada num setor da Zona Sul de Santo Amaro (São Paulo) - Experiências de Bairros periféricos de três lugares diferentes: Santo Amaro, Cupecô, Interlagos. Foi mostrado como, a partir de problemas de necessidade vital para o povo, (transporte, creche, insuficiência de escolas), ou a partir da Campanha da Fraternidade, o pessoal começa a se organizar em grupos de reflexão, sobre a vida de trabalho, sindicalismo, leis trabalhistas, economia: se cria os meios mais adaptados para isso: pesquisas, peças teatrais feitas pelo povo e para o povo, folhetos diversos, boletins, Campanha Custo de Vida, etc.. Se nota uma abertura política cada vez maior.

b) A segunda experiência de Fábricas, apresentada por três companheiros metalúrgicos do ABC, apontou diversos aspectos das recentes greves: como nasce o movimento de paralisação dentro duma seção; espontânea quando estoura a greve, ela precisa ser preparada para que seja sustentável.

A experiência vivida pelos operários durante esse período trouxe crescimento político, espírito crítico em relação ao capitalismo, suavização do modo, certa visão de sindicalismo de base...

A continuidade do movimento fica uma preocupação.

c) Uma terceira experiência: de sindicato (por Anísio). Foi mostrado como nasceu a chapa 3. A partir da necessidade dos companheiros (curso de CLT - cursos profissionais, madureza, centro jurídico) se chegou a pensar num processo de transformação do sindicato que funciona atualmente na base do peleguismo: o sindicato não se interessa pelos interesses fundamentais da categoria.

A insatisfação crescendo cada vez mais, um grupo de companheiros, em ligação permanente com as bases iniciaram a campanha salarial e definiram aos poucos, ajudados também por outras entidades, o programa da chapa - com os objetivos seguintes durante a campanha: como se ampliar, como atingir as fábricas. O pessoal assumiu, pois vinha realmente da base. A chapa formou condições e aproveitou politicamente as greves para se firmar diante dos companheiros.

As votações roubadas pela chapa da situação pelo apoio das autoridades, tiveram o resultado que cada um conhece.

3.2. Comissões de fábrica:

Foi pedido a um operário da Caterpillar dar um testemunho complementar sobre comissões de fábrica.

As greves iniciadas no ABC, não incluíam a estabilidade das comissões nas suas reivindicações, pois as bases ainda não estavam preparadas para isso quando o movimento passou para a Capital, já a idéia tinha amadurecida e um bom número de fábrica conseguiram garantir o que já tinha sido pedido desde 1967 pela la. / chapa de oposição da época: contribuição de uma comissão de fábrica e estabilidade para os membros dessa comissão durante um ou dois anos.

Uma pergunta: para que vai servir essa comissão? Em cada fábrica onde existe a comissão deve por si mesmo esclarecer o que fazer.

3.3. Fundamentação - por Irma

Entre 1955 e 1960, Juscelino Kubstchek optou oficialmente para implantar no Brasil o capitalismo internacional. O centro de tudo é o capital. O patrão é quem lucra.

Em 1966 a decisão para esse capitalismo se firma na prática dum sistema político assumido pelos militares.

Já os frutos desse sistema aparecem podres:

- a dívida externa de Cr\$ 760 bilhões;
- o fracasso do "milagre";
- o bolo cresceu, mas para quem?
- o povo cada vez mais escravo para sustentar os privilégios...

No entanto, o Povo vai crescendo, mostrando sua força, a partir de tantos grupos populares de contestação (bairros, fábricas, Custo de Vida, / etc. ...).

O povo pisa nos calos mais fortes do governo. Os problemas da Terra e de Fábrica constituem o miolo do regime.

A repressão está sempre aí - aguardando.

Por mais opressão que exista, um dia a gente vai conseguir abrir brechas.

Uma das forças de resistência: a Igreja, vem Concílio, e atitude corajosa dum minoria de cristãos que procuram ser coerentes com o evangelho.

Foi levantado o equívoco de numerosos representantes / da Igreja que não souberam ainda se definir.

A prova: o pouco de interesse, pela maioria das dioceses, em apoiar a pastoral do Mundo de Trabalho.

3.4. - Levantamento de questões apresentadas pelo plerário sobre os depoimentos do dia:

- 1) sobre sindicato - como passar da situação atual para um sindicato livre?
- 2) sobre problema da TERRA: reforma agrária.
- 3) Como fazer o trabalho?
(Custo de vida - salário ...)
- 4) Lotamento clandestino (nas cidades).
- 5) Como esse trabalho é fundamental para preparar constantemente o povo a assumir o poder um dia?
- 6) Como Unir-Enxotar as varias atitudes para a Pastoral do Mundo do Trabalho?
- 7) Como essas experiências levam a uma libertação? É só São Paulo?
- 8) Isolamento entre Capital e Interior?

3.5. A Celebração permitiu fazer a ligação entre o que se expressou hoje e a fé

A libertação do povo dos hipócritas e o papel da Missão ajudaram para a meditação.

4. SÁBADO, À NOITE

4.1. Em primeiro lugar, foram apresentados duas filmes parciais: um sobre as condições péssimas de transportes coletivos nas grandes cidades, / outro sobre acidentes de trabalho.

O debate que veio a seguir permitiu dizer que esses / filmes, feitos para especialistas, são apenas uma amostra da realidade muito pior / e mais ampla. Foi perguntado: e os acidentes, não sabem disso, o que fazer?

4.2. Em segundo lugar foi apresentada uma experiência
de Pastoral Operária

(Diocese de Campinas, por Terêncio)

a) Partindo da realidade da vida do trabalhador (trabalho e moradia) - se pergunta: a Igreja, onde está? Ela está sobretudo na vida da sociedade.

b) Foram apresentados objetivos e, meios que a Pastoral Operária oferece aos operários cristãos para enfrentar essa realidade.

Um bom grupo de uns vinte (20) elementos, a maioria operária, assumem as várias tarefas da comissão diocesana.

c) O diálogo deixou claro como a Pastoral Operária é / um grupo de operários cristãos a serviço da classe operária que procura se libertar. O método sendo fundamentalmente o "VER - JULGAR - AGIR".

4.3. Em terceiro lugar, foram colocados, por Valdemar
alguns aspectos da Pastoral Operária de São Paulo,
Capital.

Numa realidade operária cada vez mais complexa, e frente a uma diocese bem dispersa, a Pastoral Operária conseguiu se confirmar como uma das quatro linhas prioritárias.

A comissão diocesana, constituída de início, de cima / para baixo, conseguiu ampliar-se de maneira mais democrática pedindo às bases eleger representantes que viessem integrar essa comissão.

As suas tarefas atuais visam a consolidar e ampliar, / existe e foi definido dentro do 2º Plano de Pastoral da Arquidiocese.



Part.
op.

e. Res. Op.
P. D. S.

Rua Wenceslau Bras, 70 - sala 115 - Tel. 36-5531
C.E.P. - 01016 - São Paulo

Ao meu querido irmão
MILITANTE DA PASTORAL OPERÁRIA

Estamos pensando em marcar um encontro dos militantes da Pastoral Operária para o dia 18 de Maio das 9 às 16 horas no Colégio do Carmo.

Julgamos que este encontro é muito importante para todos nós envolvidos na Pastoral Operária.

A Coordenação Arquidiocesana está muito interessada neste encontro. Uma das preocupações constantes das reuniões da coordenação é a formação dos iniciantes em Pastoral Operária. Eles mostram muito interesse e boa vontade, aos poucos, entretanto, mostram-se perdidos quanto ao objetivo, método e conteúdo das reuniões de grupo.

Sentimos também que, as vezes, falta melhor entrosamento entre esses iniciantes e os militantes. Estes têm outros interesses, estão engajados em outras práticas dentro do movimento operário. Assim o militante pode se mostrar impaciente com os iniciantes, usando linguagem e método que estão acima do nível dos iniciantes. Criamos assim uma brecha muito grande e todos perdemos.

Fica aqui o convite. Neste encontro queremos contar com a sua experiência. Queremos recuperar a caminhada da própria P.O. e você faz parte dela. Pensamos que assim podemos ajudar a clarear os rumos da Pastoral Operária nestes tempos que não são os mesmos da sua época.

Estarei participando com vocês. Compareçam!

Dia: 18 /05/85 Hora: 9 às 16 horas

Local: Colégio do Carmo

Rua Martiniano de Carvalho, 114 - Liberdade

+ *Angélico*

D. ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINO
Bispo responsável pela PO
da Arquidiocese de S. Paulo